

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E SAÚDE NA
INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

DEISE FERNANDES DO NASCIMENTO

AQUI NÃO SE RECUPERA NINGUÉM: ESTRATÉGIAS DE TRABALHO
DO AGENTE DE APOIO SOCIOEDUCATIVO NA PRECARIEDADE DE
RECURSOS NA FUNDAÇÃO CASA

GUARULHOS

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E SAÚDE NA
INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

DEISE FERNANDES DO NASCIMENTO

AQUI NÃO SE RECUPERA NINGUÉM: ESTRATÉGIAS DE TRABALHO
DO/A AGENTE DE APOIO SOCIOEDUCATIVO NA PRECARIIDADE
DE RECURSOS NA FUNDAÇÃO CASA

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências.

Orientadora: Prof^a Dra. Rosário S Genta Lugli

GUARULHOS

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo ou pesquisa, desde que citada a fonte.

Este trabalho foi revisado segundo as normas da nova Ortografia da Língua Portuguesa, em vigor a partir de Janeiro de 2008.

Ficha Catalográfica

Nascimento, Deise Fernandes do

Aqui não se recupera ninguém: estratégias de trabalho do/a Agente de Apoio Socioeducativo na precariedade de recursos na Fundação Casa / Deise Fernandes do Nascimento; São Paulo, 2018.

128 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2018.

Orientadora: Profª Dra. Rosário S Genta Lugli

Título em Inglês: Here no one recovers: work strategies in the precarious resources

1 Adolescência 2. Criminalidade 3. Agente socioeducativo I. Título

AQUI NÃO SE RECUPERA NINGUÉM: ESTRATÉGIAS DE TRABALHO
DO/A AGENTE DE APOIO SOCIOEDUCATIVO NA PRECARIIDADE
DE RECURSOS NA FUNDAÇÃO CASA

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências.

Orientadora: Prof^a Dra. Rosário S Genta Lugli

Aprovado em: 25/09/2018

Arlindo da Silva Lourenço
UNINOVE

Ilka Custódio de Oliveira
FAPSS SP

Mariangela Graciano
UNIFESP

Patrícia Aparecida Amparo
Faculdade SUMARÉ

Dedico este trabalho a minha querida mãe Maria de Lourdes do Nascimento (in memorian), a qual estive ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida e ao meu querido pai Heitor Fernandes do Nascimento (in memorian), que muitas vezes me fez sorrir diante das dificuldades. Agradeço a vocês pelo exemplo de persistência e superação.

Ao meu marido, namorado e amante Wagner Alves Pereira Correia, por todas as vezes que fez dos meus dias mais alegres, por ter contribuído significativamente com esta conquista. Por ter me mostrado que valeu a pena cada escolha que realizamos juntos. Amo-te, meu amor!

As minhas filhas Bruna do Nascimento Brito e Blanca Fernandes do Nascimento Oliveira e ao meu filho Enzo Manfredini Fernandes do Nascimento Oliveira. Vocês acompanharam todo este processo e nós sabemos bem o quanto tivemos que abrir mão de momentos juntos/as para que este trabalho fosse concretizado. Vocês são o estímulo para que eu continue acreditando em um mundo melhor! Agradeço muito por ser mãe de vocês! Eu amo cada um de vocês de um jeito todo especial.

AGRADECIMENTOS

Quero iniciar agradecendo à todas/os agentes de apoio socioeducativo que confiaram em mim e que gentilmente me concederam as entrevistas para a elaboração desta pesquisa.

À Prof^a Dra. Rosário S. Genta Lugli, que me recebeu de braços abertos em um momento tão difícil da minha vida pessoal e acadêmica. Você me ajudou a voltar a acreditar em mim. Foi uma verdadeira professora freiriana. Contribuiu com o desenvolvimento da minha autonomia.

Às professoras: Andreia Agda Silva Honorato, Ilka Custódio de Oliveira, Mariângela Graciano, pelas sugestões e valiosíssimas contribuições proporcionadas por ocasião do Exame de Qualificação.

Aos meus irmãos: Demétrius Fernandes do Nascimento, Diogenes Fernandes do Nascimento, Dimas Fernandes do Nascimento, Derci Fernandes do Nascimento Carneiro e David José Fernandes do Nascimento, pelo respeito aos meus momentos de isolamento e reflexão.

Ao meu marido Wagner Alves, que fez com que cada instante deste trabalho fosse prazeroso e cheio de muitas esperanças. A todo momento me mostrou o quanto sou capaz de superar as maiores dificuldades de minha vida.

Aos meus filhos/as Bruna do Nascimento Brito, Blanca Fernandes do Nascimento Oliveira e Enzo Manfredini Fernandes do Nascimento Oliveira, que com muito amor foram acalentando o meu ser e sendo a razão mais profunda do meu viver.

"Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a primavera inteira".

Che Guevara

RESUMO

Este estudo se propõe a investigar o cotidiano de trabalho dos/as agentes de apoio socioeducativo dos centros de internação de adolescentes que cometem ato infracional e com isso identificar o quanto os sentimentos podem controlar a razão e a ação controlar a reflexão, levando as pessoas a cometerem atos jamais pensados, e neste trabalho nos referimos em especial aos agentes de apoio socioeducativo da Fundação Casa (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente) sem levar em consideração as consequências, hipótese semelhante à do estudo de Zimbardo (2015). Utilizamos o método “bola de neve” para fazer contato com os entrevistados, foram realizadas seis entrevistas com roteiro estruturado, com agentes dos centros de internação de adolescentes do estado de São Paulo. O primeiro capítulo desta tese trata da história das instituições de internação de adolescentes, com o objetivo de contextualizar as entrevistas realizadas e apontar a origem histórica da forma de atendimento dirigida a adolescentes em conflito com a lei. No segundo capítulo, as exigências e as condições de trabalho ofertada à estes/as trabalhadores/as, Já no terceiro capítulo discutimos as estratégias criadas pelos/as agentes para que tenham um relacionamentos “seguro” com os/as educandos/as internos, levando em consideração a ausência de preparo profissional. No quarto capítulo, analisamos os sentidos que são criados pelos agentes a respeito de sua ação e do contexto no qual ela se exerce.

Palavras-chave: Adolescência. Criminalidade. Tortura. Ato infracional. Trabalho socioeducativo. Internação socioeducativa.

ABSTRACT

This study intends to investigate the daily work of the socio-educational support agents of the centers of hospitalization of adolescents who commit an infraction, in order to identify how much the feelings can control the reason and the action to control the reflection, taking the people to commit acts never thought, without taking into account the consequences, a hypothesis similar to that of the Zimbardo study (2015). We used a "snowball" method to make contact with the interviewees. Sixteen interviews were conducted, with a structured script, with agents from the adolescents' internment centers in the state of São Paulo. The first chapter of this thesis is the history of the institutions of hospitalization of adolescents, with the purpose of contextualizing the interviews conducted, and pointing out the historical origin of the form of care directed at adolescents in conflict with the law. In Chapter 2, the demands and working conditions offered to these workers, in Chapter 3, we discussed the strategies created by the agents to have a "safe" relationship with the inmates, taking into account the absence of professional preparation. In Chapter 4, we analyze the senses that are created by agents about their action and the context in which it operates.

Keywords: Adolescence. Crime. Torture. Infraction act. Socio-educational work. Social and educational internment.

LISTA DE SIGLAS

BO Boletim de Ocorrência

CAD Centro de Avaliação Disciplinar

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DEIJ Departamento de Execuções da Infância e Juventude

Fundação Casa Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente

FEBEM Fundação Estadual do Bem Estar do Menor

FUNABEM Fundação Nacional do Bem Estar do Menor

GCM Guarda Civil Metropolitana

SINASE Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo

UE Unidade Educacional

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente

MNPCT Mecanismo Nacional de Proteção e Combate a Tortura

MSE Medidas Socioeducativas

PIA Plano Individual de Atendimento

RGG Reincidente Grave Gravíssimo

TAF Teste de Aptidão Física

UAP Unidade de Acolhimento Provisório

VEIJ Vara Especial da Infância e Juventude

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. DE FEBEM à Fundação CASA: a história dos serviços de internação de adolescentes em conflito com a lei.....	18
2.1 Um pouco de história.....	18
2.2 Perfil dos/as adolescentes privados de liberdade.....	29
2.2.1 Óbitos e denúncias de tortura.....	33
3. Caráter formal e informal do trabalho do/a agente de apoio socioeducativo.....	37
3.1 O cargo de agente de apoio socioeducativo: segurança ou educação?.....	37
3.2 Valorização ou desvalorização profissional	55
4. O contexto dos centros de atendimento: estratégias de controle dos/as agentes de apoio socioeducativo.....	61
5. A ação profissional orientada pela representação social	79
5.1 Representação sobre a internação em estabelecimento educacional.....	80
5.2 Representação sobre o/a adolescente.....	89
5.3 Representação sobre as famílias.....	96
5.4 Representação sobre o trabalho socioeducativo.....	99
5.5 Representação sobre si mesmo/a.....	105
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	118
APÊNDICE 1 – Roteiro da Entrevista.....	121
APÊNDICE 2 – Termo de Consentimento Livre e esclarecido.....	124
APÊNDICE 3 – Categorias de Análise.....	126

INTRODUÇÃO

Este estudo se propõe a investigar as representações sociais dos agentes de apoio socioeducativo sobre o trabalho desenvolvido nos centros de internação de adolescentes que cometem ato infracional¹. O interesse por este tema surgiu a partir da minha experiência profissional como assistente social que atua e milita na área dos direitos de crianças e adolescentes, mais precisamente, com adolescentes que cometem ato infracional e estão em cumprimento de medidas socioeducativas. Nestes 15 anos de atuação na área pude atender diversos adolescentes que, na maioria dos casos, relatavam suas experiências ao terem passado pelos centros de atendimento da Fundação Casa (Centro de Atendimento Socioeducativo), marcados/as por uma trajetória de violações de direito praticadas pelos agentes de apoio socioeducativo e das próprias políticas públicas; além destes relatos tive a oportunidade de conhecer vários documentos e pessoas que atuavam na área dos Direitos Humanos e que sempre apontavam para mesma direção.

Mas o que sempre me trouxe inquietação foi o fato de apesar das mudanças legais que são preconizadas pelo SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo), que vai da estrutura física das unidades de internação até os procedimentos pedagógicos, os relatos de tortura continuavam e continuam existindo, e o tipo de resposta também se mantém a mesma: responsabilizar os/as agentes socioeducativos, individualmente, pelas situações que fogem do controle, sendo muitas vezes até exonerados/as dos cargos, como iremos tratar neste trabalho. E como desafio para quem esteve acostumada a olhar a situação a partir do olhar dos/as adolescentes e do movimento de defesa destes, esta pesquisa visou ir para além das aparências, como diz Moscovici (2017):

Como pessoas comuns, sem o benefício dos instrumentos científicos, tendemos a considerar e analisar o mundo de uma maneira semelhante; especialmente quando o mundo em que vivemos é totalmente social. Isso significa que nós nunca conseguiremos nenhuma informação que não tenha sido distorcida por representações “superimpostas” aos objetos e às pessoas que lhes dão certa vaguidade e as fazem parcialmente inacessíveis. Quando contemplamos esses indivíduos e objetos, nossa predisposição genética herdada, as imagens e hábitos que nós já aprendemos, as suas recordações que nós preservamos e nossas categorias culturais, tudo isso se junta para fazê-las tais como as vemos. Assim em última análise, elas são apenas um elemento de uma cadeia de reação de percepções, opiniões, noções e mesmo vidas, organizadas em uma determinada sequência. É essencial lembrar tais lugares comuns

¹ **Art. 103.** Considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal. (Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8069/1990)

quando nos aproximamos do domínio da vida mental na psicologia social. (...) (MOSCOVICI, 2017, p. 33).

Este foi um desafio incrível, visto que por muitas vezes pensei não conseguir, por não conseguir olhar para estes/as agentes a partir de um outro enfoque que não o que os julgava e os condenava. Esta dificuldade me levou a vários momentos não conseguir avançar na escrita, visto o meu envolvimento, não apenas científico, mas emocional com os/as adolescentes que passaram pela minha vida profissional. Considero que estou amadurecendo este olhar, tentando cada vez mais me afastar do lugar confortável de quem acusa sem uma análise mais profunda dos acontecimentos, não que isto sirva para amenizar qualquer achado desta pesquisa relacionado a situações de violência, mas para que possamos ter maior entendimento deste fenômeno que atravessa a história desta instituição, como iremos ver no primeiro capítulo.

Analizamos aqui uma hipótese semelhante à do famoso estudo de Zimbardo (2015) da década de 1960 – “o experimento da prisão”, realizado em Stanford – que foi rediscutido no livro “Efeito Lúcifer”, no qual o autor procura responder ao porquê de pessoas comuns, sem patologias psicológicas de nenhuma ordem, realizarem atos eticamente condenáveis, de violência exarcebada. De acordo com esse autor, a análise da situação institucional, dos constrangimentos da autoridade, da própria lógica de funcionamento das prisões (no caso do estudo de Stanford e de Abu Gharib) levam pessoas que não têm, na vida cotidiana, impulsos cruéis, a cometerem atos de tortura. Ele defende a análise da lógica situacional para compreender essas expressões da maldade humana. São centrais na explicação do autor os fenômenos do anonimato e a desindividuação, que podem levar os indivíduos a tomar decisões e praticar atos condenáveis por considerarem que não serão identificados, levando as pessoas a cometerem atos jamais pensados, sem levar em consideração as consequências.

Quando pessoas se sentem anônimas em uma situação, como se ninguém soubesse sua verdadeira identidade (e portanto, ninguém provavelmente se importasse), elas podem ser mais facilmente induzidas a tomar posturas antissociais. Isso ocorre principalmente se o ambiente permite que se sigam os impulsos ou ordens ou diretrizes normalmente desdenhados. (ZIMBARDO, 2015, p. 310)

Para situar esta pesquisa com relação aos estudos que tem sido feitos no Brasil, realizamos um levantamento das produções científicas brasileiras produzidas de 2009 a 2015, sobre questões relacionadas ao adolescente em medida

socioeducativa, pois num primeiro momento, ainda não estava decidido qual seria o tema da pesquisa, visto que muito já se produziu sobre adolescência e ato infracional. Para a realização deste levantamento usamos as seguintes palavras chave: medidas socioeducativas, SINASE e liberdade assistida, atendimento socioeducativo, técnico social e medidas socioeducativas, serviço social e medidas socioeducativas, adolescência e ato infracional, medidas socioeducativas. A partir destas palavras identificamos que há uma forte tendência em priorizar a investigação das condições de vida dos adolescentes com o intuito de produção de denúncias contra o sistema socioeducativo, com foco nas histórias de vida dos adolescentes, com relevância para as questões socioeconômicas e educacionais. Ao mesmo tempo em que encontramos poucas produções que analisam a realidade vivenciada pelos trabalhadores/as do sistema socioeducativo.

De um montante de aproximadamente 130 produções, as quais estão disponíveis no banco de dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), apenas quatro tratavam especificamente do trabalho desenvolvido pelos agentes de apoio socioeducativo, porém o foco destas está relacionado à competência moral dos agentes, possíveis distúrbios psíquicos, perfil e formação profissional

Faz-se importante discutir a influência do contexto nas ações dos/as trabalhadores/as socioeducativos, entendendo que a instituição responde a uma lógica histórica e cultural, de controle da pobreza, encarcerando a população jovem, pobre, preta e periférica.

Nesse sentido, foram consideradas as demandas que chegam a esses/as trabalhadores/as no momento de sua contratação e as condições efetivas de trabalho que enfrentam, como expressões da realidade institucional que encontram no momento em que são encarregados de “manter a ordem e a disciplina”, nada, além disto.

A princípio, este trabalho teve como proposta realizar uma investigação etnográfica na Fundação Casa, pois entendíamos a importância de conhecer por dentro os meandros da instituição, porém isso não foi possível devido à negativa de seus dirigentes. Vale ressaltar que entramos com uma solicitação de autorização para a execução desta pesquisa junto à Superintendência da Fundação CASA e realizamos todos os procedimentos legais para que pudéssemos iniciar o processo

de investigação. Sendo assim, demos entrada em uma primeira versão do projeto de pesquisa que previa que as entrevistas com os agentes de apoio socioeducativo fossem realizadas dentro do seu espaço sócio ocupacional, porém nos foi negada esta possibilidade, houve a alegação que a Fundação havia iniciado um processo de formação profissional com os/as agentes socioeducativos e que a nossa presença poderia trazer algum tipo de desconforto. Neste sentido não ficou muito claro se o motivo apresentado de fato era o motivo real da negativa de autorização da nossa pesquisa dentro das unidades de internação.

Foi neste momento que iniciamos a busca por agentes de apoio socioeducativo que estivessem dispostos a contribuir com a nossa pesquisa por meio de depoimentos individuais. E foi surpreendente como encontramos trabalhadores/as interessados/as, dispostos a nos desvelar uma parte do seu cotidiano. Para que pudéssemos dar andamento ao processo de pesquisa nós utilizamos do método “bola de neve” para fazer contato com os entrevistados:

Apesar de suas limitações, a amostragem em bola de neve pode ser útil para pesquisar grupos difíceis de serem acessados ou estudados, bem como quando não há precisão sobre sua quantidade. Além disso, esse tipo específico de amostragem também é útil para estudar questões delicadas, de âmbito privado e, portanto, que requer o conhecimento das pessoas pertencentes ao grupo ou reconhecidos por estas para localizar informantes para estudo. (VINUTO, 2014, p.1)

Assim iniciamos a nossa busca, procurando identificar pessoas do nosso relacionamento acadêmico que pudessem nos ajudar a encontrar agentes de apoio socioeducativos dispostos a falar, não foi muito difícil e, em menos de um mês já tínhamos agendadas cinco entrevistas, de uma amostra de seis agentes. A disponibilidade destes agentes foi surpreendente; não encontramos resistência; inclusive verbalizavam que nunca haviam participado de uma pesquisa que se propusesse a discutir a atuação destes profissionais e que normalmente as pesquisas tem como foco o cotidiano da Fundação na perspectiva do adolescente internado. Logo de início percebemos o quanto o espaço da entrevista se tornou, em muitos momentos, em um espaço de desabafos e expressão de inquietações.

As entrevistas tiveram que ocorrer em espaços diversos, tais como padarias, lanchonetes e cafeterias, visto que os/as entrevistados/as preferiram lugares públicos de fácil acesso. Todos os nomes utilizados neste trabalho são fictícios, respeitando a legislação para produção de pesquisas com humanos.

Realizamos entrevistas individuais, a partir de um roteiro semi estruturado, Dos seis agentes de apoio socioeducativo apenas um não atua mais na área, mas todos/as possuem mais de dez anos de atuação em medidas de internação em estabelecimento educacional, apenas um não possui curso superior, todos/as os/as outros cursaram o ensino superior quando já atuavam na Fundação CASA. Parte dos/as entrevistados/as viviam em uma situação socioeconômica de muitas privações e encontraram no acesso a um concurso público a possibilidade de ascensão social, o que de alguma maneira ocorreu. Outro fator importante é o fato de parte dos/as entrevistados/as terem iniciado sua carreira na instituição entre seus 20 anos de idade, idade muito próxima dos/as adolescentes internados, ou seja, em geral os/as entrevistados/as eram jovens ao adentrar na instituição, sem nenhum tipo de formação que os auxiliasse na execução de suas atribuições. Esta situação será explorada no terceiro capítulo. Abaixo quadro do perfil dos/as entrevistados.

Nome (fictício)	Idade	Raça/Cor (auto declarada)	Sexo	Tempo de atuação na instituição
Jaqueline	58	PARDA	FEMININO	17 ANOS
Joana	42	NEGRA	FEMININO	14 ANOS
Fabiana	51	PARDA	FEMININO0	18 ANOS
Pedro	38	BRANCO	MASCULINO	15 ANOS
Marcelo	48	PARDO	MASCULINO	11 ANOS
Manoel	38	PARDO	MASCULINO	11 ANOS

Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas com fidelidade ao tom oral, reescritas para a compreensão do leitor e sistematizadas de acordo com categorias básicas propostas no projeto e outras que emergiram da análise do conteúdo, tal como proposta por Bardin (1977). A lista das categorias, com seus respectivos descritores, encontra-se no Apêndice.

Desta maneira temos o objetivo de compreender as representações sobre o trabalho realizado pelos Agentes de Apoio Socioeducativo, levando em consideração o contexto vivido cotidianamente nas instituições, e assim, buscar compreender como os condicionantes institucionais afetam sua maneira de agir, e

ainda caracterizar os saberes e práticas da ação dos/as agentes de apoio socioeducativo, mapear as representações dos agentes sobre os adolescentes e seus familiares, Investigar a compreensão do aspecto educacional em seu trabalho e conhecer a história de vida dos agentes de apoio socioeducativo.

O primeiro capítulo desta tese será dedicado à história da Fundação CASA, de modo a proporcionar um certo contexto para as entrevistas e mostrar as origens históricas do estilo de atendimento e intervenção que ali se realiza. Em seguida, no segundo capítulo, as exigências institucionais que se fazem aos agentes, ou seja, o quadro geral em que seu trabalho se insere e é caracterizado, de modo que se possa demonstrar sua insuficiência diante da tarefa que eles/as, na verdade, enfrentam cotidianamente. No terceiro capítulo as estratégias que os agentes criam para estabelecer relacionamentos “seguros” com os internos, na ausência de preparo adequado ou contenção institucional. Em seguida, no quarto capítulo, analisam-se os sentidos que são criados pelos agentes a respeito de sua ação e do contexto no qual ela se exerce.

2. DE FEBEM A FUNDAÇÃO CASA: A HISTÓRIA DE SERVIÇOS DE INTERNAÇÃO DE ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

Neste capítulo discutiremos questões que envolvem o surgimento das unidades educacionais de internação, as quais apresentam como objetivo disciplinar adolescentes que cometem infrações, bem como o caráter formal do trabalho desenvolvido pelos/as agentes de apoio socioeducativo e o perfil dos/as adolescentes atendidos nas unidades de internação. Toda história institucional é composta por continuidades e rupturas, que podemos perceber mais nas práticas cotidianas do que nas mudanças propostas pelos marcos legais. Em parte, é o que se busca aqui demonstrar.

2.1 Um pouco de história...

Em 1º de dezembro de 1964, foi promulgada a lei que deu origem à Fundação do Bem Estar do Menor (Funabem)², e nos estados brasileiros foram implantadas as unidades da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (Febem). Segundo Trassi (2006) no estado de São Paulo tínhamos o seguinte cenário para a implantação da Febem: era a cidade que mais crescia na América Latina, com elevado nível de acumulação de riqueza, centro de concentração do capitalismo brasileiro, as maiores empresas do país situavam-se na região metropolitana, havia condições precárias de sobrevivência dos/as trabalhadores/as e também, era um polo de resistência ao golpe militar de 1964, ou seja, um cenário de grandes conflitos.

Dentro do contexto temos, em 1975, a implantação da primeira Unidade Educacional (UE-15), a qual foi reformada em 1977 e denominada de Unidade Educacional Desembargador Theodomiro Dias. Os idealizadores dessa unidade eram técnicos³ que buscavam a superação da concepção menorista, ou seja, assistencialista e repressiva, o que contrariava todo teor da legislação da época. Por essa razão, esses técnicos chamavam os internos de alunos, e a unidade educacional de colégio, buscando superar a lógica da patologização da adolescência em conflito com a lei:

(...) Isto se explicitava na substituição do termo menor por aluno, na proposta de funcionamento institucional que implementasse a prática

2 Lei n.º 4.513, de 1º de dezembro de 1964 – Autoriza o Poder Executivo a criar a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, a ela incorporando o patrimônio e as atribuições do Serviço de Assistência a Menores,

3 A equipe técnica era composta pela assistente social Maria Ignês Bierrenbach (Na década de 1980 foi presidente da Febem/SP, o pedagogo Julio Lancellotti (Fundador da Pastoral do Menor em São Paulo), entre outras/os.

educacional e, particularmente, a busca de não patologizar a conduta do adolescente infrator. Esta unidade atendeu muito poucos (dois ou três) adolescentes em estado de sofrimento psíquico, o que contrasta com os dados da época, documentados na pesquisa do Cebrap, de considerar o adolescente autor de ato infracional portador de graves distúrbios psíquicos como uma tentativa de compreender. (TRASSI, 2006, p. 76)

A equipe de planejamento do funcionamento desta unidade, a qual foi instalada no Pavilhão Central do Quadrilátero do Tatuapé, reorganizou o fluxo de recepção-triagem-unidades educacionais com enfoque na garantia de um atendimento eficiente, pois se tratava da primeira unidade da cidade e ainda com um trabalho interdisciplinar.

Antes do final da década de 1970 a equipe de trabalhadoras/es envolvidos neste processo se desvinculam da instituição, alegando a ausência de apoio político institucional para a continuidade das ações de caráter pedagógico, e é neste momento que setores reacionários assumem o controle da instituição. Além desta unidade, outras foram criadas na cidade de São Paulo, e todas elas com um caráter oposto ao da criação da primeira unidade, com um viés repressor e punitivo.

O ano de 1979 é um ano marcante na história dos direitos de crianças e adolescentes no Brasil. Naquele mesmo ano, não menos importante, foi aprovada a Lei nº 6.697, a qual é conhecida popularmente como a Revisão do Código de Menores. Segundo Nascimento (2011) este momento ganha força estrutural a doutrina que associava a proteção ao menor à lógica da “situação irregular”, reforçando estigmas sociais de associação da pobreza a delinquência.

Durante a década de 1980, os movimentos sociais organizados pelo fim da Ditadura Militar ganhavam força e foi neste momento, quando o movimento estatutista, que defendia a ideia da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, alcançou o seu maior êxito, pois eles conseguiram recolher 1,5 milhão de assinaturas com o lema: “Criança prioridade nacional”, em total oposição à política de Segurança Nacional.

Com a queda da ditadura e a volta da democracia temos a inserção na Constituição Federal de 1988 o artigo 227, expressando claramente a luta do movimento estatutista:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária,

além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

É do artigo 227 da Constituição Federal que se origina a Lei 8069/1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o qual traz uma alteração radical na forma de conceber a população infanto-juvenil no Brasil: crianças e adolescentes, em especial os que vivem em situação de pobreza, deixam de ser vistos como caso de Segurança Nacional e passam ser vistos como Prioridade Nacional.

No que tange às sanções aplicadas aos adolescentes que cometem ato infracional é possível constatar a diferença substancial entre o Código de Menores de 1927, o de 1979 e o ECA. No Código de Menores de 1927 havia uma distinção entre os considerados menores e ainda a aplicação da medida de internação, se o adolescente fosse considerado abandonado, pervertido ou em perigo de o ser, este seria internado em escola de reforma por todo tempo necessário à sua educação, e este tempo, variava de no mínimo três anos e no máximo sete anos, porém se o adolescente não fosse abandonado, nem pervertido e nem estava em perigo de ser, este teria uma internação na escola de reforma por um período de um a cinco anos.

É no Código de Menores de 1979, em seu artigo 40, que a internação começa a aparecer como indicada apenas quando outras sanções fossem inviáveis, porém, não há menção ao tempo mínimo e nem máximo de internação, apenas que as avaliações deveriam ser realizadas no prazo de dois anos para a manutenção da medida. Esta lei permitia que, na falta de unidades de internação adequadas à idade, os adolescentes poderiam ser internados em estabelecimentos destinados a maiores de idade, desde que não houvesse contato entre eles. E, ainda, caso o adolescente alcançasse a maioridade e não tivesse terminado de cumprir o tempo de internação considerado apropriado, este era transferido para as prisões de adultos, até que sua liberdade fosse instituída.

Já no ECA temos prevista a aplicação de seis medidas socioeducativas em caso de cometimento de ato infracional por adolescente, sendo que a internação é denominada de: "Internação em Estabelecimento Educacional", por um tempo máximo de 3 anos e com a extinção da medida quando o adolescente completar 21 anos. A princípio, esta mudança da lei não foi o suficiente para mudar a maneira de execução da medida de internação, pois as unidades da Febem estavam alinhadas

ao antigo código, ou seja, embora o ECA tivesse sido promulgado, as raízes ideológicas dos Códigos de Menores permaneceram.

A década de 1990 expressa nitidamente a necessidade de mudança: temos em São Paulo a crise do modelo Febem, representado por uma série de rebeliões. Estas apontavam para questões tais como: superlotação das unidades devido a internações desnecessárias, falta de informação dos adolescentes quanto aos seus processos, denúncias de maus tratos sofridos pelos adolescentes, espaço físico inadequados, precariedade do atendimento técnico, entre outras questões.

Na fala do entrevistado Marcelo podemos ver que houve situações terríveis que ficaram entre os muros da Febem, como a rebelião de 1993, no Complexo do Tatuapé:

Marcelo: (...) aquela [rebelião] que teve em 1993, porque queimaram todos os arquivos da FEBEM por estímulo de monitores, pra queimar muito arquivo que tinha muito, muito monitor com processo nas costas. O que que aconteceu? Trabalhava lá no protocolo aquela época, não era tipo hoje que era digital, era aquela época de arquivos, a gente montava pasta e ficavam aqueles calhamaços de processos, aí ia pra arquivo morto. Imagina o tanto de arquivo que tinha ali? Processo de monitor tava explodindo, tava pra transição, tava de mulher até de homem, tinha também tanto processo, tanto processo que uma hora ia explodir. Por vez que fizeram um estímulo, uma ordem que teve na FEBEM, que foi essa de 93, teve, teve queima de arquivo, teve queima de arquivo de pessoas, teve queima de arquivo de menor, entendeu? (...) eu tirei 82 menor, 82 menor, eu fui promovido nessa época, minha terceira promoção. (...) morreu muitos menores, mortos, eu fiquei em prantos, sabe? Cheiro de coisa ruim mesmo, os moleques jogava colchão, tive que fazer toda limpeza do quadrilátero, olha só, em uma semana é impossível, até você fazer toda essa vistoria você vai levar um tempo, tinha hora pra chegar, sete da manhã aí o pessoal saía, sabe quando eu entrava no quarto deles, maioria mulher, metade, 30% homem, setenta mulher e tinha que entrar lá de máscara porque o cheiro era insuportável, tirava um colchão, tinha um ali derretido, ave Maria era um negócio, ia lá chamava o IML, ia lá e limpava que aí o.. passou a reportagem que queria saber o que aconteceu lá dentro, tinha dado a entrevistas já tinha dado a entrevista, La fora diziam e que tava tudo sob controle com os menores e foi tudo transferido. Mentira, tinha 82 menores ali morto, a limpeza geral, por isso que falei eu comecei essa parte foi mais dramático na situação, da minha vida que eu vi ali foi, que presenciei uma coisa pesada, aí beleza, foi feito todo o trabalho, começou a chegar limpeza, os caras começaram a fazer limpezas, limpar, por a estrutura toda, muitos funcionários, Muito, oitenta por cento, a maioria pediu afastamento, afastamento (...) (informação verbal)⁴

O entrevistado acima nos traz mais uma face dos acontecimentos daquela década, marcada pela violência e desumanização. Neste momento de transição podemos perceber as atrocidades que foram vivenciadas tanto pelos adolescentes como pelos trabalhadores. Quando Marcelo relata a situação de 82 adolescentes

⁴ Informação fornecida por Marcelo em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, outubro de 2016)

mortos na instituição, que ele chamou de “queima de arquivo de pessoas” e que teve que pessoalmente retirar os corpos, já nos mostra o quanto a situação era dramática e de extrema violação dos direitos humanos. E, o que é pior, toda esta situação permaneceu invisível aos olhos da sociedade, pois a morte de 82 adolescentes, como narrado por Marcelo, foi anunciada simplesmente como transferência de unidade, porém não conseguimos encontrar notícias sobre como os/as responsáveis pelos adolescentes e/ou jovens reagiram diante de tal situação.

Na mídia, as rebeliões ganharam grande repercussão: o jornal Folha de São Paulo, de 26/10/1999, publicou um caderno especial dando grande visibilidade ao tema. Este mesmo jornal, dois meses depois, publicou uma matéria intitulada “Cronologia da crise”, a qual refiro abaixo:

Cronologia da crise

4.ago - 50 adolescentes fogem da Febem Imigrantes após rebelião.

31.ago - Liminar afasta judicialmente o então presidente da Febem, Eduardo Roberto Domingues da Silva, e três diretores do complexo da Imigrantes.

1º.set - Guido de Andrade assume a presidência da Febem.

3.set - 64 internos fogem da Febem do Tatuapé. Fugas de menores de janeiro a julho já chegam a 1.322.

11 e 12.set - Rebelião na Febem Imigrantes termina com a fuga recorde de 644 menores (45% dos internos). O ministro José Carlos Dias (Justiça) diz que a situação "é inacreditável".

14.set - 37 menores fogem do complexo da Febem no Tatuapé.

17.set - 3 adolescentes infratores armados de estiletes rendem o coordenador na Febem de Franco da Rocha, e 11 menores fogem da Unidade Educacional (UE)-5, do complexo do Tatuapé da Febem, na sexta fuga de menores da instituição em sete dias.

27.set - Cerca de 60 funcionários da Febem Imigrantes fazem protesto e ameaçam greve.

27.set - Covas manda a tropa de choque da PM para dentro das unidades da Febem, em uma tentativa de conter as fugas.

23,24 e 25.out - Internos matam 4, ferem 48, destroem 3 prédios e mantêm reféns por 18 horas na unidade da Imigrantes, na maior e pior rebelião da história da instituição.

28.out - Guido de Andrade pede demissão e diz que vai voltar para advocacia.

29.out - Covas diz que vai assumir pessoalmente o comando da Febem e que vai gastar metade de seu tempo com a entidade.

06.dez - Os 400 menores que foram transferidos das unidades da Febem do Tatuapé e da Imigrantes para o Cadeião de Santo André se rebelam. A polícia controla o motim.

12.dez - Vistoria do Ministério Público no Cadeião de Santo André, onde estão abrigados provisoriamente 322 internos da Febem, concluiu que 19 adolescentes foram agredidos por monitores e também por outros menores.

13.dez - Nove menores fogem do Cadeião 3 de Pinheiros por uma corda feita de lençóis e roupas.

15.dez - Dois internos da Febem fogem do Cadeião de Santo André, após roubarem carro que fornecia alimentos para o presídio.

26 e 27.dez - Rebelião no cadeião de Santo André termina com um interno morto e seis feridos, um deles em estado grave. (Folha de São Paulo, 1999)

Nessa reportagem vemos a sucessão de comandos da Febem que ocorreu neste período. Em 1999, Guido Andrade ficou pouco mais de um mês e meio na presidência da instituição. A troca de comando citada não foi um fato isolado para aquele ano, mas sim uma característica que acompanhou a história desta instituição.

Nascida sob a repressão da ditadura militar, a entidade vive em crise permanente marcada por violência e encarceramento nos grandes complexos. Trocou de presidente mais de 60 vezes e é alvo freqüente de denúncias por parte do Ministério Público Estadual, tornando-se muito citada em relatórios de entidades ligadas aos direitos humanos. (TAVARES, 2008, p.17).

A entrevistada Jaqueline nos traz mais um pouco deste momento da crise do ano de 1999, mostrando o quanto foi violento todo aquele período, o quanto a violência não afetava apenas os/as adolescentes internos/as, mas também os/as funcionários/as que atuavam diretamente com os/s internos/as. O que nos faz pensar sobre os impactos de todas estas ações no cotidiano de trabalho dos/as agentes de apoio socioeducativo.

Deise: E como que era o trabalho das UAPs?

Jaqueline: Ah, era um trabalho muito desumano, muito desumano, super lotação, maus tratos, tinham muito maus tratos naquela época sabe, coisas bem explícitas mesmo. Aquela história da cabeça, que uma época que teve uma rebelião na Imigrantes, cortaram a cabeça de um jovem e jogaram pra fora do muro,

Deise: Você estava lá?

Jaqueline: Estava, eu não vi... não presenciei, mais assim é...depois que desativou, que teve toda aquela rebelião, aquela confusão toda que o Covas [Governador do estado de SP] mandou desativar, aí teve um dia que pedi pra eu entrar pra mim ver o que fazia, eu não consegui entrar, tinha sangue no chão pedaço de membros...[silêncio]...sabe assim coisas,,,

Deise: Dentro do pátio desativado?

Jaqueline: Dentro do pátio, desativado tinha roupas ensanguentadas, sabe assim? Calçados jogados, eu voltei da metade do caminho.

(...)

Deise: Havia quantos agentes, monitores na época?

Jaqueline: Não, não me lembro assim, mas era quantidades de pessoas, era muita gente por que aí os funcionários do Complexo Imigrantes, foram alocados nos mesmos cadeiões, assim então eram quantidades assim muito grandes, era muito na secretaria técnica eram nove funcionárias, nós trabalhávamos até a noite para dar conta do trabalho, os meninos seguros, naquela época tinha os tais dos “seguros” ficava na triagem na cadeia né... esses seguros dava muito trabalho porque esses seguros eram poderosos, meninos, são meninos que cometeram delitos pesados, tinham o Baianinho, o Pepita eram os vulgos, eram os conhecidos assim, os poderosos... sabe eles tinham o poder de mandar que não sei o que, as pessoas

tinha até um certo medo deles, então deixavam ali, eram os chamados seguros que hoje não tem mais...isso acabou. (informação verbal)⁵

Em 2005 o então presidente da Febem, Alexandre de Moraes passa a presidência da instituição para Berenice Maria Giannella, que ficou no cargo por 12 anos. Outra característica presente são as sucessivas rebeliões, que ocorreram durante as décadas de 1990 e 2000; apesar deste trabalho não conseguir precisar a quantidade exata de rebeliões, pois não há nenhum site oficial que nos informe sobre este tipo de informação, em 2012 a Revista Fórum publicou um artigo que apontava que em 2003 houve 80 rebeliões e em 2005 houve 53 rebeliões, sendo que no complexo do Tatuapé houve 18 delas.

O ano de 2005 é marcado pela demissão de 1761 funcionários da Febem, os quais ocupavam o cargo de agente de apoio técnico, mais conhecidos como monitores, estes atuavam nos Complexos: Tatuapé, Brás, Vila Maria, Raposo Tavares e Franco da Rocha. Esta demissão ocorreu após os agentes serem acusados de cometimento de maus tratos e torturas, mas anterior a esta demissão em massa, houve a demissão de 23 agentes que atuavam na Unidade da Vila Maria, na qual 84 adolescentes haviam sido agredidos por agentes de segurança. Conforme Valéria Grillo do programa Roda Viva de 07/02/2005, onde o então Secretário da Justiça e Presidente da Febem, Alexandre de Moraes foi entrevistado.

No dia 12 de janeiro, 84 internos da unidade de Vila Maria na Zona Leste de São Paulo foram violentamente agredidos por agentes de segurança. No mesmo dia, enquanto o secretário inspecionava a unidade, houve uma mega rebelião na Febem Tatuapé. O Ministério Público pediu a prisão dos 23 agentes que trabalhavam na unidade onde houve a agressão, e a presidência da Febem começou a substituir funcionários em várias unidades. Seiscentos novos agentes de segurança e 300 novos educadores entraram em serviço sob protesto do Sindicato dos Agentes que promoveu uma greve de cinco dias. No dia 26 de janeiro, 202 internos escaparam da Vila Maria, na segunda maior fuga da história da Fundação. Sessenta e seis deles eram vítimas ou testemunhas dos espancamentos recentes. A Febem está treinando mais um novo grupo de 900 agentes e educadores; os antigos serão reciclados (Roda Viva, entrevista concedida em 07/02/2005)

Como podemos ver, naquele período ocorreram uma série de rebeliões marcadas por muita violência, e como resposta a esta situação se inicia todo um processo de substituição de profissionais que atuavam diretamente com os adolescentes, os agentes de apoio técnico; na época conhecidos como monitores,

⁵ Informação fornecida por Jaqueline em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016)

acumulavam dupla função: educação e segurança. Esta dupla função era apontada como causadora de uma série de equívocos, e para resolvê-los, uma das ações foi a substituição dos agentes de apoio técnico por agentes educacionais e agentes de segurança. Segundo Alexandre de Moraes, esta ação tinha como objetivo garantir que as ações pedagógicas estivessem nitidamente separadas das ações de segurança, como podemos ver no trecho da entrevista abaixo:

(...) O que pode mudar é exatamente uma mentalidade; nós não queremos mais atuar para apagar incêndio. Eu acho que a Febem, a secretaria, o governo do Estado não podem mais continuar simplesmente atacando os efeitos, nós temos que atacar as causas. E a causa é exatamente uma estrutura arcaica que acabou com o tempo, 30 anos, acabou se montando uma estrutura arcaica, uma mentalidade que visa muito mais realmente à contenção e acabou gerando uma truculência por parte de alguns funcionários, de um grupo de funcionários, do que visando à educação. A grande alteração - e é nisso que nós acreditamos - é a mudança de mentalidade. E eu exemplifico isso com a alteração que nós estamos fazendo; uma mesma pessoa até hoje fazia a contenção e tinha função de educação, não educação formal, que isso é feito pelos professores da rede pública, mas a educação social, a educação de cidadania, a reinserção social. Essa pessoa apartava uma briga e acabava gerando rixas com os adolescentes, e era essa pessoa que tinha que acompanhar o adolescente no banho, na alimentação, no ensino profissionalizante, na terapia. Isso gerou uma promiscuidade muito grande. Então a nossa proposta que vem sendo implantada, só agente de segurança, uma segurança com contenção, nós não podemos deixar de lado que há necessidade de disciplina nas unidades, mas não podemos fazer como vários funcionários que confundem disciplina com violência. A disciplina é uma coisa e os agentes de segurança estão lá para garantir a disciplina, só que não terão contato com os adolescentes. Eu costumo dizer, vai acabar esse papo furado entre agentes de segurança e adolescentes que acaba gerando uma promiscuidade. E os agentes educacionais que estão sendo recrutados - foram já vários e outros estão sendo recrutados - entre professores aposentados e educadores sociais, esses sim vão fazer o dia-a-dia do adolescente, vão colocar em prática o plano pedagógico do adolescente. Se eventualmente começa algum problema, eles se retiram, eles não vão ter essa função de contenção, porque aí se cria um vínculo entre o agente educacional e os adolescentes. Nós queremos fazer em uma média de um agente educacional para cada doze adolescente, em unidades mais problemáticas um para oito adolescentes, para se criar realmente um vínculo, e com esse vínculo, é muito mais fácil a reinserção social dos adolescentes. (Roda Viva, entrevista concedida em 07/02/2005)

É importante destacar na fala do então presidente da FEBEM as mudanças que haviam iniciado se deram com o intuito de separar as duas funções: agente de educação e agente de segurança, destacando o quanto esta dupla função trazia

agravos para as relações postas dentro das unidades, visto que a função de segurança se sobrepunha à ação pedagógica. E como solução para esse problema a secretaria demitiu/exonerou um número expressivo de agentes de apoio técnico e iniciou a contratação de agentes de segurança e educacional.

Os/as agentes de apoio técnico exonerados entraram com ação judicial que chegou ao Supremo Tribunal Federal, e todos/as agentes de apoio técnico foram reintegrados ao cargo, o que acabou por “anular” os efeitos da proposta de Alexandre de Moraes.

Deise: Você foi demitido?

Pedro: Sim, nas demissões em massa em 2005. Quando o governador Alckmin e o Alexandre de Moraes, presidente da Fundação CASA [o entrevistado se refere à antiga Febem], demitiu 1752 funcionários. (...).

Deise: E nesta demissão o Governador mandou todo mundo embora com qual alegação?

Pedro: Foi com a autorização dele. Ele manda embora todos os funcionários dos complexos né, depois da demissão ele volta atrás. Mandou Franco da Rocha, Raposo e Tatuapé, somente esses. Primeiro ele alegou a extinção de cargos, mas ele deixou os outros, o pessoal das outras unidades trabalhando normalmente. A fala do então Secretário Alexandre de Moraes era acabar com a “banda podre”, acabar com os torturadores, maus funcionários da fundação.

Deise: Mas eles tiveram algum critério para fazer as demissões?

Pedro: Não. Foi aleatório, tanto que ele manda e publica no diário oficial uma pessoa que morreu dentro de uma unidade. Ele demite também um morto. Sem nexos as demissões.

Deise: Depois vocês são recontratados?

Pedro: É reintegrado. Tem dois processos esta reintegração: primeiro que a justiça mandou quem já tivesse passado por estágio probatório aí essas pessoas retornam no máximo em seis meses. Foi a primeira decisão, até julho abre o processo tudo certinho, aí foi por partes, não foi todo mundo. Aí as pessoas só voltam...quem tem menos de três anos em estágio probatório só retorna 2 anos e sete meses depois. Todo mundo acaba sendo reintegrado depois. (informação verbal)⁶

Na fala de Pedro identificamos como foi o processo de exoneração em massa, sem muitos critérios para identificação dos causadores da violência cometida contra os adolescentes internados, porém não podemos ignorar que este momento é marcado por muita violência cometida contra os internos e que de fato se esperava algum tipo de intervenção por parte dos governantes.

Pedro nos aponta o quanto esta conjuntura foi dramática também para os agentes, que mesmo sem um julgamento oficial/legal foram “condenados/as” por crime de tortura e assim exonerados/as.

⁶ Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

Pedro: Que foi o peso que eu tive lá atrás quando das demissões, que eu olhei para o lado e pensei “o que eu vou fazer?” Esse cara esta me cacetando na TV, e passou muito na TV. Tanto que as questões legais dos direitos trabalhistas que voltou dois anos depois eles não receberam até hoje, não receberam nada.

Eu não lembro como foi o processo, tinha os danos morais, alguém processou o Alexandre de Moraes na Fundação, mas não dava para processar ele porque ele falava pelo Estado, ah não lembro, maior confusão.

O Alexandre de Moraes era o presidente da Fundação CASA e o Secretário de Justiça na época.

Deise: Ele tinha os dois cargos?

Pedro: Presidente do PROCON, era presidente de tudo, hoje é nosso Ministro da Justiça né.

Você acha isso muito? Puxa ele quando ele era secretário do Kassab, ele sai daí e começa as mega rebeliões da Febem, vou tentar falar, mas depois você pesquisa...ele coloca como ombudsman, a pessoa que recebe as queixas da Fundação, não um ouvidor, que tenta melhorar, o Ariel Castro⁷, dos Direitos Humanos e coloca a Conceição Paganelli como Vice-Presidente, a Conceição era da AMAR⁸, Associação da Mães, não sei se adolescente em risco. Ela virou vice presidente da Fundação. O governador (Geraldo Alckmin) e o Alexandre vão falar que vai trazer a sociedade civil para dentro da fundação, para acabar com a tortura, agressão, já que nós somos agressores e torturadores. Acontece que começam a estourar as rebeliões, porque tirou todo mundo do pátio, colocou um monte de educacional contratado, pessoas sem experiência nenhuma jogados lá. (...) (informação verbal)⁹

Toda esta conjuntura, intensificada pela contratação de funcionários que exerciam a função de “educacionais”, sem nenhum preparo, apontava para a importância da reformulação do modelo Febem que, segundo juristas, estudiosos e militantes da área da infância e juventude, já estava falida e precisando ser substituída por um modelo que, de fato, colocasse em execução os direitos fundamentais previstos no ECA. Em junho de 2005 Alexandre de Moraes é substituído na presidência da Febem por Berenice Maria Giannella, procuradora do Estado desde 1987, a qual foi indicada pelo governador Geraldo Alckmin, e esta inicia um processo de nova reformulação do modelo Febem. Concomitante a isso o processo de reintegração dos profissionais exonerados foi finalizado em 2007, e um pouco antes deste processo de reintegração, mais precisamente em 2006, a Febem de São Paulo passa a se chamar Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação Casa), passando assim a atender as exigências do

⁷Advogado de referência na área dos Direitos Humanos, com uma longa trajetória na luta contra a violência sofrida por crianças e adolescentes.

⁸Associação de Mães e Amigos de Crianças e Adolescentes em Risco (Amar) organização não governamental, criada por mães de adolescentes privados de liberdade, com o objetivo de defender os direitos de seus filhos.

⁹ Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

Sinase, o qual foi criado com o intuito de normatizar as formas de atendimento, desde a estrutura arquitetônica até a pedagógica das unidades.

A municipalização do atendimento foi um dos aspectos principais: as unidades da Febem eram grandes complexos centralizados, em sua maioria na cidade de São Paulo e, com o advento do Sinase, o governo de São Paulo começa o processo de municipalização do atendimento, criando centros espalhados pelo estado. A municipalização das unidades trouxe alguns benefícios: a internação sendo realizada próxima da casa do adolescente, que tem como intuito o fortalecimento de vínculo familiar e comunitário, com vistas ao retorno destes ao local de moradia.

Ao realizarmos uma análise do momento de transição da Febem para Fundação Casa, notamos um aspecto em comum até os dias atuais, todas as pessoas que assumiram a presidência desse órgão tem formação em Direito, com uma trajetória voltada para a justiça criminal, posto isto começamos a nos perguntar quais são os efeitos de um olhar do Direito para um estabelecimento que se pretende ser educacional. Considerando-se ainda, que a gestão das unidades está alocada atualmente, na Secretaria de Justiça e da Defesa da Cidadania¹⁰ e não na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Não estamos querendo aqui dizer que não houve avanços na execução desta política, mas sim apontar alguns dos entraves que estão postos a todo trabalho desenvolvido pelos profissionais que atuam nos 146 Centros de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente¹¹, presentes no Estado de São Paulo, sendo, 140 centros de atendimento exclusivamente masculinas e seis exclusivamente femininas. Estes centros estão espalhados por todo o estado de São Paulo, divididos por 12 Divisões Regionais: Divisão Metropolitana I (Franco da Rocha); Divisão Regional Metropolitana Leste I; Divisão Regional Metropolitana Leste II; Divisão Regional Metropolitana Oeste; Divisão Regional Metropolitana Norte. Divisão Regional

¹⁰ É o órgão do governo do estado de São Paulo que mantém as relações institucionais com o Judiciário, Ministério Público, Defensoria Pública e entidades ligadas à justiça, cidadania e direitos humanos. Coordena, no âmbito estadual, a aplicação de medidas socioeducativas, a defesa dos direitos dos consumidores, acesso à medicina social e de criminologia, questões fundiárias, acesso à justiça e promoção da cidadania..(Fonte: <http://www.justica.sp.gov.br/sites/SJDC/> - Consulta em: 16/06/2017) Conforme o Levantamento Anual SINASE 2016, publicado em 2018.

¹¹ Conforme o Levantamento Anual SINASE 2016, publicado em 2018.

Metropolitana Campinas; Divisão Regional Litoral; Divisão Regional Norte; Divisão Regional Sudoeste; Divisão Regional Vale do Paraíba e Polo Regional ABCD.

No estado de São Paulo o sistema socioeducativo é considerado excepcional, pois concentra o maior número de unidades de privação de liberdade, com capacidade para mais de 2000 adolescentes, o que corresponde a 30,6% de todos os centros de internação do país; para se ter uma ideia, se juntarmos as unidades dos estados de Minas Gerais (33 centros), Rio de Janeiro (20 centros), Paraná (21 centros), Pernambuco (19 centros), Rio Grande do Sul (21 centros), Rio Grande do Norte (06 centros), Espírito Santo (11 centros) e Santa Catarina (11 centros), teremos o mesmo número de centros de internação que o estado de São Paulo.

2.2 Perfil dos/as adolescentes privados de liberdade

Com vistas a se aprofundar na análise sobre o trabalho desenvolvido pelos/as agentes de apoio socioeducativo nas unidades de internação, se faz necessária uma apresentação do perfil dos/as adolescentes/jovens atendidos nas unidades de privação de liberdade.

No Brasil são considerados adolescentes as pessoas de 12 a 18 anos completos e excepcionalmente até os 21 anos, quando estes chegam a cometer ato infracional são responsabilizados pelas leis vigentes¹². Conforme abaixo:

Art. 112. Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas: I - advertência; II - obrigação de reparar o dano; III - prestação de serviços à comunidade; IV - liberdade assistida; V - inserção em regime de semi-liberdade; VI - internação em estabelecimento educacional; VII - qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI. § 1º A medida aplicada ao adolescente levará em conta a sua capacidade de cumpri-la, as circunstâncias e a gravidade da infração. § 2º Em hipótese alguma e sob pretexto algum, será admitida a prestação de trabalho forçado. § 3º Os adolescentes portadores de doença ou deficiência mental receberão tratamento individual e especializado, em local adequado às suas condições. (BRASIL, 2016, p. 116)

Na adolescência, entende-se que há uma maior compreensão do sujeito sobre as ações tomadas, o que faz do adolescente uma pessoa semi-tutelada, ou seja, ele não pode ser tratado como criança e, tampouco, como adulto, portanto, quando da prática de ato infracional, o adolescente poderá receber, além das

¹² Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - Lei 8069/1990 e Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) – Lei 12.594/2012

medidas socioeducativas as medidas de proteção do artigo 101, inciso do I ao VI, além da responsabilização da família, a qual poderá receber as medidas previstas no artigo 129 do ECA. Desta maneira fica evidente que o ato infracional cometido não deve ser tido como única e exclusiva responsabilidade dos adolescentes, mas sim da família, da sociedade e do Estado:

Art. 129. São medidas aplicáveis aos pais ou responsável: I - encaminhamento a serviços e programas oficiais ou comunitários de proteção, apoio e promoção da família; II - inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos; III - encaminhamento a tratamento psicológico ou psiquiátrico; IV - encaminhamento a cursos ou programas de orientação; V - obrigação de matricular o filho ou pupilo e acompanhar sua frequência e aproveitamento escolar; VI - obrigação de encaminhar a criança ou adolescente a tratamento especializado; VII - advertência; VIII - perda da guarda; IX - destituição da tutela; X - suspensão ou destituição do poder familiar. Parágrafo único. Na aplicação das medidas previstas nos incisos IX e X deste artigo, observar-se-á o disposto nos arts. 23 e 24. (BRASIL, 2016, p. 122)

Dentro desta lógica, onde o adolescente é considerado como um sujeito de direitos semi-tutelado, a aplicação das medidas socioeducativas (MSE)¹³, enquanto procedimento jurídico deve levar em consideração a gravidade do ato cometido, para tanto existe uma sequência gradativa de MSE à serem aplicadas conforme o ato infracional, que prevê desde a de advertência, sendo esta indicada para casos menos gravosos, até a medida de internação em estabelecimento educacional para os casos mais gravosos. Como não há, no Eca, uma tipificação dos atos infracionais em relação à medida socioeducativa mais adequada, a escolha da medida fica ao encargo do Juiz da Vara Especial da Infância e Juventude (Veij), que deve se embasar no Código Penal quanto à tipificação do ato infracional e, realizar sua equivalência a crime ou contravenção penal.

Como podemos ver, os/as adolescentes em conflito com a lei estão resguardados/as por uma legislação especial, que traz objetivos que explicitam a

13 Art. 112. Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas:

- I - advertência;
- II - obrigação de reparar o dano;
- III - prestação de serviços à comunidade;
- IV - liberdade assistida;
- V - inserção em regime de semi-liberdade;
- VI - internação em estabelecimento educacional;
- VII - qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI

importância do processo de reflexão crítica do adolescente frente ao ato infracional cometido, visando a não reincidência

No parágrafo 2º do artigo 1º do Sinase, encontramos os objetivos das MSE:

Art 1º (...) § 2º Entendem-se por medidas socioeducativas as previstas no art. 112 da Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), as quais têm por objetivos:

- I - a responsabilização do adolescente quanto às consequências lesivas do ato infracional, sempre que possível incentivando a sua reparação;
- II - a integração social do adolescente e a garantia de seus direitos individuais e sociais, por meio do cumprimento de seu plano individual de atendimento; e
- III - a desaprovação da conduta infracional, efetivando as disposições da sentença como parâmetro máximo de privação de liberdade ou restrição de direitos, observados os limites previstos em lei.¹⁴ (BRASIL, 2012, p.01)

Para a aplicação da medida socioeducativa de internação em estabelecimento educacional, o Juiz da Veij deve se embasar no artigo 122 do Eca, o qual traz um conjunto de fatores que devem nortear a aplicação da MSE de internação em estabelecimento educacional.

Art. 122. A medida de internação só poderá ser aplicada quando:

- I - tratar-se de ato infracional cometido mediante grave ameaça ou violência a pessoa;
- II - por reiteração no cometimento de outras infrações graves;
- III - por descumprimento reiterado e injustificável da medida anteriormente imposta. (BRASIL, 2016, p.119)

A medida de internação em estabelecimento educacional deve ser aplicada de maneira excepcional, ou seja, quando de fato não houver outra medida mais adequada devido à gravidade do ato ilícito praticado, porém, esta medida pode ser substituída a qualquer tempo por outra menos gravosa, a partir do parecer técnico dos profissionais de referência desses adolescentes, que atuam nos Centros de Atendimento.

A questão é que a recomendação de uso da internação como último recurso não tem sido a prática no sistema. O último Levantamento Nacional de Atendimento Socioeducativo (2016),¹⁵ traz em números a cultura do encarceramento vivenciada pelos/as adolescentes no estado de São Paulo: 9.572 adolescentes privados de

14 ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8069/1990)

15 A publicação do Levantamento Nacional de Atendimento Socioeducativo teve seu início em 2010, porém a última atualização dos dados ocorreu em 2016. Os dados apresentados no levantamento datado de 2017 e 2018 apresentam os mesmo resultados de 2016.

liberdade, que corresponde a 36,19% da soma de todas as UFs do Brasil, que tem um total de 26.450 adolescentes, incluindo os casos de: avaliação inicial¹⁶, internação sanção¹⁷ e medida protetiva¹⁸.

No Brasil temos o seguinte perfil de adolescentes e jovens privados de liberdade: 96% do sexo masculino (25.360) e 4% do sexo feminino (1.090), no que se refere a raça/etnia temos: 59,08% de parda e preta, 22,49% de branca, 0,91% amarela, indígena 0,98% e 16,54% sem nenhum tipo de registro. Quanto à faixa etária temos 57% (15.119) entre 16 e 17 anos, 23% (6.728) entre 18 e 21 anos, 17% (4.074) entre 14 e 15 anos, 2% (326) entre 12 e 13 anos, e, 1% (203) sem especificação da faixa etária. Quanto aos atos infracionais cometidos no Brasil em 2016, temos um montante de 27.799 atos infracionais cometidos por 26.450 adolescentes, sendo que 47% (12.960) são análogos ao roubo, 22% (6.254) análogos ao tráfico de drogas e 10% (2.730) análogos ao homicídio.

Ao examinar os dados do estado de São Paulo, temos um perfil que não destoa muito em relação ao dados nacionais: 96% do sexo masculino (9.180) e 4% do sexo feminino (392), no que se refere a raça/etnia temos: 68% (6.491) de parda e preta, 31% (3.015) de branca, 0,33% (32) amarela, indígena 0,19% (19) e 0,08% (8) sem nenhum tipo de registro. O único dado não disponível referente ao perfil do/a adolescente é o da faixa etária, o que dificulta uma análise mais precisa. Quanto aos atos infracionais cometidos em 2016 no estado de São Paulo, temos um total de 9.843 atos infracionais cometidos por 9.572 adolescentes, sendo que 47% (4.604) são análogos ao roubo, 38% (3.742) análogos ao tráfico de drogas e 1,9% (189) análogos ao homicídio.

Podemos tirar uma primeira conclusão a partir destes dados: a maior parte dos adolescentes que cometem ato infracional e que estão privados de liberdade no estado de São Paulo, são do sexo masculino, negros¹⁹, o cometimento de ato infracional análogo ao roubo está em primeiro lugar dos atos cometidos por

¹⁶ Unidade específica para os adolescentes que estão aguardando decisão judicial quanto a medida socioeducativa que será cumprida.

¹⁷ No ECA; artigo 122§1º, III, trata de internação por um período máximo de três meses quando há descumprimento reiterado e injustificado da medida anterior aplicada ao adolescente; o mínimo de tempo de medida aplicada fica a critério de cada juiz.

¹⁸ Unidade Experimental de Saúde, que tem como objetivo atender os adolescentes que recebem a medida de internação e que possuem distúrbios psicológicos, os quais são considerados incapazes de conviver em sociedade. Esta unidade foi criada em 2006. Desde 2007 tem como um de seus internos Roberto Aparecido Alves Cardoso, mais conhecido como Champinha.

¹⁹ Considerando a somatória dos que se declaram de cor preta e parda.

adolescentes, e que o ato infracional análogo ao tráfico de drogas supera em 16% os dados de nacionais, o que se dá muito provavelmente pela presença do crime organizado em várias regiões do estado, outro dado que se diferencia é em relação ao ato infracional análogo ao homicídio, que no Brasil é cometido por 10% dos/as adolescentes e no estado de São Paulo não chega a totalizar 2%, este último dado contraria a visão que, em geral, rotula os adolescentes que estão internados como aqueles que cometeram crimes hediondos.

2.2.1 Óbitos e Denúncias de Tortura

Devemos considerar que dentro dos Centros de Atendimento são registrados casos de óbitos: as pesquisas realizadas pela Coordenação Geral do Sinase²⁰ apresentou em 2014 o óbito de 48 adolescentes, uma média de quatro óbitos por mês, dentro do sistema socioeducativo das unidades de internação no Brasil, naquele mesmo ano o estado de São Paulo concentrava o maior número de óbitos do país, com 27% dos casos. Em 2015 o número de óbitos foi de 53, e em 2016 foram registrados 49 casos, sendo 39 dentro das unidades e 10 fora das unidades, quando o adolescente teve permissão para realizar uma saída. Dos casos que ocorreram dentro das unidades 38% (15) foram denominados de conflito generalizado, 38% (15) conflito interpessoal, 18% (7) suicídio, 3% (1) morte súbita e 3% (1) homicídio. Os casos de óbitos fora das unidades foram classificados por 90% (9) homicídio e 10% (1) afogamento. É importante destacar que não encontramos conceituação sobre os termos utilizados acima, como por exemplo, o que vem a ser considerado um conflito generalizado, ou conflito interpessoal. Apenas encontramos menção a essas terminologias sem nenhuma conceituação, o que dificulta uma melhor compreensão sobre os dados apresentados referente a causa dos óbitos de adolescentes dentro do sistema socioeducativo.

A apresentação dos dados acima nos traz uma visão abrangente embora imprecisa, pois uma das questões que nos chamou bastante a atenção na publicação destas pesquisas pelo órgão oficial, foi o conteúdo apresentado, pois não há um padrão de dados coletados, o que dificulta a realização de uma série histórica mais precisa. Outro fator que dificultou a nossa análise foi o fato do levantamento

20 A Coordenação Geral do SINASE pertence a Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (SNDCA), que é um órgão do Ministério dos Direitos Humanos.

referente ao ano de 2015 não estar disponível no site oficial, apenas encontramos menção a estes no levantamento de 2016 quando se refere ao número de óbitos nas unidades. Mesmo com as fragilidades apresentadas podemos ver que 79% dos casos de óbito são causados por situação de violência, o que nos faz pensar quais seriam os efeitos desta violência em todo o processo socioeducativo que atinge os/as adolescentes e também os/as trabalhadores/as desta instituição.

Uma questão importante a ser colocada é o fato da Fundação CASA ser alvo de denúncias por práticas de violações de direito, conforme podemos ver nos dados trazidos pelo Mecanismo Nacional de Proteção e Combate a Tortura (MNPCT), (2016). Ou seja, os/as adolescentes vem a óbito dentro das unidades de atendimento por motivos relacionados à violência, e vale destacar que, nos levantamentos anuais apresentados, estes atos de violência sempre possuem como principal autor/a os/as próprios/as adolescentes, e em nenhum momento aparece a figura do/a agente de apoio socioeducativo como autor/a de violência. Isso é curioso porque, uma vez que os relatos dos jovens e as denúncias remetem a ações dos agentes, ao menos algum dos eventos poderia envolvê-los. Uma hipótese é que a violência na qual os agentes estão envolvidos é sempre não-letal.

No relatório de outubro de 2015 sobre o Centro de Atendimento Socioeducativo Paulista, unidade masculina, a comissão apresenta alguns fatores que nos interessam para efeito desta pesquisa, como por exemplo, o fato do discurso internalizado pelos/as trabalhadores/as da unidade sobre os/as adolescentes, caracterizando-os como “RGG” (Reincidente Grave-Gravíssimo), o que traz implicações importantes como uma preocupação excessiva com a questão da segurança, deixando de lado o trabalho socioeducativo, que fica explícito na citação abaixo:

Outro ponto que nos chamou a atenção foi o fato de todos os adolescentes só poderem andar pela unidade com a cabeça baixa, com as mãos para trás, em silêncio. Mesmo para olhar para o lado, necessitam de autorização dos agentes de apoio socioeducativo. Adicionalmente, conforme exposto anteriormente, a própria rotina dos adolescentes na unidade demonstra o caráter meramente sancionatório do atendimento em detrimento de ações socioeducativas e pedagógicas. E já foi indicado que praticamente todas as atividades realizadas na unidade pressupõem o procedimento de revista vexatória. Qualquer contato que o adolescente possa ter com uma prática pedagógica ou socioeducativa, como ir à escola, por exemplo, é precedida de uma revista invasiva. Ora, dificilmente um adolescente que precisa pedir autorização dos agentes socioeducativos para realizar suas atividades, bem

como passa por revistas vexatórias sucessivas em suas rotinas diárias se encontra em ambientes aptos à construção de autonomia e cidadania. (MNPCT, 2015, p. 16)

Este relato não se diferencia do relatório realizado pela MCPCT em visita à Unidade Socioeducativa Casa de Taipas, unidade feminina, onde cada vez mais se evidencia o distanciamento da prática socioeducativa dos/as agentes, priorizando práticas de vigilância e segurança. Estas práticas evidenciam um ciclo vicioso, onde o/a agente de apoio socioeducativo espera que a violência aconteça, o que de fato não pode ignorar, e, não encontrando, ou até mesmo considerando que não há outra forma de prevenir, acaba por extrapolar suas ações de vigilância, chegando a colocar os/as internos/as em atos vexatórios e humilhantes.

Os agentes de apoio socioeducativo, são os funcionários que passam mais tempo com as adolescentes e a eles é destinado unicamente a função de vigilante. Segundo os próprios documentos internos da unidade, são os Agentes de apoio que relatam em formulários características e comportamentos das adolescentes em seu cotidiano. Os agentes de apoio não participam, não propõem e não interagem com atividades pedagógicas, mas são eles que dizem em relatórios, se as adolescentes se alimentam muito ou pouco, a que horas dormem, se fazem barulho enquanto dormem, se escovam os dentes e outras questões como essas. Em suas rotinas de trabalho acompanham cada passo das adolescentes, determinando, em alguns casos, a quantidade de absorventes que as adolescentes podem usar. (MNPCT, 2015, p. 21)

Outra questão relevante, que é apontada no relatório do MNPCT são as práticas de violência cometidas contra os/as adolescentes internados, como podemos ver abaixo no relatório da CASA Paulista.

Todos os adolescentes nos disseram que ao chegar ao CASA Paulista, enquanto aguardam o atendimento inicial multidisciplinar na sala de atendimento psicossocial, são “recepcionados” pelos funcionários da unidade. Esta “recepção” consiste em ser agredido física e verbalmente pelos agentes socioeducativos, sendo-lhes desferidos socos, tapas e pontapés. Muitos adolescentes relataram que passaram até três dias aguardando atendimento inicial e durante este período foram “espancados” diariamente. Ainda, mencionaram que é rotineiro os funcionários baterem neles, sendo essa prática um “costume” da unidade. Tais punições ou agressões são muitas vezes por motivos fúteis, como, por exemplo, questionar alguma regra da unidade, fazer alguma reclamação ou, até mesmo, fazer perguntas durante a aula. Os adolescentes também relataram que o “espaçamento coletivo” é rotineiro. Cerca de seis agentes socioeducativos se juntam para bater em um único adolescente. Mesmo que caia no chão pelas agressões físicas, ele continua a apanhar. Geralmente, esses atos de violência ocorrem em locais onde não há circuito de TV – CFTV, como salas de atendimento. De fato, não constatamos câmeras neste local. (MNPCT, 2015, p. 17)

Essas práticas também são apontadas no relatório do Comitê Nacional de Combate à Tortura referente à visita realizada na CASA de Taipas, conforme abaixo:

Ainda relatam que os agentes preferem desferir socos no peito e na barriga, locais que dificilmente geram lesões corporais perceptíveis a olho nu. No entanto, constataram-se muitas adolescentes com hematomas e lesões visíveis (...) (MNPCT, 2015, p. 17)

Este tipo de prática, a tortura, contra os adolescentes internados nas unidades não é uma novidade, pois existem relatos de violência desde a criação destas unidades, que já passaram por significativas mudanças estruturais, porém no que se refere a mudanças culturais, pouco percebemos de avanço.

Olhar para o fenômeno da tortura isoladamente poderia nos levar a uma postura condenatória, responsabilizando individualmente alguns agentes por uma violência que, pela sua duração e generalidade, aparenta ser sistêmica. A ótica individualizante de culpabilização contribui para a perpetuação do fenômeno, deixando de lado fatores que influenciam diretamente o cotidiano destes trabalhadores, tais como: formas de contratação, estruturas administrativas, situações de formação, formas de progressão na carreira, apoio institucional para as dificuldades inerentes ao serviço, garantia de segurança individual e, finalmente, os mecanismos de responsabilização (ou de acobertamento) das ações violentas. Ressaltamos que não se trata de eximir os autores de violência de sua responsabilidade, mas de entender o que move e perpetua de fato este fenômeno, para que se possa pensar em respostas mais efetivas para o fim deste tipo de situação.

3. CARÁTER FORMAL E INFORMAL DO TRABALHO DO/A AGENTE DE APOIO SOCIOEDUCATIVO

Caracterizamos, até o momento, as instituições de internação de adolescentes em conflito com a lei, enfatizando as situações de extrema violência das rebeliões da década de 1990 em São Paulo e as posteriores. Também apresentamos algumas denúncias registradas, de modo a mostrar que a violência na fundação é sistêmica, e não fruto de decisões morais individuais. Mas dizer apenas que a violência na Fundação Casa é sistêmica não é suficientemente esclarecedor, é preciso caracterizar como e quando estas situações acontecem. Nesta pesquisa, isso será analisado a partir das condições de trabalho, das representações sobre os jovens e sobre o trabalho dos/as agentes. Consideramos que as explosões de violência não surgem do nada e, sim, são construídas no cotidiano da instituição, e são os/as agentes socioeducativos que tentam controlar os/as adolescentes e os demais atores. Estes profissionais tem como chefia imediata a coordenação do setor de segurança, o que se contrapõe à nomenclatura do cargo “socioeducativo”. O que vamos apresentar a partir deste momento é como se dá o processo de contratação destes profissionais, quais são as documentações que regulamentam a atuação profissional e as condições de trabalho.

3.1 – O cargo de agente de apoio socioeducativo: segurança ou educação?

Vamos iniciar com a análise do trecho da entrevista concedida pelo agente de apoio socioeducativo ao se referir as mudanças de nomenclatura do cargo que ocupa:

Deise: Você disse que os agentes socioeducativos eram de níveis superior, depois mudou a nomenclatura?

Pedro: Então, a fundação ela... ela é esperta né... é assim quando nós entramos era agente de proteção, antes de eu entrar era agente ...era... monitor 1,2,3 ai quando entrei eles mudaram pra agente de proteção, o agente de proteção era nível médio, nível superior era somente os educacionais que chama educacional, os educacionais que ministrava cursos, essas coisas, só que a fundação, o... cargo de agente de segurança, agente de proteção era manter a ordem e disciplina e o agente educacional era pra acompanhar a higienização, que é a parte educacional, o banho, cursos, tudo isso, era as atribuições dele, só que... era mais ou menos três agentes socioeducativo, educacional na época, pra dez agentes de segurança, então não conseguia fazer, e então o agente de segurança acumulou as atribuições, além de fazer a segurança, ele acompanha toda rotina do adolescente, e ai é... teve uma, uma mudança na lei em que o agente de segurança ele ia ganhar uma... porcentagem acho que era

periculosidade, mais assim pelo cargo de agente segurança e ai eles mudaram, a nomenclatura do agente de segurança, já visando que eles iam ter que pagar essa diferença ai eles mudaram agente de proteção, por agente de segura, de agente de segurança, desculpa... na minha demissão em dois mil e cinco só existia agentes de proteção e educacional e ai entrou o agente de segurança que eu te falei que acho que entraram no nosso lugar, ai ficou o agente de segurança, agente de proteção e agente educacional, juntos, nesse período, que fomos readmitidos, só que os agentes de segurança tava tudo contratado, aí eles foram mandados embora, acabou o contrato e foi aberto concurso pra agente de segurança e ai eles, alguns deles voltaram, ficou agente de segurança, agente de proteção, agente educacional ai ficava aquela briga quem é que faz quem, o agente de segurança queria fazer sua parte de segurança, o agente de proteção ele fazia a segurança e a parte educacional e a educacional fazia somente a parte educacional, ai veio a situação da que te falei desse, com a lei federal em que os agentes de segurança é... eles iam ganhar um valor x a mais devido a parte da... de ser perigoso tal tal aí a fundação ligeira já foi lá e se antecipou e acabou com a nomenclatura agente de segurança, agente de proteção e colocou agente socioeducativo, agente de apoio socioeducativo e colocou o agente de... socioeducativo que é o agente que é o educacional, agora não tem mais educacional. (informação verbal)²¹

Podemos identificar na fala de Pedro que no ano de sua entrada na Fundação Casa, 2001, a qual era denominada de Febem, a nomenclatura do cargo de agentes de apoio socioeducativo era outra. A principio, os/as profissionais eram contratados/as como monitores e naquele ano foi alterada a nomenclatura para agente de proteção, que tinha uma ação aparentemente complementar ao do agente de segurança, estes dois cargos tinham como atribuição principal manter a ordem e a disciplina. E havia a figura de um terceiro agente, o qual era responsável por acompanhar toda a rotina do/a adolescente internado/a: o agente educacional. Segundo Pedro, tanto os agentes de proteção como os de segurança passariam a ter direito de receber um tipo de gratificação por conta da periculosidade do cargo, ocorre que neste momento, a Fundação Casa altera mais uma vez a nomenclatura dos cargos e o agente de segurança e o de proteção passam a usar a nomenclatura de agentes de apoio socioeducativo. É importante destacar que a mudança de nomenclatura não trouxe grandes alterações, a não ser a financeira, pois a chefia imediata destes/as agentes continuou sendo a de segurança e disciplina. E este é um primeiro ponto a ser observado frente a todo o processo de contratação e desenvolvimento do trabalho do/a agente de apoio socioeducativo.

O processo de contratação destes profissionais ocorre por meio de concursos públicos. Realizamos um levantamento sobre os editais dos concursos públicos para

21 Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

este cargo e apenas encontramos os editais de 2010, 2012 e 2014, os quais estão disponíveis no site da Fundação CASA²². Estes documentos apontam alguns indicativos importantes para sobre a atuação efetiva desses profissionais.

Em um primeiro momento vamos analisar os requisitos para concorrer a vaga de agente de apoio socioeducativo. Os editais, já mencionados, exigiam os mesmos requisitos, por este motivo iremos citar o edital nº 01 de 2014.

Requisitos [Para agentes do sexo masculino]
Nível médio completo;
Ser do Sexo Masculino;
Altura mínima de 1,65m, descalço;
Idade mínima de 25 anos.
Requisitos [Para agentes do sexo feminino]
Nível médio completo;
Ser do Sexo Feminino;
Altura mínima de 1,60m, descalça;
Idade mínima de 25 anos. (Fundação Casa, 2014).

Esta descrição não traz elementos de um perfil socioeducativo, e a indicação de idade, sexo e altura parece reforçar a presença de atributos que nos remetem ao trabalho na área da segurança. Para que possamos exemplificar de uma maneira melhor resolvemos realizar uma busca sobre os pré-requisitos para ser um profissional da segurança pública na cidade e no estado de São Paulo, mais especificamente na Guarda Civil Metropolitana (GCM), vejamos:

Pré-requisitos para ingressar na GCM:
-Ser brasileiro nato ou naturalizado ou cidadão português a quem tenha sido deferida a igualdade, nas condições previstas pelo Decreto Federal nº 70.436, de 18 de abril de 1972 ou ainda gozar das prerrogativas previstas no artigo 12 da Constituição Federal;
-Ter idade mínima de 21 (vinte e um) anos completos, até a data de encerramento das inscrições, em conformidade com a Lei Federal nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003;
-Encontrar-se em pleno exercício de seus direitos civis e políticos;
-Possuir, no ato da posse, certificado de conclusão acompanhado do histórico escolar ou diploma correspondente ao Ensino Médio;
-Ter altura mínima descalço (a) de 1,68m, se homem, e 1,60m, se mulher, sendo que a aferição se dará por ocasião da aplicação do Teste de Aptidão Física - TAF;
-Não registrar antecedentes criminais. (Prefeitura de São Paulo, 2009)

Quais os requisitos para ingressar na carreira, como soldado da Polícia Militar?

O candidato deve ser brasileiro e possuir certificado de reservista de 1ª ou 2ª categorias ou o certificado de dispensa de incorporação ou isenção do serviço militar. Praças engajados nas Forças Armadas

22 Última consulta realizada em maio de 2017

devem apresentar autorização por escrito de seus respectivos comandos para prestarem o concurso. É preciso ter entre 18 e 30 anos (apurados no ato da inscrição), não registrar antecedentes criminais, ter concluído o ensino médio (2º grau), e altura mínima de 1,65m. Se o candidato for servidor público não pode ter respondido a processos administrativos, cujo fundamento possa incompatibilizá-lo com a função de policial militar. Deve, ainda, estar em perfeitas condições para o teste de aptidão física. (Governo do Estado de São Paulo, 1997)

Como podemos ver encontramos semelhanças na descrição de pré-requisitos das duas corporações com as que são solicitadas para o cargo de agentes de apoio socioeducativo, incluindo o Teste de Aptidão Física (TAF), o qual tem caráter eliminatório, porém não encontramos, nos editais, nenhuma referência a um “teste” ou comprovação que avalie o/a candidato/a quanto a uma experiência socioeducativa com adolescentes, e em especial adolescentes em situação de privação de liberdade.

Outro ponto importante é que, nos últimos três concursos, o único a abrir vagas de trabalho para pessoas do sexo feminino foi o de 2014, mas vale ressaltar que estas vagas eram destinadas, exclusivamente, para os centros de atendimento feminino e as vagas dos centros de internação masculino exigiam a contratação tão somente de pessoas do sexo masculino.

Fabiana: (...) hoje a fundação quando abre concurso, ela não abre mais concurso pra mulher [refere-se aos editais anteriores]. Este acho que é o terceiro ou quarto concurso que o edital sai, agente socioeducativo sexo masculino.

Deise: Você sabe por qual motivo?

Fabiana: Então, em tese eu acho que a maioria dos atendidos são: adolescentes do sexo masculino, acho que ela tem duas ou três unidades de meninas, uma em Taipas e uma acho que é na Mooca, acho que tem mais uma por aí. E acho que eles querem colocar para trabalhar com meninos, só homens, agora eles não tão colocando mais mulher.

E hoje em dia não tem mais contratações de mulheres.

Na minha unidade mesmo, hoje de agente socioeducativo são cinco mulheres, eu tenho 20 anos, [as outras têm mais de 10 anos no cargo] e não entrou mais nenhuma, e pelo que tudo indica não vai entrar mais nenhuma. A gente vai se aposentar, vai sair, e quando teve um concurso que precisou de mulher, 10 vagas para as unidades femininas. (informação verbal)²³

Esta tem sido uma tendência dos últimos editais, os quais vem reforçar alguns estereótipos relacionados ao papel da mulher e do homem na sociedade. Este fato

²³ Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

apareceu durante a realização das entrevistas e, ficou bem evidente na fala da entrevistada abaixo.

Jaqueline: Assim nós não íamos todo mundo lá em cima para entregar o plantão para o próximo turno de servidores né, então mesmo que eu esteja, por exemplo, é acompanhando o refeitório, por exemplo, as mulheres os homens são em média vinte por plantão, as mulheres cinco, seis, não tem mais mulheres a Fundação não faz mais concursos pra mulheres.

Deise: O que eles alegam?

Jaqueline: Olha eles acham que as mulheres não seguram, não são opressoras sabe...as mulheres tem que estar junto com o homem assim sabe, se tem por exemplo vinte meninos assistindo filme, tem uma mulher só, ah então vai o fulano pra lá, se vai transferir se tem mais dois então tem que ir homem. Porque o espírito, compulsiva, essa postura de conter, a mulher não é tão opressoras assim a mulher...eles falam...que são mãezona, são “madeirona”.

Deise: O que é “madeirona”?

Jaqueline: Madeirona, “Me dá um copo de suco”, por exemplo está lá na copa... “Oh senhora me arruma um copo de suco”. (choro da entrevistada), não dá...não sabe falar nada, não...não pode os homens contém muito.

Deise: Você não poderia dar? Teria algum problema?

Jaqueline: Talvez sim, talvez não. Mesmo que a gente jogue fora, a gente fala não, tudo bem, vou, tudo bem, “Vou te dar esse suco que esta sobrando tal” Mas os homens: “Ladrão, não tem ideia com ladrão”. Então assim, então os homens tem essa visão opressora (baixou o tom de voz).

Deise: E as mulheres do seu plantão, você acha que tem esse perfil também?

Jaqueline: Olha tem, assim tem, tem umas mais antigas que não demonstram né, que se acham assim sabe muito poderosas no fundo acabam cedendo, no fim que a gente vê né... (informação verbal)²⁴

Como podemos notar no cotidiano de trabalho se expressam as relações de gênero, quando a entrevistada afirma que as agentes não são opressoras e são consideradas sem competência para lidar com um grupo determinado de adolescentes sozinhas, sempre precisando se resguardar com a figura masculina. Reforçando a ideia de que um ambiente afetivo traz indícios de indisciplina e insegurança, ou seja, questões que não se relacionam com uma ação socioeducativa. Vejamos a citação abaixo da entrevistada Fabiana, a qual traz mais elementos para reflexão:

Deise: Você acha que faz diferença, ou você acha que não tem problema algum não ter mulher trabalhando de agente?

Fabiana: Ah, eu acho que faz diferença sim, eu acho...eu acho porque assim, essa coisa de ter um território totalmente masculino, eu acho que fica um ambiente mais pesado, mais sabe, masculino, aquela disputa de território, os meninos o tempo todo eles tentam se impor com os homens, pra ver quem manda mais, tentar né, é aquela coisa, se eles conseguem eles tomam conta do território, né.

²⁴ Informação fornecida por Jaqueline em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

Mas eu acho que a presença da mulher, ela dá uma amenizada nisso tudo, ela quebra um pouquinho, eu acho que nós mulheres, eu não sei, a gente tem mais diálogo com eles, é outra forma de conversa, sei lá, eu acho. Eu percebo isso no meu dia a dia, por exemplo, se tem um adolescente, às vezes ele está triste porque...é que a gente não tem muito tempo pra desenvolver este trabalho, porque a própria rotina que a fundação impõe que tenha o horário pra isso, pra isso, pra isso, isso a gente tem que fazer acontecer, eu não posso por exemplo, é parar uma rotina, tirar um menino do horário de café pra ficar conversando com ele lá o tempo todo, só se for uma extrema necessidade, eu vou ter que avisar a coordenação, enfim pra ver o que está acontecendo, mas assim por exemplo, um adolescente, as vezes faleceu uma avó, as vezes a mãe está doente, eles falam mais pra nós que somos mulheres: “oh senhora, a cadeia tá pesando” “Ai eu hoje não estou bom por isso sabe?” Você vê as vezes até quando você vai com um adolescente para uma atividade, ele chega e fala: “oh senhora, eu não tô querendo participar desta atividade por isso, por isso”. Eu respeito, porque também, eu tenho um certo poder de mando, eu estou com aquele adolescente e eu falar que ele não vai, ou se ele tá com um problema de saúde, e as vezes com homem é mais difícil de se comunicar nesse sentido. Então eu acho que a presença da mulher é importante. (informação verbal)²⁵

A entrevista nos mostra o quanto os papéis parecem estar definidos entre homens e mulheres, e segundo Fabiana o fato de se tirar a figura feminina das unidades masculinas pode trazer um prejuízo para a própria convivência dos adolescentes com os trabalhadores, tornando o ambiente hostil e inseguro.

Na fala de Fabiana fica evidente o quanto no trabalho com os/as adolescentes, estes/as profissionais, precisam dar conta de fazer com que eles cumpram as regras da unidade, o que não necessariamente está ligado a momentos lúdicos e de desenvolvimento socioeducativo.

Estes relatos nos servem para tentar entender um dos motivos que pode ter levado a Fundação Casa a realizar esta distinção na contratação dos/as agentes, conforme o sexo da população atendida, o que nos parece reforçar a ideia de enfatizar as questões de segurança.

Dando continuidade às reflexões sobre os editais de contratação no que se refere às atribuições do/a agente de apoio socioeducativo, temos nos últimos editais, a seguinte descrição:

Agente de Apoio Socioeducativo (Sexo Feminino e Masculino) – Acompanhar a rotina diária do adolescente, tanto no que se refere à sua higienização, alimentação, saúde, quanto à conservação das condições ambientais adequadas ao desenvolvimento das atividades educacionais.

²⁵ Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

Participar do processo de recepção/acolhimento dos adolescentes desde sua chegada à desinternação, orientando-os quanto às normas disciplinares e de convivência dos Centros de Atendimento. Acompanhar os adolescentes em transferências, audiências, atendimento médico/hospitalar, atividades sociais autorizadas, entre outras. Garantir as condições ideais de segurança e proteção dos profissionais e adolescentes de forma ininterrupta, de acordo com o artigo 125 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, através de acompanhamento, observação e contenção, quando necessário, visando evitar tentativas de fuga individuais ou coletivas e movimentos de indisciplina. (...) Proceder, obrigatoriamente, à contagem dos adolescentes em toda passagem de plantão. Atender criteriosamente a designação de postos de serviço, respondendo pelo cumprimento das atribuições pertinentes aos postos em que for escalado. (...) Realizar, quando determinado, revista nas instalações físicas do Centro de Atendimento. Solicitar ao superior imediato a realização de revista no Centro de Atendimento quando observar razões fundamentadas para tal. Acompanhar e auxiliar no desenvolvimento das atividades educacionais quer nas dependências internas ou externas do Centro de Atendimento. (...) Participar do processo de planejamento e organização das festividades, eventos e atividades desenvolvidas pelos Centros de Atendimento. Participar da segurança externa nas perimetrais e portarias dos Centros de Atendimento, zelando pelo patrimônio público e evitando entrada de objetos que possam comprometer a segurança. Realizar de forma sistemática revista individual nos adolescentes, servidores, bem como nos familiares quando necessário, garantindo assim segurança e proteção. Participar de reuniões multidisciplinares, setoriais ou por convocação, a fim de favorecer o desenvolvimento da equipe e do adolescente quanto ao seu processo socioeducativo com vistas ao Plano Político Pedagógico do Centro. (...) Compor Grupo de Apoio, quando houver a necessidade, para realização de ações coletivas devidamente comandadas e organizadas. Executar outras atividades, no campo da segurança e disciplina, determinadas por autoridade competente. Participar dos processos de educação continuada oferecidos pela Fundação, objetivando a sua capacitação e desenvolvimento profissional. Dar continuidade aos processos de educação continuada, apropriando-se dos documentos vigentes na Fundação, principalmente os que dizem respeito às diretrizes, às leis, à socioeducação e à área de segurança, buscando otimizar seus conhecimentos. (Fundação Casa, 2014).

Na citação acima descrição das funções são todas ligadas à área da segurança. Um exemplo é o agente socioeducativo ter que garantir a segurança do/a adolescente e do/a trabalhador/a e para isso usar da contenção para evitar fugas e movimentos de indisciplina. Este profissional é chamado a realizar revistas, de forma sistemática, nos/as adolescentes, familiares e servidores (se necessário). Destacamos que para realizar estas atribuições se exige a formação em Ensino Médio, e não se exige nenhum tipo de formação relacionada ao trabalho com adolescentes privados de liberdade. Mas no decorrer do texto aparece que o/a agente deve dar continuidade nos processos de educação continuada, o que de fato é importante para realização do trabalho de cunho socioeducativo, porém nas entrevistas apareceram questões a serem problematizadas quanto à formação continuada realizada para este trabalho, ofertada pela Fundação Casa:

Pedro: Muitas vezes somos esquecidos e deixados de lado. Não tem interesse, a fundação também não tem interesse nesse trabalho, existem cursos para dar formação para técnicos, para pedagogos, para gestores, mas não para nós, para nós só um cursinho que foi inventado agora à distância.

Deise: Na escola de formação que fica no Tatuapé tem cursos específicos para agentes de apoio socioeducativo?

Pedro: Para todos, menos para agentes socioeducativos.

Deise: Nesses 15 anos você fez quantos cursos por lá?

Pedro: Vamos por a capacitação, eu sou xereta, não tem mais, acho que era um ano e pouco e não tem mais, eu costumava participar das palestras, mas eu era, eu sempre fui o único a participar das palestras, sempre fui o único, palestras sobre quesito cor que eles falam sobre racismo, sobre cultura de paz, sobre saúde, DST, Adolescente. Eu sempre me inscrevi, e a Fundação, os centros dos quais eu trabalhei não vê como agrado o agente sair do seu plantão e ir lá participar dessas palestras, eles não aceitam, não gostam, falam que você está matando o seu plantão, ao invés de você estar lá você está indo em formação. Eles não veem com bons olhos a participação para os funcionários. (...)

(...) você havia dito da capacitação que estava tendo né, eu acho válido, porque nesse tempo são 15 anos, eu fiz em setembro do ano passado [se refere a 2015], então vamos por 14 anos, essa é a primeira capacitação que eu fiz.

Deise: E como foi?

Pedro: Online, onde eu estava em uma turma que o pessoal estava por estar, no fórum ninguém discutia, ninguém debatia.

Deise: Quanto tempo de formação?

Pedro: Três meses só.

Deise: Qual o tema da formação?

Pedro: O básico em si. O PIA (Plano Individual de Atendimento), a questão de segurança, nada do que a gente não sabe, mas de uma forma mais burocrática e não da forma que deveria ser.

(informação verbal)²⁶

Joana: (...) Não é só ter o nível Superior, mas como estar se atualizando, porque há essa necessidade de se atualizar [A entrevistada se refere ao cargo de coordenação da segurança, chefia direta dos agentes de apoio socioeducativo].

Deise: E a Fundação não incentiva isso?

Joana: Não, não. Esses dias aí ela fez um curso online, obrigatório para todos os funcionários, mas é um curso assim que, deixa eu falar pra você, todo conhecimento ele nunca é em vão, né? Mas eu acho que podia ser mais específico.

(...) tanto é que minha colega que fazia o dela, fazia o dela e o meu, respondia os questionários. É tipo aqueles cursos com as plataformas. Você lê aquilo lá e daqui a pouco nem lembra mais, entendeu? (informação verbal)²⁷

Deise: Qual o apoio que tem (emocional, de trabalho) no cotidiano da unidade?

Fabiana: Não. Eles falam que dão uma formação quando você presta o concurso e entra você faz um curso lá de uns dias, hoje na escola de formação né, e é isso.

Deise: E você fez esse curso também?

Fabiana: Quando eu entrei não tinha essa escola de formação que é lá no Tatuapé, onde eram as unidades, aí eu fiz na sede com o diretor, com quem

²⁶ Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

²⁷ Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

passou o curso pra gente, seria a Glaucia, que era um tal de doutor Cleiton, na época.

Deise: Depois você passou por mais algum tipo de formação pela fundação?

Fabiana: Agora eles fizeram uma formação online pra gente, faz uns dois meses online.

Deise: Mas eram todos os dias?

Fabiana: Não, é por módulos, um tanto de uns textos pra ler e um questionário pra responder.

Deise: Dentro do seu ambiente de trabalho, você acha que você tem reconhecimento?

Fabiana: Eu acredito não é muito reconhecido, não é, até porque, os agentes socioeducativos são ali oh, que na ponta, é o que segura tudo, eu acho que a gente teria que ter mais supervisão, um apoio, é que nem assim, as vezes eu penso, eu já comentei até com pessoas da fundação que, as pessoas da supervisão, não que eu tenha supervisão, mas eu já conversei, porque assim as pessoas prestam concurso, elas tem essa formaçãozinha, só que chega lá é uma outra realidade, Da teoria e você está ali na pratica né, aí depois estão ali na prática, e ai ficam um, dois, três anos do jeito que acontece, trabalha do jeito, quer queira ou não o nosso trabalho depende muito da nossa forma de ser, cada um tem a sua né, e em cada caso tem um caso, eu vou agir de uma determinada forma e o meu colega ele agiria de uma outra forma, né. E assim eu acho que falta sim um pouco mais de supervisão e de reconhecimento, acho que, assim, um apoio maior daria um reconhecimento. (informação verbal)²⁸

Identificamos a fragilidade dos processos de formação continuada na fala dos/as entrevistados/as: as formações ocorrem pontualmente e acabam não tendo um caráter continuado e, sim, esporádico, ficando em segundo plano. Sendo assim, temos a contratação de pessoas que não tem nenhuma experiência comprovada com o trabalho com adolescentes e, muito menos com segurança, exercendo uma função que por si só é desafiadora, e que exige um preparo mínimo, e como se não bastasse, estes/as profissionais acabam por ter um acesso mínimo aos processos de formação, conforme pudemos ver nos relatos dos/as entrevistados/as. Com a ausência de um processo formativo mais sistemático, e que reforce o caráter socioeducativo da ação profissional do/a agente de apoio socioeducativo, o que sobressai no fazer profissional é a lógica de um trabalho todo voltado para a segurança e não um trabalho socioeducativo, o que também nos preocupa, visto que estes/as profissionais não recebem nenhum tipo de formação continuada na área da segurança, ou seja, seja socioeducativa ou de segurança, a atuação profissional destes/as trabalhadores/as está marcada pela falta de um processo de formação contínuo, que garanta atualização e condições mínimas para o exercício profissional.

²⁸ Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

E esta situação se apresenta desde o processo de seleção: nos editais consultados, é indicado para o/a candidato/a acessar o documento chamado: “Conceitos, Diretrizes e Procedimentos”, da Superintendência de Segurança e Disciplina da Fundação Casa, o qual traz mais elementos para um trabalho voltado para a segurança.

A primeira parte deste documento inicia assim: “A Segurança na Educação”, e na parte explicativa do que vem a ser este tipo de intervenção da segurança fica evidente o quanto já se inicia com a constatação da falência da antiga Febem, pois ressalta-se a ideia que dentro desta nova lógica de intervenção o/a Agente de Apoio Socioeducativo deve superar uma ação policial ou de carcereiro, para o cumprimento de um papel socioeducativo de referência para os/as adolescentes em cumprimento da medida socioeducativa de internação, conforme abaixo:

A segurança na educação

Assegurar os direitos dos adolescentes, garantindo-lhes um atendimento socioeducativo de qualidade é a premissa principal do trabalho que a Fundação CASA tem desenvolvido nos últimos anos. Para atingi-los, não basta somente investir em Centros de Atendimento menores e adequados, projetos pedagógicos inovadores, descentralização do atendimento e da gestão. Mas, sem um ambiente harmônico e tranquilo, nada será realizado com dignidade e honraria. Afinal, em Centros de Atendimento conflituosos e tensos, nas quais a disciplina é inexistente, não há projeto socioeducativo que prospere. Evidentemente, entende-se que, a Segurança em seu papel moderno. Passou-se o tempo em que se via nos agentes de pátio, das antigas instituições, a figura de homens detentores de um monopólio da violência, utilizados de maneira arbitrária, com efeitos danosos à formação dos jovens atendidos. Nos nossos tempos, isso é coisa do passado. A Segurança, pelo menos no âmbito da Fundação CASA, pauta-se por uma perspectiva educacional. Cada agente de apoio socioeducativo deve garantir não apenas a integridade física dos adolescentes, mas contribuir para que todos os jovens atendidos vejam nele uma referência positiva.

Para facilitar este trabalho, estamos editando este caderno, um compêndio, com os conceitos, diretrizes e procedimentos destinados a orientar e padronizar o trabalho dos nossos agentes e coordenadores. É uma publicação pioneira que servirá de referência e auxiliará no cumprimento de nossa missão. Transformá-los, fazendo com que os adolescentes voltem melhorados à sociedade, como protagonista de sua história. - Berenice Maria Giannella Presidente da Fundação Casa (CONCEITOS...2014, p.2)

No enunciado deste caderno se pede a superação da lógica do “carcereiro”, da “prisão”, e, para tanto, apontam um investimento que vem para “superar” um passado marcado por essa lógica, porém, o trabalho de segurança se evidencia quando percebemos que em todo o documento o único artigo do ECA que serve de base para a ação profissional dos/as agentes de apoio socioeducativos é o artigo

125º, Seção VII, que dispõe sobre a Medida Socioeducativa de Internação: “É dever do Estado zelar pela integridade física e mental dos internos, cabendo-lhes adotar todas as medidas adequadas de contenção e de segurança”. (BRASIL, 2016). Como podemos perceber, este artigo não trata de nenhuma dimensão socioeducativa, mas sim de proteção e segurança. E o parágrafo único do artigo 123º desta mesma seção que dispõe: “Durante o período de internação, inclusive provisória, serão obrigatórias atividades pedagógicas” (BRASIL, 2016), não é citado uma única vez.

Os/as entrevistados/as trouxeram em seus relatos o quanto é difícil, eu diria praticamente impossível, ter que ocupar um lugar profissional que atua simultaneamente na segurança e na educação, e a segurança acaba ocupando o primeiro plano.

Deise: Então na prática, você acha que aquele manual [referência ao caderno de diretrizes] funciona ou não? Aquele caderno de diretrizes? E por que?

Pedro: Não, infelizmente. Então assim, por que não funciona? Porque é, como eu posso te dizer? Eu disse também no começo da entrevista que os agentes socioeducativos teriam uma função, certo? No início do seu concurso, que é na área da segurança. Mas lá hoje é impossível, a fundação ainda não entendeu isso, que é impossível você trabalhar a parte socioeducativa, não... a parte pedagógica, com a parte de segurança, são duas coisas completamente diferentes, ou você lida somente com a segurança ou você lida com o dia a dia do adolescente, entendeu? Porque assim, a gente brinca, é como aquele ditado que diz: A mesma mão que pega a sua mão é a mesma mão que vai te cobrar, entendeu? Ou seja, é, eu não posso.. é defender e chutar o pênalti ao mesmo tempo, porque a parte da segurança ela já diz, agente socioeducativo, apoio socioeducativo, ou seja, ele vai estar lá mantendo a segurança, dando suporte educacional ou o socioeducativo, agora se ele vai... se o agente de segurança, a função exige uma postura mais é... como eu posso dizer...não é rígida, mais firme. Eu não posso. Eu tenho que fazer... o adolescente tem que me olhar, que nem vamos supor, você passa por um policial na rua, você não passa rindo e ele não está sorrindo, ele está parado. Agora você passa por um professor, você dá risada, você conversa, agora o funcionário que vai lá, acompanha o adolescente na ducha, acompanha o adolescente no banheiro, acompanha o adolescente arrumar a cama, orientar, conversar, é mesmo que vai fechar a porta, é o mesmo que vai conter ele em uma situação, não tem como ter esse vínculo, porque assim, quando você... todos nós, principalmente os adolescentes, aquele que diz o não, para eles é ruim, entendeu? Então você não pode.... ou você diz não ou você diz sim, você não pode ser ao mesmo tempo as duas coisas e isso faz com que, a aproximação no trabalho não consiga sair com perfeição, porque o agente tem que fazer as duas funções e o adolescente não entende isso, entendeu? Se tivesse, o agente fosse somente lá fazer a parte da segurança, dar o suporte para o agente socioeducativo, se ele fosse lá, manter a ordem e a disciplina no local e aí entrasse em cena o agente socioeducativo para fazer o acompanhamento, fazer as orientações, ele tá lá para dar o suporte. Opa, passou daqui, aí já é comigo. Mas não é assim.

Deise E vocês apesar de estar ligados à segurança... Vocês estão ligados à segurança?

Pedro: Não, a gente não está ligado à segurança (...)

Deise: Mas dentro do organograma da Fundação CASA como está?

Pedro: Equipe de segurança.

Deise: Mas o cargo é agente de apoio socioeducativo?

Pedro: Isso.

Deise: Ele como agente de apoio socioeducativo ele tem que desenvolver ações socioeducativas e de segurança, apesar de estar ligado ao organograma de segurança?

Pedro: Isso, entendeu? Aí fica naquela, aí a gente fala que para o governo, quando convém é... nós somos é... Funcionários públicos, quando não convém somos servidores públicos, quando convém somos agentes de segurança, fazemos a parte de segurança, quando convém nós fazemos a parte socioeducativa.

Deise: Nesse momento vocês fazem a parte....?

Pedro: Socioeducativa, porque convém para o governo.

Deise: O que você acha deste nome "Agente de Apoio Socioeducativo"?

Pedro: Eu acho que é uma forma jurídica que a Fundação coloca, ela coloca apoio para não colocar e elevar a gente como educadores, esse apoio interfere em tudo, ela pode dizer que você é um segurança quando ela quer, ela fala que somos educadores quando ela quer. Então é um jogo que ela tem com essa palavra apoio. Eu acho que haveria ter a regulamentação do nosso cargo. (informação verbal)²⁹

Deise: Tem uma equipe de segurança mesmo na unidade?

Fabiana: Não, não. A equipe de segurança somos nós, não tem guarda aquele uniforme de segurança olhando pra eles, nos fazemos a segurança deles somos o socioeducativo, então eles sabem e hoje a gente passa muito que o poder tá na caneta e que o poder deles tá na caneta também o meu poder de tanto dizer o bem quanto dizer o mal em relação a internação dele tá na minha mão e se ele fizer o bem só vai o bem pra lá e se ele não fizer, não corresponder... você tá entendendo? (informação verbal)³⁰

Nos trechos acima, Pedro nos mostra as principais questões que envolvem a ideia de uma "segurança na educação", podemos notar o quanto não existe uma diretriz que faça com que estas duas áreas dialoguem e, conseqüentemente uma se sobrepõe à outra. E para o/a trabalhador/a que tem que dar conta de prover o que se pede no artigo 125º do ECA quanto a contenção e a segurança, é inevitável que a segurança seja o eixo central da sua ação. Fabiana traz uma outra face desta questão, que é o uso das informações que serão levadas ao Departamento de Execuções da Infância e Juventude (Deij) como forma de manter a ordem; este ponto será tratado um pouco mais adiante, quando formos discutir sobre as estratégias de controle e de relacionamento, porém na fala dela se reafirma que não há uma equipe de segurança que não sejam os próprios agentes de apoio socioeducativo.

Deise: Do seu ponto de vista, vocês acabam desempenhando uma atuação mais próxima de um segurança do que de um agente socioeducativo?

²⁹ Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

³⁰ Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

Jaqueline: Sim, mais como agente de segurança.

Deise: E vocês têm as atribuições privativas de um agente socioeducativo?

Jaqueline: Tem. É isso que eu estou te falando.

Deise: Mas é falado que vocês tem que conter fuga?

Jaqueline: Impedir, conter sim, se um adolescente sai correndo de repente eu vou sair correndo atrás dele. Mas pode ser que eu não alcance, quantos colegas meus saíram correndo atrás de adolescente e conseguiram pegar o adolescente, outros não conseguiram, eu saio correndo e posso até ser atropelada. (risos) (informação verbal)³¹

Deise: E o que é o conhecimento de Agente Socioeducativo?

Fabiana: O que que é, é um grande ponto, eles não querem isso aí. A gente poderia colaborar com tanta gente ali, Acho que no Guri seria o que menos, porque acho que ali é uma questão ali de profissional de música, mas com os professores de Educação Física poderia ajudar eles nas aulas, não dá, e neste momento eles falam que a gente é a segurança, “olha vocês são a segurança” É... quando efetivamente a gente quer ser a segurança? “Acabou, não vai ter nada” “não você é educador”. (...) (informação verbal)³²

Percebemos na fala destes/as entrevistados/as uma percepção da importância do trabalho socioeducativo, mas também fica evidente que no dia a dia de trabalho as exigências giram em torno da segurança e, que ações de cunho socioeducativo ocorrem conforme determinação da chefia direta.

Ainda no documento “Conceitos, Diretrizes e Procedimentos” (2014), no que se refere aos procedimentos em relação aos adolescentes, encontramos algumas orientações quanto à postura profissional exigida, a qual é permeada pelo autoritarismo e moralismo, onde para ser respeitado o educador deve zelar por:

- Colocar-se de maneira cordial, com **postura firme e marcante**, orientando o adolescente a entender seu papel na medida socioeducativa e deixando claro qual é a sua função dentro desta medida.
- **Fazer-se valer pela presença**, garantindo de forma preventiva a integridade física e mental dos adolescentes e de si mesmo.
- **Manter postura íntegra, ilibada, coerente**, possuindo como ótica o enfoque no adolescente, **que mesmo cumprindo** medida socioeducativa, é um ser em desenvolvimento psíquico, físico e social. (CONCEITOS...2014, p. 7, grifo nosso)

Quando o assunto é orientação aos adolescentes, encontramos pouca relação com o trabalho socioeducativo, o que mais uma vez coloca em evidência o trabalho voltado para a questão da manutenção da segurança, quando em sua

³¹ Informação fornecida por Jaqueline em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

³² Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

atuação o agente de apoio socioeducativo deve se preocupar, principalmente, em manter um local sem intercorrências.

- É necessário que o agente **atue de maneira rápida** para **evitar que certas intercorrências** não tomem proporções maiores, agindo sempre com cautela e coerência, **promovendo a segurança preventiva** de todos os envolvidos, somente fazendo uso da **força legal** quando necessário para contenção prevista no artigo 125 do E.C.A (CONCEITOS...2014, p. 7, grifo nosso)

Na citação acima vemos o quão importante é evitar a ocorrência de rebeliões, e para isto o/a agente de apoio socioeducativo deve ter uma ação rápida, com cautela e ainda deve promover a segurança preventiva, mesmo que para isto tenha que usar a força. Desta maneira entendemos que estes trabalhadores/as deveriam ter um preparo para executar tais ações, e o que encontramos são pessoas sem nenhum tipo de treinamento para exercer tais funções, como já dito em um momento anterior. Isso mostra um completo despreparo também para a ação na segurança.

Deise: Vocês tem um treinamento para contenção?

Fabiana: Não, não... Não, mas no primeiro embate ali é os agentes socioeducativos, por isso que a gente fala que nós na verdade, a maioria dos, principalmente os homens, a gente não, a gente não se considera um agente socioeducativo, agente se considera um agente de segurança, por que a gente tem que acompanhar tarefa por tarefa, sempre com aquele olhar da segurança, da segurança da integridade física do adolescente, integridade psicológica do adolescente, a nossa integridade física, a nossa integridade psicológica, então a gente, a gente se vê mais como um agente de segurança que socioeducativo, porque socioeducativo, dá impressão que é aquela coisa da educação, de você estar ali com o adolescente num, e a gente fica muito nessa coisa mesmo da segurança. Se eu precisar levar um adolescente pra um PS [Pronto Socorro] a noite... e for uma ...digamos que ele tenha combinado algum resgate no meio do caminho, ou que ele consiga fugir, eu vou ser, eu vou para corregedoria, vão pesquisar se eu facilitei a fuga, porque que eu não impedi a fuga, o agente socioeducativo não está pra impedir fuga de adolescente, e sim um agente de segurança. (informação verbal)³³

Esta questão vai sendo cada vez mais afirmada no decorrer do documento, como podemos identificar nos aspectos relevantes do “Espaço Socioeducativo”, onde há a exigência de uma vigilância constante por parte dos agentes, o que exige um profissional com o seguinte perfil:

³³ Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

- **Ser dinâmico**, atuando diretamente junto ao adolescente com **postura firme, marcante, astuto e criativo**;
- **Ser observador**, estar sensível a qualquer tipo de mudança que saia da normalidade. Estar **atento** ao trânsito dos adolescentes, prevenindo situações inesperadas; (CONCEITOS...2014, p. 7, grifo nosso)

Este perfil só reforça a atuação profissional ligada à segurança, pois o/a trabalhador/a, para evitar qualquer tipo de intercorrência que leve à fuga, por exemplo, deve reforçar os atributos citados, tais como: postura firme, marcante, astuto, criativo e observador. Pois, caso ocorra a fuga de um/a adolescente que está sob sua guarda, este irá ser responsabilizado.

Apesar de até aqui termos trazido a discussão sobre a figura do agente de apoio socioeducativo ligado à segurança, este ainda deve pautar suas relações de trabalho em conjunto com a equipe de referência das unidades, com o intuito de acompanhar e elaborar a construção do Plano Individual de Atendimento – (PIA), para tanto, existem algumas recomendações que nos chamam a atenção:

Recomendamos também:

- Fazer-se presente, para a formação de vínculo, sendo esta de maneira construtiva, solidária, favorável e criativa. Para isto a exemplaridade é aspecto fundamental.
- Educar, no caso dos adolescentes, consiste em ensinar aquilo que se deve ser. (CONCEITOS...2014, p. 9)

Como podemos perceber, o documento também traz questões sobre o trabalho socioeducativo, e, na percepção de Pedro, este é um ponto positivo do trabalho, pois a proximidade que ocorre com os/as adolescentes de sua referência lhe traz a sensação de respeito e tranquilidade em relação a ele e não em relação ao centro como um todo, visto que o/a adolescente acaba adotando uma postura de respeito apenas ao agente da sua referência. O fato do/a adolescente ter respeito a partir de quem é ou não é de sua referência pode ainda trazer elementos, mesmo que velados, do aspecto da segurança, visto que não há uma mudança da relação do/a adolescente com o conjunto de trabalhadores/as. Vejamos:

Deise: Que efeitos você percebe? Você tem adolescentes/jovens para quem você é referência? Como isso funciona? Tem vantagens? Tem desvantagens?

Pedro: Tem pela proximidade, quanto mais próximo você está do adolescente, menos conflito vai ter, seu dia a dia fica melhor, acho que isso é fundamental. Os adolescentes sabem que eu sou a referência deles, ele tem essa preocupação, tem coisa que ele vai

fazer comigo o que com outra pessoa ele não vai fazer. Ele tem um respeito. (informação verbal)³⁴

A entrevistada abaixo também aponta como positiva a questão da referência, verbalizou o quanto isto possibilita uma aproximação maior com os/as adolescentes, porém aponta uma fragilidade no processo, pois os/as trabalhadores/as do período noturno acabam não participando das reuniões para elaboração do PIA por não ser permitida a realização de banco de horas e nem hora extra, ou seja, o/a agente de apoio socioeducativo do período noturno acompanha todas as questões relacionadas ao PIA via registro em formulários internos e não em discussão de equipe de referência.

Deise: Você tem adolescentes/jovens para quem você é referência? Como isso funciona? Tem vantagens? Tem desvantagens?

Fabiana: Sim, sim, é os grupos de referência que te falei eu acho muito importante esse grupo de referência, hoje mais ou menos porque eram vinte mas acho que tem o grupo que acabou saindo e ficou mais ou menos vinte e cinco, quatro grupos que eu vejo de interessante porque, todo o corpo funcional da unidade se distribui também nesses quatro grupos e os adolescentes, vamos supor aqueles vinte e cinco adolescentes por mais que eles saibam que todos os funcionários tem a mesma função a gente acaba se tornando referência, vamos supor se ele esquece eles precisam de algo mais específico...é a senhora é do Saturno e depois eles sabem que eu sou do Saturno ate porque quando eles chegam que grupo você vai participar vai ser do Saturno, ah sou do Netuno e do Netuno é dona Sandra mas se você precisar não é porque sou do grupo, mas eles tomam isso como referência pra eles e ai também durante o dia esse grupo são os que fazem trabalho com eles que vão discutir vários temas e questões familiares e até questão adolescente então eu acho bom porque no total de cem adolescentes eles ficam criando um certo vínculo com os funcionários então aqueles vinte e cinco tem um vínculo maior com aquele funcionário, na minha unidade é nome de planeta que outros vinte e cinco tem vinculo profissionais do Júpiter, meu relatório como é que tá? Mesmo trabalhando à noite, não é que to apartada do grupo porque a gente tem nossa pasta de segurança vamos ficar sabendo do relatório deles se ele tá sendo enviado conclusivo se ele ta precisando do dentista vou passar pra enfermeira então assim gente acaba criando, muito importante. Não, sinceramente eu acho que é algo que agregou pra melhor dentro da função porque no passado você não tinha esse grupo, e uma forma de você estar mais próxima daquele adolescente, eu não vou estar próxima dos cem mas pelo menos daqueles vinte e cinco vou estar mais próxima e ele também vai estar próximo e um grupo de funcionários aqueles vinte e cinco vão estar próximos do restante do grupo então assim eu não vejo coisas negativas mas positiva ainda quando a gente participava. Se a fundação hoje, por exemplo,... não é questão de interesse mas se eu tivesse um banco de horas, pra mim talvez interessasse, ele não vai me pagar em dinheiro mas banco de horas

34 Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

a hora que eu precisar de uma folga eu tenho, mas eu fui lá trabalhar fiz um trabalho melhor.(informação verbal)³⁵

Na fala de Pedro encontramos outros elementos para análise, por exemplo o fato de considerar que as reuniões das equipes de referência existirem, porém há uma “escolha” dos profissionais que devem ou não devem compor essa equipe para o momento de estudo dos casos.

Deise: É como se fossem dois serviços?

Pedro: Sim. Existe uma parede, que a própria fundação não quer que quebre, porque ela não quer que quebre, porque poderia muito bem diminuir as diferenças, preparação para os relatórios, nós estarmos em contato direto, “ah mas você vai falar pra mim que não tem reuniões?” Tem, se eu falar que não tem eu vou estar mentindo. Tem sim, mas são sempre os mesmos profissionais e quem eles querem, para não criar conflitos com os adolescentes.

Deise: Qual então você acha que é o critério que eles utilizam para esta escolha?

Pedro: O funcionário que não fala nada, que não fala nada...que não tem conhecimento do trabalho, e muitas vezes, aí é os coordenadores, ele não vai tirar eu de uma atividade lá com o adolescente e colocar um outro funcionário ou funcionária, ele vai preferir tirar a mulher que vai fazer esse papel

Não deixam eu ir participar, geralmente vai uma mulher, para não tirar um agente, as vezes é até discriminação dos próprios gestores, mas eles não aceitam. Eu já participei muito de Conselho de Avaliação Disciplinar, membro de CAD, eles não gostam da participação dos agentes de apoio socioeducativo.

Deise: Você não participa do PIA, mas você faz relatório?

Pedro: Não, mas eu deveria participar do PIA.

Deise: Mas você faz relatório sobre os adolescentes?

Pedro: Raríssimo, eles não autorizam.

Deise: Mas não tem que fazer relatório?

Pedro: É um jogo de mentira. (informação verbal)³⁶

E essa escolha, como se pode notar na fala de Pedro, se dá ou por considerar que o agente irá discordar da equipe técnica, ou até mesmo com o objetivo de não deixar a equipe desfalcada, diante do número de profissionais. Levando em consideração que a construção do PIA é uma das possibilidades do/a agente de apoio socioeducativo exercer a função socioeducativa e esta ação acaba sendo pouco realizada, devido a questões estruturais ligadas ao quadro de funcionários, e à própria relação da segurança com a equipe técnica e pedagógica. Lembrando que mesmo que o cargo de agente de apoio socioeducativo exija uma relação entre a educação e a segurança, os/as profissionais que ocupam este cargo

35 Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

36 Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

respondem para o setor de segurança e disciplina, o que reforça as características voltadas para a segurança e não para o socioeducativo.

Uma das formas de comunicação oficial com o Deij se dá através dos relatórios que são encaminhados pela Fundação CASA, estes são compostos por um conjunto de pareceres: pedagógico, social, psicológico, da saúde e da segurança.

Os relatórios devem ser elaborados pelos/as funcionários/as de cada área de atuação. No caso do parecer da segurança, este deve ser elaborado pelos/as agentes de apoio socioeducativo após estudo de caso, o que nem sempre ocorre, como podemos ver no próximo relato:

Deise: E vocês como agentes acompanham as metas? [Pergunta referente as metas postas pelo Plano Individual de Acompanhamento]

Pedro: Não. Nós somos tirados dessa parte, nós somos tirados de tudo. Muitas vezes o PIA é construído sem a presença dos referências do pátio, que deveriam participar, o SINASE diz isso. Eles não querem, por exemplo, eu falo que onde que eu estou eu não consigo participar, o pessoal pede para que eu possa participar mas eles não aceitam.

Não deixam eu ir participar, geralmente vai uma mulher, para não tirar um agente, as vezes até discriminação dos próprios gestores, mas eles não aceitam. Eu já participei muito de Conselho de Avaliação Disciplinar, ser membro de CAD, eles não gostam da participação dos agentes de apoio socioeducativo.

Deise: Você não participa do PIA, mas você faz relatório?

Pedro: Não, mas eu deveria participar do PIA.

Deise: Mas você faz relatório sobre os adolescentes?

Pedro: Raríssimo, eles não autorizam.

Deise: Mas não tem que fazer relatório?

Pedro: É um jogo de mentira.

Deise: Mas até onde eu sei, tem o relatório da segurança.

Pedro: Tem, mas geralmente são os coordenadores [se refere à elaboração do relatório], eu particularmente, eu só, desse tempo de Fundação eu só fiz dois, só porque eu briguei pra fazer. (informação verbal)³⁷

Deise: Em relação ao relatório da segurança, quem é que faz o relatório?

Jaqueline: Somos nós, nós da segurança de disciplina fazemos... é assim, é nós somos referência trabalhamos com grupo de referência, como lá na provisória são três alas vamos falar assim A,B,C então cada ala tem o número de agentes que é referência, então eu sou referência do quarto C, eu fico na sala de aula acompanhando as aulas dos meninos do C, os outros fazem nos demais. Ai tem eu, ai vem pra formar esse grupo de referência, tem uma agente educacional que é da pedagogia, um ou dois ou três agentes que é da segurança de disciplina, os técnicos, uma psicóloga, uma assistente social e ai que forma o grupo de referência. Tem eu, a senhora Deise, a senhora Márcia por exemplo, a Daiane o João esse é o grupo de referência do José. Nós discutimos casos também, discutimos uma vez por semana pelo menos no quarto C, eu fui só uma vez outro dia

³⁷ Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

me chamaram eu falei, não eu não vou porque já estou aqui e estou cuidando de x coisas não posso descer... “ah não desce que não tem ninguém...” “Não, não vou, chama outra pessoa” Porque assim, os homens tem uma visão bem punitiva, muito punitiva, olha assim a maioria assim que eu vejo é que não gostam de muita conversa, não gosta de ouvir é bronca é bronca...cobrar, cobrar, cobrar...é o tal do protagonismo né. Você é responsável pela sua própria história não vem não, é só to aqui pra cobrar. (informação verbal)³⁸

Neste momento, fica evidente que apesar do/a agente de apoio socioeducativo ter como função a elaboração conjunta, com outros profissionais, do Plano Individual de Atendimento, isto não ocorre, pois as funções de segurança se sobrepõe às socioeducativas, visto que acompanhar um estudo de caso e até mesmo a elaboração de um relatório, quando ocorre, é uma exceção e não a regra, como está previsto legalmente. Sendo assim, novamente vemos que a função de segurança é a que tem mais força dentro do contexto do trabalho dos/as agentes socioeducativos.

3.2 Valorização ou desvalorização profissional?

Em geral, os/as entrevistados/as sentem-se desvalorizados/s pela Fundação Casa, e esta questão perpassa o Plano de Carreira, que, segundo estes, não existe, pois o que existe é um plano de salários, mas em contrapartida, nenhum deles/as, com exceção de um entrevistado que não atua mais na Fundação, todos/as os/as outros/as não apontam planos de mudança de trabalho, ou seja, apesar das dificuldades encontradas no cotidiano eles/as apontam que devido ao salário que recebem hoje, e ao tempo de trabalho na instituição, que em geral passa dos 15 anos, estes não tem planos para sair do cargo, a não ser uma promoção ou a aposentadoria.

Deise: Você pretende permanecer neste trabalho? Tem planos diferentes para o futuro?

Pedro: Deise, eu tinha sim, eu tenho várias vertentes. Eu entrei lá prestando um concurso e pensando que primeiro eu tinha que fazer aqui a minha vida. Por sorte eu tenho estado no lugar certo na hora certa, Eu estou diferenciado, eu estou no topo da carreira, coisa que muitos amigos não tem, brigam. Na época eu falava com a minha esposa, ela trabalhou comigo né, a gente brinca que eu era nível 3 em 2003, que era um fato de pouca gente, a idade minha baixíssima, não tinha empréstimo, mas tinha carro e apartamento.

Deise: Você ainda tem como ganhar mais? Mudando de cargo?

³⁸ Informação fornecida por Jaqueline em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

Pedro: Cargo é assim, infelizmente o [inaudível] plano de carreira, eu ganho mais que o meu coordenador, sempre ganhei mais do que ele, desde 2004, eu sempre ganhei mais do que eles. Ai você tem vontade de ser diretor? Não tenho, porque a diferença é pouca para ser responsável por tudo, mas não vou dizer nunca. Hoje não. (informação verbal)³⁹

Deise: E você pretende continuar lá? Você está há quantos anos lá?

Jaqueline: Dezessete, estou aposentada minha filha, há dois anos, é assim... era já época pra sair né, mais por conta que me deixaram em desvio de função eu fiquei com o salário muito defasado a Fundação tem um plano de carreira de cargos de salários que funciona mais pros amigos do que pra quem realmente trabalha, então eu fui assim extremamente prejudicada nesse plano de carreira de cargo de salário. Ai mudaram meu cargo eu entrei como monitora um, depois me passaram pra agente administrativo nesse agente administrativo eu tive uma perda salarial de pelo menos R\$ 800,00 (oitocentos reais) por mês durante quase doze anos e ninguém me pagou nada.

Deise: E você não tem direito a isso?

Jaqueline: E eu, assim na época eu não entrei com ação judicial, porque é tudo via ação judicial eu não entrei, então isso prescreveu se eu for reivindicar hoje o advogado já falou pra mim que já prescreveu, esquece o tempo, então fazer bem continuo porque, porque estou no nível dois existe plano de carreira salário mais eu estou ainda no nível dois é um salário ruim em relação aos colegas que nunca saíram do pátio e eu estou em busca de outras coisas ai via ação judicial, esse nível três entrei com processo e solicitando, requerendo equiparação, reenquadramento, porque não tem mais equiparação salarial no serviço público, reenquadramento salarial e agora já tenho direito a sexta parte depois de mais de vinte anos de trabalho no público né, somando dois tempos, insalubridade. (informação verbal)⁴⁰

Deise: Você pretende permanecer neste trabalho? Tem planos diferentes para o futuro?

Fabiana: Não tenho outro plano, inclusive assim eu fiz Serviço Social, eu já prestei concurso duas vezes, e já passei, e a Fundação já me chamou, mas o que que acontece... a Fundação não te dá nenhum incentivo para você crescer profissionalmente através de um estudo, assim não incentiva assim, sem que você tenha que pedir uma demissão. Hoje eu tenho 20 anos de fundação, eu já passei por um plano de cargo, de carreira, eu teria que fazer o que? Pedir demissão e perder tudo isso que já conquistei, não é muito, mas pra gente que tá lá dentro é uma conquista. Entrar novamente como um RE [registro] novo, passar por um período probatório, e assim é um outro risco que eu vou correr entendeu, então não compensa, só que eu tenho planos, eu estou prestes a me aposentar e vou prestar concurso de novo, ai aposentada sim, eu vou ter segurança de sair da fundação como agente de apoio socioeducativa e entrar como Assistente Social. (informação verbal)⁴¹

O cargo maior que um agente de apoio socioeducativo pode alcançar é o de coordenador de segurança, e isto se dá com cargos de confiança, ou seja, não ocorre através de um plano de carreira. A questão de aumento da faixa salarial é outro desafio, pois a regulamentação que existe hoje, segundo os/as entrevistados/as é bem burocrática, o que consideram um dificultador. E mesmo

39 Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

40 Informação fornecida por Jaqueline em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

41 Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

quando optam por cursar um curso de nível superior, como no caso da Fabiana, que cursou Serviço Social, por considerar a possibilidade de atuar em outro âmbito na Fundação Casa, isto não é possível, a não ser que ela passasse em um novo concurso para o cargo e pedisse exoneração do cargo atual, o que lhe faria ter grandes perdas trabalhistas.

Deise: Que tipo de regulamentação que ela tem que ela não cumpre?

Joana: Por exemplo, nos temos lá o cargo de... pcc é um cargo de salários né, então cada dois anos o funcionário ele é avaliado e ganha uma letra e a cada três anos ele sobe de nível, então é já tem quatro anos que o funcionário já foi avaliado, já passou por essa letra e o salário dele não é repassado, essa letra e ai é outra coisa, a maioria, eu também estou nessa situação, eu estou, eu sou avaliada também não só pelo cargo de confiança mas pelo meu cargo de origem de agente e também fui avaliada também e assim, eles mudam a regra do jogo no meio do campeonato, entendeu? Porque o primeiro plano de carreira que foi implantado na fundação foi em 2002 então foi feito .. pra que o salário do funcionário fosse avaliado se tivesse uma promoção e foi feito, liberado uma portaria normativa e ai é... no meio do... em 2006 essa portaria foi revogada e foi feita outra, ai se você antes era automático que você depois de três anos você mudaria de letra ai agora você já não mudaria mais, você teria que passar a cada dois anos sendo avaliados, duas avaliações pra você conseguir uma letra, ai depois, agora já mudou de novo, você além de passar pro uma letra você tem que fazer uma prova, entendeu? E o funcionário pra chegar um nível é... são nível um, dois, três, cada nível tem uma letra, são cinco letras pra chegar em cada nível então ele vai demorar mais ou menos trinta anos pra chegar no nível 3, isso se ele não tiver nenhum problema porque assim que ai é outro absurdo né que além disso você não pode ser punido, pelo mesmo é...pela mesma situação, mesmo ato mais de uma vez, uma vez que você leva um processo administrativo seja qual for, você leva o processo administrativo, você fica sem ganhar uma avaliação durante dois anos, você tem perda no seu salário e assim, uma vez , já foi punido né por supor o menino fugiu, você foi levar o menino numa na.. médico e menino fugiu ai você... é aberta sindicância e entendeu que você facilitou você foi relatospso , você leva um afastamento de sete dias, esse sete dias vai afetar no seu salário, vai afetar é... nas suas férias e... você já sabe que esse sete dias vai afetar nisso mas além disso você ainda não vai mais ganhar promoção durante dois anos e você não vai mais ter direito ao bônus, entendeu? E não tem aquela, se você já levou um processo administrativo, se você levou suspensão de sete dias você já foi punido pelo seu ato, ele fica retaliando e ai é.. difícil... (informação verbal)⁴²

Na fala da entrevistada Fabiana aparece mais uma questão que nos chama a atenção: caso o/a adolescente fuja ou aconteça algum tipo de violação ou violência contra ele/a e fique comprovada a responsabilidade do agente de apoio socioeducativo, e este tipo de ocorrência se repita, o agente fica dois anos sem poder pedir avaliação de aumento de salário; de alguma maneira esta é uma

⁴²Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

tentativa de tentar acabar com as situações de violência dentro dos centros de atendimento. Mas é importante destacar que este tipo de punição, sem um investimento na formação continuada do/a trabalhador/a pode ter um efeito muito incipiente, pois da mesma forma que o/a adolescente passa a respeitar apenas o/a agente de sua referência, o mesmo pode ocorrer com os/as trabalhadores/as, estes podem evitar as ocorrências mais violentas não por acreditar que os/as atendidos/as são merecedores/as de respeito e sim por receio de ficar sem aumento por mais tempo do que o previsto.

Dentro de toda esta lógica do trabalho exercido pelos/as agentes de apoio socioeducativo na Fundação Casa, lógica permeada pela ambiguidade do cargo, de ausência de um plano de carreira, ausência de processos de formação continuada, ainda encontramos na fala dos/as nossos/as entrevistados/as um sentimento de desvalorização que se expressa na falta de investimento no profissional.

Deise: Tem mais alguma coisa que você queira falar?

Joana: Eu acho que só seria legal que não tem na Fundação, a não ser o cargo de diretor, eu acho que os coordenadores de equipe, os gestores, que é dado o nome, eles deveriam ter o conhecimento mais amplo, porque assim, hoje mesmo a minha unidade está faltando coordenador, e aí eu vou pegar o agente que é assíduo, o agente que tem um pouco mais de experiência da Fundação, para ser coordenador, e como eu disse no começo da nossa entrevista também, de que o coordenador tem que fazer essa mediação entre o adolescente e o funcionário, para que não crie uma situação mais grave e muitas vezes há uma necessidade de ter um conhecimento maior, um coordenador não pode ter a mesma visão que um agente de segurança. (informação verbal)⁴³

Deise: Então você acha que precisaria de um investimento maior nesse sentido?

Joana: Porque ele vai estar, ele é o mediador entre o funcionário e adolescente. Porque se não tiver um conhecimento mais específico, é uma ação dele pode acarretar uma, várias situações. Eu acho que é... ele precisa ter um conhecimento, assim como a diretora, geralmente é uma assistente social, uma psicóloga, alguém já na área, naquela banda que a gente fala, né? É raro... tem os diretores que são coordenadores também, porque? Porque antigamente tinha muito isso, era mais coordenador, porque eles já estavam no pátio, já conhecia a rotina tal, aí agora hoje também a parte de psicólogas, assistente social, ela já conhece o tramite de documentação.. ela conhece a parte de documentação e não conhece o pátio a fundo. Coordenador conhecia o pátio, mas não conhecia essa parte, então existe muito dessa situação aí, mas eu acho que o coordenador ele como ele lida direto, ele é direto ali com os dois, com o funcionário que é a base, que ele que sustenta a Fundação, porque se ele cruzar o braço, a Fundação para. Se ele tomar uma atitude errada, a casa toda sofre, então eu acho que o coordenador tem que ter esse preparo. Não só ter o nível Superior, mas

⁴³ Informação fornecida por Jaqueline em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

como estar se atualizando, porque há essa necessidade de se atualizar. (informação verbal)⁴⁴

Fica expressa na fala dos/as entrevistados uma questão de negligência com os/as trabalhadores/as, que também se constata no Levantamento Anual Sinase (2016). Em todas as suas publicações são apontadas questões quanto ao perfil dos adolescentes, as violências e violações sofridas, o que embora se justifique plenamente, tende a deixar em segundo plano a realidade vivenciada pelos/as trabalhadores/as do sistema socioeducativo.

No Levantamento Anual de 2016, que considerou 477 unidades no Brasil, temos o seguinte quadro de Recursos Humanos: 61% (19.857) do sexo masculino, 39% (12.608) do sexo feminino. A divisão por categorias nos traz que 3,9% (1.252) são assistentes sociais, 3,5% (1.125) psicólogos/as, 2,1% (692) pedagogo/a, e 55,2% (17.910) socioeducador/a, que no estado de São Paulo é denominado de agente de apoio socioeducativo. Como se pode ver, o caráter extremamente genérico dos dados dificulta traçarmos um perfil dos profissionais que atuam diretamente na execução da medida socioeducativa de internação em estabelecimento educacional, porém nos evidencia um estabelecimento educacional que possui em seu quadro de RH a presença de apenas 2,1% de pedagogos, em contrapartida a segurança por agentes de apoio socioeducativo compõe 55,2% do quadro. Temos assim uma instituição com um quadro de funcionários/as voltados para a vigilância e controle dos internos/as, com uma média nacional de três adolescentes por agente de apoio socioeducativo, porém não conseguimos afirmar que no estado de São Paulo há esta mesma proporção, visto que não temos dados oficiais que apontem o número de agentes deste estado.

Deise: Você trabalha com quadro completo de profissionais? São 11 agentes, mas você teria que ter mais pela lógica, legalmente?

Joana: Não, porque eu to até com quadro a mais, porque se eu não me engano são oito ou dez por funcionário, é então eu to com um a mais.

Deise: Você acha que precisaria de mais?

Joana: Sim, sim.

Deise: Quantos funcionários você acha que seria ideal pra dar conta nesse número de adolescentes que você tem?

Joana: É eu tenho noventa e quatro, é eu olha.. pra trabalhar tranquilo, tranquilo, eu teria que ter uns... quatorze funcionários. Porque com quatorze eu ia ter 7 em cada modulo, desse sete eu ia ter um que fica, que eu fico, que ele fica na porta de acesso lá de fora, trancada e seis lá dentro, porque

⁴⁴Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

o que fica do lado de fora, qualquer coisa que acontecer lá dentro, ele não pode abrir porta, ele é orientado pra não abrir, mesmo que tenha colega lá dentro. (informação verbal)⁴⁵

A realidade experimentada pela entrevistada Joana é bem diferente dos dados oficiais, ela relata que hoje, no estado de São Paulo, temos uma média de oito a dez funcionários por plantão, e que o ideal para que se pudesse desenvolver um trabalho com uma melhor qualidade este quadro deveria ser ampliado para 14 agentes de apoio socioeducativo.

A questão da desvalorização do saber profissional aparece com certa força nas falas de Pedro e Joana:

Deise: O que você acha que deveria ser reconhecido que não é?

Pedro: Com o passar do tempo a gente vai adquirindo experiências. Eu acho que a experiência não é valorizada hoje na fundação. Eu acho que a gente tem muito para somar, trocar informação. Nesse centro que eu estou hoje eu vejo que não se quer informação, não se quer a troca. O coordenador está lá e se você vai dar uma opinião não se aceita, então muitas vezes a gente fala: “eu vou falar que vou pra esquerda, mas que quero que vá para direita, quer ver que vai dar certo? E dá. (informação verbal)⁴⁶

Deise: Você sente que seu trabalho é reconhecido?

Joana: Não, não é não. Não.. não, não, não é ... é a gente vê o descaso com que a fundação trata, porque assim o funcionário por mais que ele... seja funcionário problemático como toda a função e em qualquer outro lugar também e também o local que a gente trabalha dá uma proporção a isso é.. não tem esses acompanhamentos, isso é uma forma de reconhecer quando a gente... os direitos que a fundação mesmo, por lei elas nos garante, com portarias nem ela cumpre a portaria que ela mesma coloca em vigor então nem na área nem na parte humana nem na parte profissional eles não valorizam. (informação verbal)⁴⁷

É perceptível como há uma insatisfação com a instituição que não proporciona condições de trabalho adequadas, no que se refere à formação continuada, à possibilidade de se ter um plano de carreira e, ainda uma desvalorização do saber profissional, o que de alguma maneira impacta na maneira como os/as agentes se relacionam com a população atendida.

⁴⁵ Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

⁴⁶ Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

⁴⁷ Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

4. O CONTEXTO DOS CENTROS DE ATENDIMENTO: ESTRATÉGIAS DE CONTROLE DOS AGENTES DE APOIO SOCIOEDUCATIVO

Neste capítulo abordaremos as estratégias que foram criadas pelos/as agentes de apoio socioeducativo entrevistados para que pudessem manter o controle e a ordem no seu cotidiano de trabalho, tendo a mentira e a barganha sido utilizadas na busca de não se perder o respeito diante dos adolescentes e, ainda uma preocupação com a possibilidade do/a adolescente realizar denúncia junto às instâncias de controle, tais como: Corregedoria e juízes que acompanham a execução das medidas aplicadas aos adolescentes.

Podemos dizer que os centros de internação para adolescentes possuem características bem próximas do que são as prisões, e de acordo com Zimbardo (2015, p.292), estas instituições podem ser consideradas como lugares que contribuem fortemente com o processo de brutalização do ser humano, pois acabam por estimular mais comportamentos violentos do que necessariamente uma mudança na perspectiva da não reincidência, visto que é nestes ambientes em que se mistura a precariedade da própria instituição, a qual não consegue garantir o mínimo de condições adequadas para o desenvolvimento do trabalho socioeducativo, com a própria fragilidade encontrada nos processos formativos dos/as agentes que acabam tendo que encontrar soluções para lidar com os/as adolescentes e com seus colegas de trabalho, situações que se distanciam do que propõem as legislações que ditam como deve ser o funcionamento destas instituições, ou seja, não funcionam na perspectiva do Eca e do Sinase, mas sim com a perspectiva da disciplina e da ordem. Conforme Goffman (2010):

Quase sempre, muitas instituições totais parecem funcionar apenas como depósitos de internados, mas, como já foi antes sugerido, usualmente se apresentam ao público como organizações racionais, conscientemente planejadas como máquinas eficientes para atingir determinadas finalidades oficialmente condensadas e aprovadas. Já se sugeriu também que um frequente objetivo oficial é a reforma dos internados na direção de algum padrão ideal. Esta contradição, entre o que a instituição realmente faz e aquilo que oficialmente deve dizer que faz, constitui o contexto básico da atividade diária da equipe dirigente. (GOFFMAN, 2010, p.70)

Diante disto, temos uma realidade em que os/as trabalhadores têm como objeto de intervenção as pessoas, e tentam enquadrar os/as adolescentes dentro de

um padrão esperado de comportamento ideal para o bom funcionamento de uma instituição, para isso realizam um trabalho de acompanhamento e registro em prontuários internos de todos os movimentos que são realizados pelos/as adolescentes, e a utilização destes documentos para o controle do comportamento são mais frequentes do que se imagina, porém, o que não se imagina é que estes registros, muitas vezes, ficam circunscritos aos documentos internos, não se materializando na produção de um relatório encaminhado as autoridades judiciárias; apontamos isto, pois identificamos que o relatório é uma ferramenta de controle do comportamento do/a adolescente.

A Fundação Casa é uma instituição que cumpre com sua função social: a invisibilidade e a segregação da população ali internada.

Os meios de comunicação apresentam à população o risco a qual está sujeita, uma vez que a instituição prisional não cumpre eficazmente seu desejado papel de formar um cordão de isolamento em torno das “anomalias” sociais. Em consonância, o que se espera das autoridades responsáveis é que implementem um conjunto de estabelecimentos carcerários com dispositivos físicos, materiais e recursos humanos suficientes para calar ou tornar invisível a massa carcerária, consumindo o mínimo possível de verba pública. (Almeida e Coelho, 2008, p. 7)

Evidentemente, para que esta invisibilidade ocorra não se conta apenas com o/a agente de apoio socioeducativo, podemos considerar que existe uma rede de atores desenvolvendo seus papéis para que cada vez mais esta população seja esquecida. Portanto, não queremos aqui trazer a fala destes/as trabalhadores/as com o intuito de julgá-los/as e/ou condená-los/as, mas sim fazer o que Zimbardo (2015) chama de “democratização do mal”:

Qualquer ato que tenha sido cometido por um ser humano, não importa quão terrível, pode ser cometido por qualquer um de nós – sob circunstâncias situacionais certas ou erradas. Este conhecimento não desculpa o mal; antes, ele o democratiza, compartilhando sua culpa entre atores comuns, em vez de declará-lo esfera de ação de alguns desviados e déspotas – Deles, mas não de Nós. (ZIMBARDO, 2015, p.300)

Diante disto vamos partir da análise das circunstâncias que levam os/as agentes a terem comportamentos que, muitas vezes, nós repudiamos, partindo da premissa de uma análise que consiga ir para além da aparência em busca da essência dos fatos. Portanto iremos nos centrar no poder das circunstâncias. E, quando as circunstâncias não forem suficientes para explicar os fatos, aí sim

devemos recorrer às explicações que atingem individualmente as pessoas. Como diz Zimbardo (2015, p. 301), em sociedades individualistas buscamos explicações a partir do temperamento das pessoas, desconsiderando a influência das situações nas quais estão inseridas. Esta característica, de supervalorizar a personalidade e desvalorizar a influência das circunstâncias está presente na lógica da meritocracia, tão em alta na sociedade brasileira.

As instituições de privação de liberdade tem as suas regras e, como diz Zimbardo (2015, p.302), estas tem como objetivo controlar os comportamentos, e se expressam nos regulamentos, os quais se centram em apontar quais tipos de comportamentos são ou não aceitáveis e, em não sendo aceitáveis, são passíveis de punição. Com o tempo, as regras se naturalizam e passam, inclusive, a continuar existindo mesmo que não faça mais sentido algum, ou até mesmo são modificadas conforme a vontade de quem tem o objetivo de fazer com que ela seja cumprida, no nosso caso, o/a agente de apoio socioeducativo.

Algumas regras são essenciais para a efetiva coordenação do comportamento social, tais como um público prestando atenção quando um ator fala, motoristas parando no sinal vermelho, e pessoas não furando filas. Contudo muitas regras são apenas projeções da dominação daqueles que as criam, ou daqueles que são encarregados de seu cumprimento. Naturalmente, a última regra, assim como as regras do EPS [refere-se ao Experimento Stanford], sempre incluem punição para a transgressão das outras regras. Portanto deve haver alguém ou alguma agência desejosa e capaz de administrar tal punição, fazendo-o, de preferência na arena pública, o que servirá para dissuadir outros potenciais transgressores. (...) (ZIMBARDO, 2015, p.302)

Durante toda a nossa pesquisa encontramos uma busca constante dos/as agentes de apoio socioeducativo pelo cumprimento das regras através da obediência dos/as adolescentes. A conquista da obediência é vista como a realização de um trabalho eficiente, pois qualquer coisa que ocorra que fuja dos padrões disciplinares coloca em risco a credibilidade do trabalho desenvolvido.

O dilema inerente à submissão à autoridade é tão antigo quanto a história de Abraão a quem Deus ordenou sacrificar seu filho como prova de fé. A questão de saber se deve alguém obedecer ou não às ordens quando elas conflitam com a consciência foi discutida por Platão, dramatizada na Antígona de Sófocles e submetida à análise filosófica, em quase todas as épocas históricas. Os filósofos conservadores argumentam que a própria estrutura de sociedade é ameaçada pela desobediência, ao passo que os humanistas acentuam a primazia da consciência individual. (MILGRAN, p.1).

A efetivação do controle da situação pela obediência é utilizada pelos/as agentes de apoio socioeducativo, principalmente pelo medo do que pode ocorrer caso o controle seja perdido, este medo varia desde os riscos físicos até a perda da autoridade perante os/as adolescentes.

Dadas as características fisiológicas do organismo humano, é evidente que há necessidade de atender a certas exigências para que se possa fazer uso contínuo de pessoas. No entanto, isso também é verdade no caso de objetos inanimados, é preciso regular a temperatura de qualquer depósito, seja de pessoas, seja de coisas. Além disso, assim como minas de estanho de tintas ou substâncias químicas podem incluir perigos específicos para os empregados, existem (pelo menos na crença da equipe dirigente) perigos especiais no trabalho com pessoas. Nos hospitais com doentes mentais, as equipes dirigentes acreditam que os pacientes podem “bater sem razão” e ferir um funcionário; alguns auxiliares acreditam que a exposição contínua a doentes mentais pode ter um efeito contagioso. Em sanatórios para tuberculosos, e em leprosários, a equipe dirigente pode pensar que está exposta a doenças perigosas. (GOFFMAN, 2010, p.71)

Em dado momento da entrevista com o Sr Pedro, foi-lhe perguntado sobre sua posição quanto ao aumento do tempo de internação do/a adolescente na medida socioeducativa e este respondeu de pronto que não concordava. E neste momento nos fez entender o quanto não acredita nesta forma de atendimento, visto que nos trouxe algumas questões sobre a fragilidade da instituição e, conseqüentemente, do trabalho desenvolvido.

Deise: E porque você disse que não é a favor da ampliação do tempo de internação?

Pedro: Porque não há estrutura, esses adolescentes com a medida socioeducativa sem prazo determinado, nós agentes de apoio socioeducativo, a fundação CASA ela vive de mentira: “Oh se você ficar bem daqui a dois meses você pode ir embora”, “Daqui a seis meses você pode ir embora, eu posso fazer um relatório bom”. Aquele menino problemático “oh se você mudar eu posso agilizar o seu lado e você pode ir embora”

Deise: Isso não é real?

Pedro: [Demorou em responder] Real [gaguejou], real? Hoje a verdade é essa. E com o **tempo indeterminado e prazo longo**, ele vai dizer assim: “não vai dar nada para mim, **então eu vou pintar e bordar e fazer a bagunça aqui**”. Não há uma estrutura.

Deise: Vocês têm uma ferramenta para fazer “barganha” com os adolescentes, mas que efetivamente não é bem como vocês falam?

Pedro: A gente fala uma mentira para eles “Oh, o seu relatório, coloquei isso...” de mentira. Existe uma hierarquia. (informação verbal, grifo nosso)⁴⁸

48 Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

Uma das questões apontadas como problema para o entrevistado é o fato de ser internado sem ter um prazo de internação, o que muitas vezes acarreta em internações longas, que perdem o sentido para o/a adolescente, principalmente se este perceber que não há, de fato, nada que possa ser feito para abreviar sua permanência na instituição, podendo levá-lo/a a romper com todas as regras possíveis, ou seja, “pintar e bordar”, “fazer a bagunça aqui”, conforme a fala do entrevistado. Com medo que se chegue a esta situação, os/as agentes acabam por encontrar uma estratégia para manutenção da ordem e da disciplina: a ameaça do que vai ou não vai ser colocado nos relatórios enviados ao Deij. Mas isto só é possível porque os/s adolescentes desconhecem o fato de que as anotações realizadas pelos/as agentes não necessariamente serão parte do relatório. Nas próprias palavras de Pedro “A gente fala uma mentira para eles”, caso contrário ele perderia o controle sobre os/as adolescentes. Na perspectiva de Pedro, não há alternativa de trabalho para viabilizar o controle dos adolescentes se não o uso deste tipo de estratégia.

Fabiana: Primeiro que eu que fui chama-lo [referindo a escala de limpeza do centro], então eu tenho que chamar este adolescente, é que eu tenho... eu Fabiana, eu tenho muita paciência, vou sentar, vou falar: olha, **você sabe que hoje em dia é só uma caneta na minha mão**,... Acaba sendo uma coação, mas todo mundo participa, é só um dia e você só vai participar daqui um mês, você acha que vai valer a pena por conta de um relatório que eu vou ter que fazer esse relatório vai para o seu prontuário, o juiz vai entender que você não participa, e se ele entender que você não participar, então como você vai estar apto para sair daqui de dentro? Como você vai enfrentar lá fora, você vai ter que arrumar um emprego, (risos), ai você vai falando né, ai normalmente eles rapidinho, mas quando eles insistem a gente tem que levar para a coordenação. (informação verbal, grifo nosso)⁴⁹

Na fala de Fabiana a situação fica bem explícita quando esta fala sobre a escala de limpeza que existe na Fundação Casa. Os centros de atendimento não possuem em seu quadro de funcionários pessoas responsáveis pela limpeza, portanto os/as responsáveis por manter todo o centro limpo são os/as adolescentes.

Segundo os/s entrevistados/as todos os centros montam uma escala com os/as adolescentes para que todos/as realizem a limpeza. E, para que isto ocorra sem nenhum problema Fabiana se refere ao uso da “caneta” como forma de coação, pois ou ele/a limpa as dependências do centro conforme a escala, ou sua ação será interpretada como “mau” comportamento, e será registrado em seu prontuário e,

⁴⁹ Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

assim como no caso do agente Pedro, é bem possível que esta informação fique apenas nos registros diários do adolescente, não necessariamente compondo o relatório que irá para o Deij. Uma outra questão a ser observada é que não percebemos nestas falas nenhuma preocupação com os sentimentos dos/as adolescentes, o que os/as leva, ou não, a realizar as atividades propostas, tudo isto fica em segundo plano, pois o que interessa é o cumprimento das regras. Goffman (2010), nos mostra o quanto o objetivo da ação profissional se restringe ao cumprimento de regras:

(...) o grau de mudança no autogoverno do internado que é explicitamente desejado pela equipe dirigente. Presumivelmente, nas instituições de custódia e de trabalho, o internado precisa apenas obedecer. As ações padronizadas; o estado de ânimo e os sentimentos íntimos com que realiza suas funções parecem não ser uma preocupação oficial. Nos campos de “lavagem de cérebro” nos estabelecimentos religiosos e nas instituições para psicoterapia intensiva, os sentimentos íntimos do internado devem constituir um problema. Aqui, a simples obediência às regras de trabalho não seria suficiente, e a aceitação, pelo internado, dos padrões da equipe dirigente, é um objetivo ativo, e não apenas uma consequência incidental. (GOFFMAN, 2010, p. 104)

O fato do/a adolescente negar-se a realizar as tarefas de limpeza pode lhe trazer muitos prejuízos, inclusive por se entender que se ele/a não participar não estará apto para conviver em sociedade; aparentemente a ideia central destas ações é a de que se ele não for obediente dentro de uma instituição que tem por objetivo prepará-lo para o convívio social mais amplo, não o será no mundo do trabalho, o qual exigiria o hábito da obediência; porém, a essência desta fala é a manutenção da ordem e da disciplina dentro do centro para que se mantenha o controle dos adolescentes e a autoridade não seja abalada.

O problema da obediência não é somente psicológico. A forma e a configuração da sociedade e a maneira pela qual ela está se desenvolvendo têm muito que ver com isso. Logicamente, toda sociedade tem de inculcar hábitos de obediência em seus cidadãos já que não podemos ter uma sociedade sem alguma estrutura de autoridade. Aprendemos o que significa a obediência na família e na escola, mas principalmente quando passamos a integrar o mundo do trabalho. Trabalhando num escritório, numa fábrica ou no exército tem-se, necessariamente, de abandonar um grau de julgamento individual para que esses sistemas maiores possam operar com eficiência. Em tais situações de trabalho, a pessoa não se considera responsável pelas suas próprias ações, mas sim como um agente que executa os desejos de uma outra pessoa. (MILGRAM, p.10)

Neste sentido não desenvolvemos no sujeito nenhum senso de responsabilidade sobre suas ações, mas sim uma obediência imposta, que faz com que muitos se sujeitem a tais situações, e quando o fazem, então se alienam das suas próprias ações, mas quando são “desobedientes”, sofrem as consequências dos seus atos como forma de ensinar a obediência a qualquer custo. Em outro momento da entrevista com Fabiana a indagamos sobre como é que deveria ser a imposição de limites, visto que a coação aparece vez ou outra na fala da entrevistada como algo que não deveria ocorrer, e mais uma vez a coação se destaca com a expressão “caneta de poder”.

Deise: E como seria o ideal de imposição de limites do seu ponto de vista?

Fabiana: Eu acho o ideal, o ideal, é todo esse trabalho com o adolescente, de **fazer ele entender que quem manda, que ele cometeu sim um ato infracional, independente de todo o cotidiano que ele vive lá fora com a sua família, e que ele está lá para cumprir esta medida, que ele não tá lá pra ser castigado, que ele não tá lá pra ser punido, que os funcionários não estão lá pra puni-los, pra castiga-los, e que a gente tem um poder sim de fazer com que ele cumpra essa medida de uma forma boa, positiva.** E, assim não é só o sócioeducativo, eu to falando, do meu tá, mas tem toda uma equipe por detrás, educacional, enfim. **E que nós também temos como atrasar a vida deles ‘né,** dentro dessa medida socioeducativa, mas que não somos nós. Eu falo pra eles: “Ah senhora, você não vai me atrasar?” Eu falo: “Nunca, se você se atrasar foi porque você se atrasou. É você que está fazendo isso com você”. Fazer com que ele veja se ele, já que ele tá lá, que fique o menos tempo possível, que ele cumpra as regras que tem que ser cumprida, que faça o que tem que ser feito, e é isso acho, mas também se ele não fizer... A gente tem a **nossa caneta de poder hoje, né.** (...) (informação verbal, grifo nosso)⁵⁰

Na fala de Fabiana fica evidente o quanto ela gostaria que seu trabalho acontecesse de uma outra maneira, que o/a adolescente não questionasse as regras, mas que apenas as cumprisse, entendendo que está dentro de uma instituição como a Fundação Casa e, portanto deve obedecer sem colocar muitos entraves, para que não haja a necessidade de punir os/as que descumprem as regras. Ao final da sua fala ao usar a expressão “caneta de poder” acaba por reforçar a ideia de coação, utilizando a produção do relatório como forma de controle, podendo prejudicá-lo/a caso não cumpra o que lhe é solicitado.

O próximo trecho de entrevista que apresentaremos é um tanto longo, porém para que o/a leitor/a compreenda a nossa análise, o deixaremos na íntegra. Neste momento da entrevista a Sra Joana, que já atuou como agente de apoio

⁵⁰ Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

socioeducativo e hoje está no cargo de coordenadora de segurança, começa contar sobre o seu dia a dia de trabalho, falando de início sobre o quanto os/as adolescentes pedem para realizar a limpeza em sua sala, e acaba por nos contar um episódio considerado como desacato e que acaba bem, do seu ponto de vista:

Joana: Eu vou falar para você no meu dia a dia que eu vejo lá, certo? Que nem, ontem mesmo, ontem eu peguei um adolescente para limpar a coordenação. E eles ficam assim: “Oh dona Joana, chama para dar assistência, senhora”. Ficam todos pedindo para dar assistência, que é ajudar na limpeza, que **é uma forma de sair do quarto**, uma forma de achar que aquela ação que ele está fazendo vai ajudar para ir embora, aí o adolescente fica... Não! Não ajuda, porque assim, essa é aquela situação que você fala assim, você pode acertar 99%, se você errar 1% você já era. E aí assim, esse adolescente, eu já até tive uma situação com ele, na semana retrasada, duas semanas atrás, eu mandei até fazer um boletim de ocorrência. Aí ele veio se retratar, pediu desculpas e aquela coisa toda... Ele? Me desacatou, a mim e aos funcionários, e aí ele falou...

Deise: E o que é desacato pra vocês [agentes de apoio socioeducativo]?

Joana: Desacato? Foi assim, eu disse no começo da entrevista, que as 22h tem que ficar em silêncio. **Apagaram as luzes, um deles gritou: Eiii!** E aí, são um corredor com seis quartos, três de cada lado, só que você não consegue identificar dá aonde vem aí funcionário não sabia de onde veio, aí de novo, acende as luzes, aí sabe que o som veio mais ou menos daquele quarto, **aí o moleque tem que se apresentar, ele tem que se apresentar para que ele vá assumir as consequências do ato dele** e os demais, mas se ele não se identificar, sem tem 9 são os 9, então os 9... Eu não vou poder falar que foi você sem ter certeza, então vai os nove, alguém vai ter que se responsabilizar. Aí acende as luzes. Aí, **só que assim, quando você acende as luzes um corredor acende os três quartos, aí os meninos do outro quarto foram lá e desrosquearam, aí fomos lá, aí começou o debate:** Ai Senhora, não sei o que, não sei o que. Aí eu parecia um poodle e ele um ptibul. É, e os funcionários assim né... **Porque eu trabalho com uma equipe que eles morrem de medo**, então eles ficam tudo na porta. Eu tenho uma colega que trabalha comigo, quando eu menos espero ela tá lá junto comigo, e aí assim, eles tem esse receio por eu ser um cargo de confiança e por ser mulher, né? **E aí, aquela discussão toda, os 9 me enquadraram e aí eu me excedi e essas coisas todas.** Aí eu falei... Aí o outro... Aí começou né? **Os moleque já viu a bagunça e começou cada um, dar aqueles gritinhos.**

Deise: Os quartos ficam fechados?

Joana: Ficam, ficam fechados. **Aí ficou aquela algazarra toda nos 2 módulos, abre a porta, identifico quem foram os meninos. Fulano, fulando. B.O, pega o nome. Quando eu falei B.O, pega o nome, não vou me estressar mais não e nem os funcionários,** aí eles já começaram, né? **Aí já começou silêncio,** aí no outro dia falou com os funcionários do dia, falou com todo mundo, eu falei para a diretora: ou vai fazer, se você não fizer.. eu sou meia zica, se não fizer, eu to fora. Eu não quero saber [disse o nome do/a diretor/a], ou você quer que tenha uma situação mais grave? Ai eu deixei os nomes, a direção mandou... (...). **Aí deixou para o responsável técnico, que (...) foi elaborar o documento, associado e aí no outro dia estava todo mundo querendo passear comigo. Morrendo de medo, né? Até aquele que falou: Não tenho medo de B.O, depois que viu que foi mesmo, aí começou.. e aí não conversei com ninguém, nem no segundo plantão, aí no terceiro plantão, dois dias depois da minha folga, aí eu comecei a ouvir um ou outro, para dar uma orientada, para deixar eles com mais medo, receio da ação deles e esse**

adolescente foi um dos que eu fiquei debatendo com ele, que aí ele foi lá no outro... **2.. 3 dias depois, pediu mil desculpas, que não agiu como homem, que teve uma atitude que não foi legal, desrespeitosa, mas falou um monte de coisa, ele teve uma postura e um vocabulário de um homem, pai de família,** bem diferente dos demais e eu falei para ele assim, estava eu e uma colega na sala, eu mandei chamar os outros funcionários na sala, **ele teve que se retratar com os outros funcionários, ele colocou para os outros funcionários: Eu não agi como homem, senhor. Eu fui moleque, agi como moleque, devia ser tratado como moleque.** E aí a gente viu que havia sinceridade e arrependimento nas palavras e aí eu falei para ele, orientei ele, **dei uma orientação, da necessidade dele, porque quando desse 7:00 da manhã eu ia embora e ele ficar lá dentro e que o mundão estava realmente bombando e ele estava... vê o tempo que ele estava lá dentro, ele não vai recuperar nunca mais na vida dele, mesmo com 16 anos... Ele nunca mais vai recuperar, de que o tempo que ele está perdendo lá fora, os momentos que ele está perdendo lá fora, ele pode ter outros momentos parecidos, mas aquele ele não vai ter nunca mais e isso que ele tinha que entender** mais ainda, aí ontem ele estava pedindo pra fazer uma limpeza lá, aí ele falou: Oh senhora, dona Joana, quem é a meu referência nisso aí desse plantão? Porque cada plantão é referente um adolescente, né? Então tem funcionário que tem 10.. 20.. adolescente como referência, aí eu falei assim: Olha, aí eu falei para a minha colega, eu falei assim.... Vê aí pra mim quem é a referência dele, aí olha, aí: Ah senhora, aquele careca? Porque quando tem alguma coisa eu peço a referência dele para falar com ele. Tem alguma orientação? Alguma advertência? Eu peço para a referência estar presente, entendeu? **Porque ele precisa entender que a referência dele também é aquele que faz o relatório de pátio,** então opa, então tem como não burlar qualquer: Ah, mas o senhor não estava ciente. Ele estava ciente daquela ação que você fez 2 meses atrás, e **faz também com que o adolescente olhe o funcionário como autoridade e que o funcionário não tá ali somente para abrir porta ou fechar porta, ou conduzir até o banheiro, está ali também para contribuir com a medida socioeducativa dele e com desinternação dele.** Foi fazer a limpeza, aí ele então, ele fez a limpeza lá dos banheiros, passou pano lá na sala, aí ele né... feliz da vida, ainda perguntou desse referência dele, aí depois quando terminou tudinho, eu agradei por ele ter limpado e ele falou: Ah senhora, obrigado! Bom trabalho. Aí eu falei: Bom descanso para você, e ele falou: Obrigada, senhora! Aí ele pediu para ir ao banheiro, foi no banheiro e depois foi para o quarto, dormir. (informação verbal, grifo nosso)⁵¹

No início da fala, Joana aponta que normalmente é procurada pelos/s adolescentes para que possam fazer a limpeza de sua sala, neste caso ela não se refere a uma escala, mas sim a uma busca espontânea, que pode ocorrer como forma de sair do quarto, ou seja, aqui percebemos a falta de atividades socioeducativas para os/as adolescentes, visto que a limpeza é vista como uma das possibilidades de “fazer alguma coisa”, e a outra busca deste/a adolescente é a esperança de que o fato de limpar a sala da coordenação espontaneamente poderá lhe trazer algum benefício quanto à diminuição do tempo de internação. Ocorre que, como dito por Joana, não necessariamente o fato dele ter uma atitude positiva irá

⁵¹ Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

ajudá-lo, pois no momento em que ele descumprir alguma regra, este fato terá mais valor do que o acerto que cometeu.

Durante sua fala apareceu como exemplo a situação de um adolescente que a desacatou, e este desacato foi descrito a partir do momento em que após as 22h daquela noite, quando todas as luzes dos quartos dos/as adolescentes se apagaram (como normalmente ocorre em todos os centros por ser esta uma regra que encontramos na fala de todos/as entrevistados/as), e esperava-se que todos/as os/as ficassem em silêncio, pois o fato destes estarem em seus quartos não lhe daria permissão para conversar, pois segundo Joana, em um outro momento da entrevista, esta regra existe para que um não atrapalhe o outro que queira dormir, evitando assim qualquer forma de desentendimentos (o que consideramos uma tarefa difícil, manter nove adolescentes em silêncio dentro de um quarto). E na situação descrita tudo começou quando um adolescente, após as luzes estarem apagadas gritou a palavra “Eii”, o que chamou a atenção de todos/s agentes de apoio socioeducativo e até mesmo da coordenadora da segurança, a própria Joana.

Todo trabalho dos/as agentes naquele momento era descobrir quem era o adolescente que havia desacatado as regras, pois estes deveriam prezar pelo silêncio, para isto ascenderam as luzes dos quartos, e devido a uma questão estrutural do prédio do centro, quando se ascende a luz de um quarto, ascende dos demais também, o que fez com que os adolescentes de um dos quartos desrosqueasse a lâmpada para permanecer no escuro, gerando mais uma forma de desacato, o que gerou discussão entre a coordenadora e os adolescentes, causando medo no restante da equipe de agentes, pois eram nove adolescentes no quarto e uma coordenadora, a qual inclusive relata ter se excedido no trato da questão.

A situação só conseguiu ser resolvida quando utilizaram a estratégia da ameaça, a qual se concretizou com a abertura de um Boletim de Ocorrência (BO) contra os adolescentes que a desacatarem.

De fato, o objetivo foi alcançado: o silêncio dos adolescentes, mas agora devemos pensar o quanto foi penoso para ambos os lados a conquista do cumprimento desta regra. Evidencia-se o fato de quanto o cumprimento das regras tem que ocorrer a qualquer custo, nem que para isto ocorra mais problemas, pois no

final daquela noite, que havia começado com um “Eii”, terminou com um BO que foi lavrado no dia seguinte, depois da coordenadora de segurança pressionar a diretora da unidade, que ao que parece considerava desnecessária a abertura deste Boletim de Ocorrência, mas para Joana caso não fosse lavrado esta seria desmoralizada moralmente perante os adolescentes do centro de atendimento.

Neste sentido evidencia-se a falta de recursos, não apenas materiais, mas recursos internos para lidar com toda esta situação, que talvez pudesse ter sido resolvida de uma outra maneira se os/as profissionais tivessem um preparo mais adequado para lidar com situações como esta, sem ter que chegar a gerar tantos transtornos, para ambos, adolescentes e agentes de apoio socioeducativo.

Outro aspecto importante deste trecho da entrevista é o fato de o/a adolescente procurar a coordenação de segurança para se retratar, o que é visto como algo positivo, pois o adolescente verbalizou não apenas para ela, mas para toda a equipe o quanto errou em questionar as regras, o que lhe parece um ponto positivo do desenvolvimento do adolescente, pois um adolescente que não questiona, que cumpre todas as regras, é um adolescente obediente, que não irá dar mais “trabalho”.

A essência da obediência é que uma pessoa passa a se ver como o instrumento que executa os desejos de outra e que, portanto, deixa de se considerar responsável pelas suas ações. Uma vez que ocorre essa mudança crítica de ponto de vista, seguem-se todos os fatores essenciais da obediência. A consequência mais distante é que a pessoa se sente responsável perante a autoridade que a dirige, mas não sente nenhuma responsabilidade pelo conteúdo das ações prescritas pela autoridade. A moralidade não desaparece – adquire um enfoque radicalmente diferente: a pessoa subordinada sente vergonha ou orgulho, dependendo de quão adequadamente executou as ações solicitadas pela autoridade. (MILGRAM, p.7)

Neste sentido, nos parece que Joana atingiu o seu objetivo: um adolescente obediente, ou aparentemente obediente, pois não conseguimos saber ao certo, visto que ouvimos apenas uma versão da história, ficando nossa análise prejudicada quanto à sinceridade do arrependimento deste adolescente. Mas o que Joana estava tentando nos demonstrar é o quanto a função do agente socioeducativo supera o fato do acompanhamento da rotina diária do adolescente, como acompanhar nas refeições, banhos, saídas, entre outros para ser um profissional

que contribui com a medida socioeducativa, o que de fato deveria ser reconhecido como algo extremamente importante para o adolescente, se não fosse o fato desta contribuição ser toda permeada pela ameaça e pelo medo, visto que os adolescentes só pararam de questionar quando foram ameaçados pela abertura do BO. Joana reforça a ideia do quanto o agente socioeducativo deve ser respeitado pela sua autoridade, ou seja, não há um papel socioeducativo nesta ação e sim a evidência de um despreparo que, a partir de um fato isolado, que tem características de uma brincadeira talvez, se tornou em algo muito grave, passível de uma compreensão de que estes adolescentes não estavam preparados para “conviver em sociedade”, ou seja, os adolescentes que tiveram seus nomes lavrados no BO, entraram na Fundação Casa para que pudessem refletir sobre os seus atos, e o que recebem é um BO como resultado de um pequeno ato de desobediência: um “Eii” que ecoou pelo corredor dos quartos.

Na fala de Manoel encontramos outra situação que nos chama a atenção é o fato deste apontar o quanto as situações de extrema tensão podem causar mais desobediência, pois em seu relato identificamos o não reconhecimento do/a adolescente como alguém que pode questionar as regras, mas sim como alguém que se “ofende” com as orientações dadas. No início do trecho abaixo, Manoel diz que deixou de usar mais “dinamismo” o que ele atribui a situações que ele compara com uma “guerra”, para usar de um recurso mais de “paz”. E este recurso utilizado busca não contrariar o adolescente para que se sinta como um “parceiro” do agente socioeducativo e assim contribua para o cumprimento das regras do centro.

Manoel: (...) então vamos dizer assim, eu já tive uma relação de muito mais dinamismo com o jovem e nesse dinamismo época de paz, época de guerra, **por que vamos pensar assim, se hoje você admoestou, gritou, você exortou o adolescente de forma mais ríspida, amanhã querendo ou não, ele está chateadinho, magoadinho com você, se vai pedir pra ele fazer um determinado procedimento que é regra, que é norma, você vai pedir pra ele se dirigir a determinados ambientes ou pra ele fazer algum tipo de questão ele fica muito mais resistente, ele não quer fazer, ele cria barreira, cria empecilho, acha um jeito de tumultuar.** Na medida que **você tá num período assim mais de paz, pacífico, no sentido que você fala com mais calma, mais tranquilidade, o que você, por exemplo, não leva pra um papel a rebeldia que ele fez, ou o ato indisciplinar que ele teve, ele começa a te ver meio como um “parceirão”, meio que como um irmão,** aí você consegue às vezes tocar ali, vamos dizer assim, o pessoal chama o jogo de cintura, o X da questão é, às vezes pra você ter, eu diria assim, **o ambiente ele é hostil,** se você partir do pressuposto, porque que o jovem está cumprindo a sua medida

socioeducativa. Eu diria que 100% dos casos é porque ele não sabe conviver com regras, então você vai pegar, vamos pegar o semáforo de trânsito, pra que serve o verde, ora prossiga, vai em frente, transite livremente, pra que serve o amarelo, atenção, fica esperto atento, vai fechar e pra que serve o vermelho, é pare, stop now, pare, o jovem não sabe, ele não tem esse limite, ele não tem limite, ele não obedece pai, mãe, ele não respeita o professor, muito menos a polícia ou a sociedade. Porque ele tá preso? Ele não tem regras ele não tem limite. **Pra que serve a medida socioeducativa? Em tese, pra que ele aprenda a conviver com esse limite, X da questão é, lá nos temos pouquíssimos mecanismos de modo a efetivar esse limite. Pouquíssimos mecanismos.** (informação verbal, grifo nosso)⁵²

Este agente de apoio socioeducativo afirma o quanto o ambiente de trabalho é hostil, e entende que sua função central é ensinar os adolescentes a terem limites, pois na sua visão estes só estão na Fundação Casa por nunca terem tido limites, por desrespeitarem todas as instâncias de autoridade, pais, mães, professores/as, policiais etc. E ainda dentro desta leitura Manoel aponta o quanto não tem recursos para lidar com situações como esta, lhe restando alternativas ligadas à “paz” ou à “guerra”.

Como podemos ver, é uma leitura muito rasa sobre o que de fato pode levar um/a adolescente ao cometimento do ato infracional. Sabemos que o enfoque desta pesquisa não é realizar a discussão dos motivos que podem levar adolescentes a tais atos, mas é inevitável apontar a fragilidade do discurso de Manoel, que reforça a ideia de profissionais despreparados para lidar com adolescentes privados de liberdade, e este despreparo leva a tomadas de decisão que resolvem a situação momentaneamente, do ponto de vista de manter a ordem, porém não possibilitam que o/a adolescente reflita criticamente sobre os atos cometidos de maneira a não reincidirem após o encerramento da medida. Dentro do contexto dos centros de atendimento, o que deve prevalecer é a manutenção da ordem e da disciplina, caindo por terra qualquer ideia mais voltada para o repensar a infração cometida. Até mesmo porque sem nenhum tipo de preparo como os/as agentes podem conseguir efetivar o que está no Sinase? O que eles/as tem conseguido efetivar é a lógica da segurança e da disciplina, que de certa maneira é o que lhes é apontado como dever de todo/a agente de apoio socioeducativo. E, de certa maneira os/as agentes necessitam criar suas estratégias de sobrevivência, as quais são apontadas por Joana.

⁵² Informação fornecida por Manoel em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, dezembro de 2016.

Deise: Que riscos físicos e/ou psicológicos você consegue identificar no seu trabalho?

Joana: Além do risco físico, que é o pior, porque eu digo sempre assim ó que nos temos que evitar o máximo, uma situação onde tem um tumulto uma rebelião, além do funcionário sair machucado, adolescentes sair machucados, é... tem um após, porque no momento da rebelião, a gente fala assim que a gente tá lá, refém tá apanhando, está sendo machucado, está tendo sequelas e.. Mas o funcionário vai sair de lá, vai ficar no hospital um período, vai ficar um período de afastamento é ... Pelo.. É... Mas ele vai ter que voltar.. Aí que é a pior parte é você voltar, **você olhar pro seu agressor**, ele rir de você e você não poder fazer nada, aí que eu falo que a parte psicológica é a mais afetada porque assim é do ser humano, você olha pra aquela pessoa, querer, você saber que aquele menino te furou, que você perdeu um braço, que você perdeu alguma coisa por causa dele; ele te olhar com aquela cara de deboche e você ter que ficar lá porque você precisa do local, porque , muitas vezes você volta pro mesmo lugar, onde você passou por tudo isso, entende? Não é fácil. **Eu falo muito isso pro meus agentes que é... que sem contar que os meninos sabem, enquanto existir o medo, porque eles nunca fizeram um tumulto dessa proporção, eles não sabem qual vai ser a reação e quais vão ser as consequências então eles ficam com receio de fazer**, depois que eles fizeram, que eles vão ficar no máximo quinze dias é... de medida cautelar de punição. (informação verbal, grifo nosso)⁵³

Uma das grandes preocupações apontadas por Joana é o medo que os/as adolescentes se rebelem de maneira coletiva contra os/as agentes de apoio socioeducativo, o que traz uma desmoralização do/a trabalhador/a, além de todos os danos físicos para ambos. Para que se mantenha o controle da situação, Joana aponta a necessidade de cultivar o medo no/a adolescente, para que este não entre em confronto com os/as agentes socioeducativos/as. No trecho acima Joana fala dos/as adolescentes atendidos como agressores, deixando de ser um atendido que necessita de orientação e cuidado para ser visto como um agressor em potencial, o qual a qualquer momento pode reagir, portanto todo o trabalho vai girar em torno de não deixar que este ambiente hostil e de tensão chegue ao auge de uma rebelião, pois se assim chegar os agentes têm muito a perder, tanto no nível físico como psicológico. E com o intuito da manutenção desta ordem, Joana descreve sua metodologia de trabalho, a qual considera educativa no trabalho com os/as adolescentes:

Deise: Consegue descrever uma situação que considerou educativa no seu cotidiano?

Joana: Ah tem sim, tem sim. Eu vejo quando um adolescente está em uma situação que é, o funcionário identifica que alguma coisa está acontecendo com ele, pela postura dele, aí o funcionário chama ele e senta lá no banco e começa a conversar, o adolescente chora e o funcionário orienta. **Às vezes, o adolescente fez alguma coisa de errado, a gente o chama na coordenação para adverti-lo e ele desaba em chorar, porque ele fala o**

⁵³ Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

que está acontecendo com ele, o que está deixando aflito e aí você pega e identifica a necessidade daquele adolescente naquele momento e identifica o funcionário mais adequado para conversar. Aquele funcionário que já é pai, aquele funcionário que tem uma visão diferente, que vai entender essa situação, tem funcionário que eu sei que ele **tem momento que ele está precisando mais um momento espiritual, então eu já chamo o colega lá que tem essa parte que ele lida com os jovens da igreja dele,** então ele vai conseguir trazer para esse menino uma orientação diferenciada, assim como é, **eu tenho um colega lá que é mais estourado, então eu sei que ele mais o outro vai conseguir,** por seu pai vai entender melhor então aí conversa, aí o adolescente se recupera, agradece e volta para o quarto. (informação verbal, grifo nosso) ⁵⁴

Diante da falta de recursos materiais e de formação para o trabalho socioeducativo, o que temos é uma ação bastante assistemática e pontual. Essas formas de resolução dos problemas mobilizadas pelos/as agentes se dão a partir do momento em que suas equipes se vêem sem nenhum outro tipo de respaldo profissional para dar conta de questões tão delicadas, como o sofrimento de um/a adolescente internado/a que, neste caso, recebe, “ajuda” que não tem as características de um atendimento profissional. Diante do despreparo profissional para lidar com estas situações e com a possibilidade de lançar mão de técnicas caseiras, cada profissional acaba por fazer do “seu jeito” como podemos ver no relato abaixo:

Deise: Mas revistas porque, tinha alguma coisa? [pergunta referente a uma questão anterior que o entrevistado apontou a necessidade de fazer uma revista em adolescentes que estavam no horário do banho]

Manoel: Sempre tem, sempre tem, a todo o momento suspeita, eles serram ferro, aí você vai ter algo ilícito, você descobre que eles conseguiram o cigarro e eles tão embalando, eles estão fumando, você descobre que eles enrolaram papel higiênico e acenderam na lâmpada, aí eles fazem uma coisa chamada Teresa, onde aquela fumaça acaba expelindo, um inseto ou outro, é como se fosse uma espécie de incenso. Então isso tudo é o que nós chamamos de bagunça, todo o tipo de rebeldia, desrespeito, não acatar as ordens, não cumprir as normas do centro, tudo isso é classificado como bagunça, tudo aquilo que é rebeldia, descumprimento, tudo aquilo que é contrário, que afronta, que viola, isso tudo é considerado rebeldia. Você entrou dentro do dormitório, ou seja, você está praticando o que, uma ação, aí depois você vai ser chamado na corregedoria, pra poder justificar o motivo pelo qual você entrou dentro do dormitório e empurrou o adolescente.

Deise: Você já foi chamado?

Manoel: Já, várias vezes, até, por exemplo, até o meu oitavo ano na fundação, do meu quarto ao oitavo ano eu era chamado assim reiteradamente. (informação verbal) ⁵⁵

⁵⁴ Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

⁵⁵ Informação fornecida por Manoel em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, dezembro de 2016.

A questão das revistas aparece neste momento da entrevista como algo natural dentro dos centros de atendimento, visto que os/as adolescentes são vistos como pessoas que a qualquer momento podem criar situações, que Manoel nomeia como “bagunça”, como estar fumando dentro do centro, lembrando que não é permitida a circulação e o consumo de nenhum tipo de droga, lícita ou ilícita, dentro do centro e, ainda quando os/as adolescentes resolvem usar da criatividade para criar uma espécie de repelente de insetos, com o uso de papel higiênico e a lâmpada do quarto, por falta de disponibilidade do produto adequado. Estas ações são caracterizadas pelo entrevistado como rebeldia, ou seja, desobediência às normas e regras, e com o intuito de garantir a ordem e a disciplina, o agente entra em ação chegando a empurrar um adolescente, como uma ação rotineira, mas o que causa espanto ao agente é o fato do/a adolescente não aceitar esta forma de tratamento e usar os canais de denúncia para formalizar uma queixa, o que dentro do seu ponto de vista é um equívoco, visto que está apenas cumprindo com o que lhe é pedido: fazer com que os/as adolescentes cumpram as regras.

Deise: Quais os riscos que você identifica no seu trabalho?
Pedro: Eminente, eu tenho risco de morte, tenho risco de ser... **hoje em dia como está na moda processo administrativo por nada.** Hoje em dia o adolescente, no começo do ano no setor que eu estava, ele me denunciou por distrato para a Juíza, aí o meu diretor me chamou, ele falou “Oh, a Juíza veio aqui e o adolescente te denunciou por distrato” – Distrato!!! [demonstrou bastante espanto]. O que que é distrato? – Ela perguntou de você, de como você era, ele disse que eu era educado, comprometido. Os distratos devem ser os não que eu falo para eles, eles pedem muita coisa fora de horário que não pode ser. (informação verbal, grifo nosso)⁵⁶

Na fala de Pedro também encontramos certa indignação com o fato dos/as adolescentes realizarem denúncias por entenderem que não estão sendo tratados/as adequadamente no que se refere ao tratamento verbal, o que o incomoda, visto que não tem uma percepção do direito do/a adolescente de se sentir destrato, como se o fato dele/a estar internado lhe tirasse o direito de se indignar com qualquer forma de tratamento. Neste sentido concordamos com Zimbardo (2015):

Uma das piores coisas que podemos fazer a nossos companheiros seres humanos é privá-los de sua humanidade, considerá-los sem valor, ao exercitar o processo psicológico de desumanização. Ocorre quando os “outros” são pensados como desprovidos dos mesmos sentimentos,

⁵⁶ Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

pensamentos, valores e propósitos de vida que possuímos. Quaisquer qualidades humanas que esses “outros” compartilhem conosco são diminuídas ou apagadas de nossa consciência. Isso é realizado pelos mecanismos psicológicos de intelectualização, recusa e isolamento de afeto. Em contraste com os relacionamentos humanos, subjetivos, pessoais e emocionais, os relacionamentos desumanizados são objetivantes, analíticos, e vazios de conteúdo emocional ou empático. (ZIMBARDO, 2015, p.316)

Agora iremos analisar a fala de Manoel, o qual nos mostra o quanto uma simples situação de um banho, não é tão simples dentro de um centro de atendimento da Fundação Casa, podendo se tornar um momento de muita tensão, levando a situações - limite.

Deise: Você estava me contando desse dia que recentemente aconteceu lá no centro de ter essa “bagunça” por causa do banho? E não terminou.

O que aconteceu foi que nós pedimos pro jovem sentar e eles não sentou, aí entramos com os escudos empurrando eles e eles também nos empurraram e como é que finalizou, escrevendo no livro. Quem é que vai ler esse livro? Em regra, todos são obrigados a ler o livro de ocorrência, pergunto quantos leem, estatisticamente eu não consigo te responder, na prática, quantas dessas situações acontece do juiz chamar pra ouvir. Fui chamado várias vezes, não pelo juiz, mas sempre pela corregedoria, mas para o juiz já fui relatado diversas vezes pelos adolescentes, então essa informação me chega, porque o adolescente relata pro juiz em audiência.

Deise: O adolescente identifica o agente?

Manoel: O juiz pede pra que o diretor responda formalmente, o que é que aconteceu e até aonde foi a minha participação, o meu envolvimento, se o meu envolvimento extrapolou as minhas atribuições, as minhas competências. **Evidente até hoje, a direção tem informado que eu atuei no estrito cumprimento do meu dever legal, dentro das minhas atribuições, sem excesso, já aconteceu de eu ter que da porrada, dar chute, exatamente pra que, pra não ter que tomar porrada e toma chute.** Casos de iminência, adolescente querendo bater em outro adolescente, adolescente se recusando, exemplo, a fazer o procedimento de revista, adolescente se recusando a sair do local que ele estava, foi assim, jovem sai daí, “vou sair não!”. (informação verbal, grifo nosso)⁵⁷

Um banho gerou um procedimento de revista, o qual sendo questionado pelos adolescentes gerou uma intervenção com uso de escudos, ação parecida com as que a polícia militar normalmente realiza, com a diferença dos/as agentes não terem preparo para o uso de instrumentos de segurança, visto que é um agente de apoio socioeducativo. E o que era um banho se tornou um ato tão violento que foi para conhecimento da Corregedoria, órgão ao qual este agente diz que já foi chamado diversas vezes, além de ser denunciado também para juízes durante as audiências em que os/as adolescentes participam. O agente chega a verbalizar que já chegou a

⁵⁷ Informação fornecida por Manoel em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, dezembro de 2016.

agredir fisicamente os/as adolescentes como “autodefesa”, ou para resolver algum tipo de intercorrência entre os/as próprios/as adolescentes.

Estas falas nos levam a pensar o quanto o ambiente de fato é extremamente hostil, o que acarreta prejuízo para ambas as partes, porém não podemos nos esquecer que o/a trabalhador/a vai embora no final do expediente e, que mesmo que sofra todas esta pressão do contexto em que está inserido, ele ainda é responsável por suas atitudes, caso contrário estaríamos aqui produzindo um estudo que teria como objetivo amenizar a situação do agente, ou apenas denunciar as condições da internação na perspectiva da proteção do/a adolescente, o que queremos aqui é demonstrar o poder das circunstâncias e para isto, demonstramos o quanto a falta de condições de trabalho adequadas faz com que estes/as trabalhadores/as busquem estratégias desastrosas para o controle das mais variadas situações e, nesta busca, muitas vezes, o que encontram é um agravamento da questão.

Queremos acreditar na essencial e imutável bondade das pessoas, em seu poder de resistir a pressões externas, em sua avaliação racional e posterior rejeição de tentações que emergem em determinadas situações. Investimos a natureza humana de qualidades divinas, com faculdades morais e racionais que nos tornam justos e sábios. Simplificamos a complexidade da experiência humana ao erigir uma divisa aparentemente impermeável entre o Bem e o Mal. De um lado estamos nós, nossa família, nossa classe, do outro lado da linha nós jogamos os outros, a outra família, a outra classe. Paradoxalmente, ao criar esse mito de invulnerabilidade às forças das circunstâncias, nós nos preparamos para uma queda, por não estarmos suficientemente vigilantes diante das forças das circunstâncias. (ZIMBARDO, 2015, p.299)

5. A AÇÃO PROFISSIONAL DOS/AS AGENTES DE APOIO SOCIOEDUCATIVO ORIENTADA PELA REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Os/as agentes de apoio socioeducativo, como qualquer outro indivíduo, buscam dar sentido às percepções do seu cotidiano, e isto será tratado neste capítulo. Também como este/a trabalhador/a compreende o mundo de uma forma nem sempre racional, chegando, em alguns momentos, a desumanizar o/a adolescente atendido nos centros de internação.

Moscovici (2017) alerta-nos sobre a observação familiar, a qual não nos permite ver a realidade que está posta, com uma visão distorcida da realidade que se dá conforme o grupo a que pertencemos. O autor ressalta que esta certa invisibilidade não se dá por falta de informação, mas devido a uma visão fragmentada da realidade, tornando algumas situações, coisas e pessoas visíveis ou invisíveis. Neste sentido iremos debruçar-nos sobre a representação que os/as agentes de apoio socioeducativo têm sobre a internação de adolescentes que cometem ato infracional, sobre os/as adolescentes, sobre as famílias destes adolescentes, sobre o trabalho socioeducativo e sobre si mesmos.

Esta é uma tarefa desafiadora neste momento do trabalho, visto que realizamos a análise das entrevistas na direção da visibilidade ao que muitas vezes se torna invisível aos olhos de quem não se conforma com o tipo de atendimento realizado aos/as adolescentes neste modelo de instituição. Muitas vezes buscamos encontrar respostas na superficialidade dos fatos, tendo como indicação soluções que de fato nunca foram exitosas, pois centram-se na responsabilização individual pelo sucesso ou fracasso do trabalho desenvolvido nos centros de internação, e é nesta perspectiva que contamos com a elucidação de Goffman (2010):

Defini, denotativamente, as instituições totais, enumerando-as e tentei sugerir algumas de suas características gerais. Hoje temos uma considerável literatura especializada a seu respeito, e devemos ser capazes de substituir simples sugestões por um esquema sólido que se refira à anatomia e ao funcionamento desse tipo de animal social. É certo que as semelhanças se impõem de maneira tão decisiva e persistente, que temos o direito de desconfiar que existam boas razões funcionais para que tais aspectos estejam presentes e que será possível ajustá-los e apreendê-los através de uma explicação funcional. Depois de fazer isso, penso que elogiaremos e condenaremos menos determinados superintendentes, comandantes, guardas e abades, e teremos mais tendência para

compreender os problemas sociais nas instituições totais através da estrutura social subjacente a todas elas. (GOFFMAN, 2010, p.108)

Sendo assim buscamos compreender o trabalho do agente de apoio socioeducativo como uma resposta a uma estrutura de instituição e de sociedade que espera o que se tem hoje como resposta de atendimento aos/as adolescentes em conflito com a lei. Desta maneira conhecer o significado que os agentes dão para o conjunto de fatores que influenciam o seu trabalho nos possibilita uma visão para além da aparência, contribuindo para uma leitura que nos mostre quais são as determinações e indo para além do que as convenções permitem que enxerguemos.

Esses exemplos mostram como cada experiência é somada a uma realidade predeterminada por convenções, que claramente define suas fronteiras, distingue mensagens significantes de mensagens não significantes e que liga cada parte a um todo e coloca cada pessoa em uma categoria distinta. Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. Nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções. (...) (MOSCOVICI, 2017, p. 35)

5.1 Representação sobre a internação em estabelecimento educacional

Em dado momento da entrevista com Pedro, quando falávamos sobre os dispositivos de segurança de referência do trabalho socioeducativo, este verbaliza que os/as agentes de apoio socioeducativo pouco sabem sobre os documentos que existem disponíveis no site da Fundação Casa, e ao indagá-lo o motivo deste desconhecimento ele afirmou o que se segue:

Pedro: Porque infelizmente a Fundação quer sempre punir, achar um culpado e é sempre o agente, e nunca vai ver um adolescente culpado pelo o que ele fez, vai dizer que o trabalho que não deu certo, mas o trabalho de quem? Dos agentes. É nunca vai ter um gestor, um diretor do centro que vai ser responsável, muitas vezes são eles os responsáveis. e não tem Deise um trabalho efetivamente para os adolescentes, como o trabalho dos agentes, então este caderno só vai existir lá [no site da Fundação Casa]. (informação verbal)⁵⁸

⁵⁸ Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

Percebemos o quanto este aponta o movimento existente dentro da instituição, onde na maioria das vezes o culpado por qualquer situação que sair do controle é o/a agente de apoio socioeducativo, do seu ponto de vista não havendo a responsabilização nem do adolescente e muito menos dos dirigentes dos centros. Pedro afirma não haver efetivamente um trabalho socioeducativo com os/as adolescentes, apontando o quanto os documentos de referência não são a referência propriamente dita. Abaixo, um dos exemplos que o entrevistado traz:

Deise: Por que não é lúdico? [referência ao trabalho do agente de apoio socioeducativo]

Pedro: Dominó, um jogo de mesa, isso pra mim não é lúdico. Alguns amigos vão dizer que há ludicidade, eu falo então está bom, não vou entrar neste debate. É assim, a Fundação quer colocar um nome bonito para ludibriar. Ai ficamos até as 17h ou as 18h dependendo do horário de janta. Janta e volta para a TV, passo o cartão às 19h, essa é a rotina. Sábado assumo o plantão nos dormitórios, alguns dormindo e outros acordados. (informação verbal)⁵⁹

O entrevistado demonstra discernimento do quanto as atividades chamadas de lúdicas não podem ser consideradas assim, pois entende que estas atividades são nomeadas como lúdicas com a finalidade de mostrar que existe algum trabalho socioeducativo, o que não ocorre do seu ponto de vista. Considera ainda que a afirmação desta ludicidade é uma maneira de invisibilizar o que de fato é ofertado enquanto prestação de serviços para os/as internos/as.

Ao afirmar que as documentações orientadoras para o desenvolvimento do trabalho do agente de apoio socioeducativo não são uma referência de fato, ao afirmar que deveriam ser ofertadas atividades lúdicas, as quais não são ofertadas, o agente nos mostra uma oferta de serviço que não condiz com a proposta documental. Ao mesmo tempo em que considera que o/a adolescente que está em cumprimento de medida de internação deve cumprir a medida de forma adequada, e que este muitas vezes não tem desejo de realizar nenhuma atividade.

Deise: Você sente que tem mais chance de ter conflitos?

Pedro: Tem. Porque eles estão ali, porque o Estado, e a Sociedade o privaram da liberdade, então nós estamos ali para que ele cumpra a medida, e muitas vezes eles não querem cumprir a medida, eles não querem fazer atividade, não querem fazer as atividades esquematizadas.

⁵⁹ Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

Eles querem ficar à vontade. O ambiente quando eu falo é isso daí: quando está tudo “a deus dará” para eles é bom. (...) (informação verbal)⁶⁰

Neste sentido, percebemos que há uma percepção de que o fato de ocorrer conflitos existe pelo fato do adolescente não “aderir” às atividades propostas, atividades estas que o próprio agente coloca como fruto não de um trabalho pensado e refletido, mas como uma forma de dizer que existe um trabalho socioeducativo, mas, mesmo assim, a responsabilidade pela não participação recai sobre o/a adolescente. Ao mesmo tempo em que reconhece que existe uma impossibilidade do agente socioeducativo realizar atividades socioeducativas, e esta impossibilidade, segundo o entrevistado, se dá devido às orientações da própria instituição, ou seja, se o/a agente socioeducativo realizar atividades socioeducativas pode ser considerado como desvio de função.

Deise: Quando você fala que a fundação teria que valorizar mais, é no sentido de falar mais do trabalho de vocês?

Pedro: Também... falar mas ela não tem interesse, porque ela usa nós a cada momento, em cada período, se eu não posso dar atividade Deise, porque não tem um educador no final de semana, porque só tem um coordenador e o agente de apoio socioeducativo no final de semana, se o agente não pode dar atividade.

Deise: Esse “não pode” é oficial?

Pedro: **É oficial, não pode. É desvio de função.** E a gente poderia dar para deixar o ambiente melhor, mais agradável. Claro que tem muitos funcionários que não querem mesmo, senta e deixa os meninos à vontade, mas poderia se dar atividade. Eu acho que você se aproxima mais dos adolescentes, pode deixar o ambiente melhor, mais agradável.

Deise: Como você caracterizaria o ambiente?

Pedro: [Demorou para responder] Pesado, muitas vezes tenso, mas às vezes, tem momentos que a gente sente prazer né, como eu falei pra você que um menino vinha agradecer uma atividade dada, a participação, é isso que eu quero, **dá para a gente estar inserido realmente como educador, não só fachada**, mas estar inserido ali mesmo, uns vão ter a oportunidade de conversar mais, um outro vai poder dar uma atividade mais sistematizada de uma outra forma, cada funcionário de uma maneira sabe, a fundação não usa as qualidades do seu funcionário, somos mais números, isso eu acho triste sabe...quando eu digo: “Fiz uns cursos aí, trouxe os certificados, Ajuda em quê?” “Nada” . Isso é frustrante. (...) (informação verbal, grifo nosso)⁶¹

Diante de tal realidade este trabalhador sente-se desvalorizado, pois aponta que vem buscando cursos e capacitações fora da Fundação, mas que todo este saber adquirido, que considera que pudesse ser socializado em seu ambiente de

60 Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

61 Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

trabalho fica perdido, tendo em vista a desvalorização do seu saber profissional por parte da instituição. E ainda afirma se sentir como um “número”, de alguma maneira mais um dentre os/as adolescentes, com funções bem burocráticas e acompanhamento do dia a dia. E no intuito de percebermos a representação da internação encontramos em diversos momentos, das entrevistas, o uso de gírias que fazem parte do universo da instituição, gírias estas utilizadas comumente por adolescentes e trabalhadores/as.

Deise: E vocês falam em gíria por quê?

Joana: Por que... A fundação também pede né, e é uma gíria que não é legal, que a gente tem lá dentro. Hoje, hoje em dia a maioria dos funcionários esta conseguindo se libertar disso, mas é algo que é muito difícil, o “apagar” é difícil. Outras gírias que são ditas lá dentro a gente tá conseguindo parar, que é: “boi”, que quer dizer banheiro; ter que “pagar mijão”. Essas coisas tipo...é...como que fala? A “jeca” que é a cama, a “coruja”, “pagar coruja” que é o ECA, essas coisas assim porque, ao longo dos anos foi adquirindo e falando isso ai e ai tá assim no vocabulário do funcionário que é...é uma gíria que veio dos adolescentes, e ai os funcionários foram adquirindo e até hoje. (informação verbal)⁶²

O uso destas gírias nos revelam um canal de comunicação importante que aproxima de uma determinada maneira agentes de apoio socioeducativo e adolescentes, e dentro desta lógica fica difícil manter uma distância social com a finalidade de fiscalizá-los/as. Desse modo, acaba por existir um tratamento de iguais, o que não traz a perspectiva dos/as trabalhadores/as como sujeitos especializados no atendimento destes adolescentes, mas sim como trabalhadores/as que muitas vezes reproduzem hábitos e costumes dos próprios adolescentes, como podemos ver no uso das gírias. Goffman (2010) salienta a questão do perigo de não se garantir o distanciamento social na execução do trabalho.

Portanto a permeabilidade de uma instituição total pode ter consequências variáveis para seu funcionamento interno e sua coesão. Isso é muito bem exemplificado pela posição precária das pessoas de nível mais baixo na administração. Se a instituição é consideravelmente permeável à comunidade mais ampla, essas pessoas podem ter a mesma origem social que os internados, e até uma origem inferior. Como compartilham a cultura do mundo original do internado, podem servir como um canal natural de comunicação entre o grupo mais alto da administração e os internados (embora existia um canal frequentemente bloqueado para a comunicação de baixo para cima). Mas pela mesma razão, terão dificuldade para manter distancia social com relação aos internados que precisam fiscalizar. (...) (GOFFMAN, 2010, p. 107)

⁶² Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

Ao perguntarmos se o agente de apoio socioeducativo percebia algum tipo de mudança no comportamento do/a adolescente quando da entrada na fundação comparado ao um tempo maior de internação, percebemos o quanto há uma descrença ou uma baixa expectativa quanto ao trabalho realizado. Para que possamos ter uma dimensão mais ampliada das falas dos/as entrevistados/as iremos apresentá-las em conjunto:

Pedro: Tem, tem dois casos, tem uns que melhoram, que aquele que chega com toda fala do crime, “que eu sou do crime”, e com o passar do tempo ele vai vendo que não adianta nada, que ele tem uma rotina, uma medida a ser cumprida, aí que eu costumo dizer, vai baixando a bola dele, ele vai vendo que não adianta, que o que ele é fora da medida não vai ser dentro. E tem os casos contrários, tem adolescente que entram porque a influência de alguns adolescentes faz ele piorar. (informação verbal)⁶³

Joana: Sim, a primeira semana né de quando eles entram, eles tem aquela postura, o medo né, ele não conhece, depois ele começa a se soltar porque ele vê até onde o funcionário pode ir aí ele começa a se soltar de verdade aí quando vai passando o tempo que ele vê que os outros estão indo embora que ele tá ficando mais uns dias lá e que começa de forma pesar a cadeia pra ele, ele começa a tentar assimilar, entender a medida socioeducativa dele, entendeu? Então quando vai chegando mais próximo, o desejo de ir embora faz com que ele cumpra um pouco mais, aceite as normas do centro e comece a cumprir as normas. (informação verbal)⁶⁴

Fabiana: Sim, sim... é eles chegam num a maioria deles chegam todos assim bem recaído, educado pra reconhecer bem o ambiente aí depois eles vão ficando mais soltos, com tempo reconhecendo os funcionários já se cria um pouco mais de diálogo, porque eles chegam a gente já passa as regras pra ele “ó aqui é assim, funciona desse jeito na minha unidade”, até porque hoje não pode ser mão pra trás, cabeça baixa, essas coisas não pode em lugar nenhum né, mas eles chegam assim e acho até estranho porque eles chegam assim, cabeça baixa, mão pra trás e a gente já fala “ó aqui não tem isso trabalha na base do respeito, na minha unidade não, não”. Mas não pode né ouço falar que a do Brás aqui que é aí, não é CAI - centro de atendimento inicial que aí eles chegam ficam de cabeça baixa, mão pra trás, não, não tem essa cultura. Vão se soltando mais, mas aí assim depende mesmo do adolescente porque ele está mais solto aí sabem que eles tem que cumprir o que tem que cumprir goste ou não porque aquilo ali está sendo relatado. (...) (informação verbal)⁶⁵

Marcelo: Piora, piora. Porque ele sabe da lei dele, porque o hoje o traficante, o ladrão, o bandido de banco, eles pegam os menores, porque o próprio menor sabe dos direitos melhor que muitos juízes, foi constatado isso aí, cê acredita? Ah tudo bem pode me prender, daqui dois anos tô aqui fora, um ano, já escutei isso um moleque falar.

Deise: Em sua opinião não adianta muito ficar internado?

Marcelo: Não! É assim tem que dar atividades, atividades e atividades, porque o seguinte, não adianta você criar um bolo fofo lá e hoje em dia as escolas de São Paulo, muitas escolas, se vê o está fechando se, porque não tem muito aluno, porque o lugar é ocioso, porque esses moleques tem

63Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

64Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

65Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

que estar estudando e trabalhando, da prioridade pra esses cara ai o que vai trabalhar, cê vai estudar, se você não fizer isso ai em três anos, você pode se preparar que você vai ser guardado de novo, ai eu quero vê, você vai dar atividade pro cara, você vai fazer ele se formar, lá dentro não funciona, lá dentro é o que é um acúmulo... de pessoas ociosas, pra não falar outra palavra é muita gente ocioso ali, pensando, pensando. Não, não posso falar não, olha posso ate falar, esta criando um monte de vagabundo, tanto de um lado como de outro, porque tem um monte de funcionário lá que vai pelo salário, quando você pensa vou pelo salário, não vai pelo salário, que você se quebra cara, vai pelo amor, porque você gosta, tem um proceder(...) (informação verbal)⁶⁶

Deise: Você consegue ver diferença nas atitudes dos adolescentes quando eles entram e quando eles tem mais tempo de internado?

Jaqueline: Sim, eles amadurecem muito né, maturidade...tem uns que amadurecem muito viu. não é a maioria não...não sei falar assim uma estatística, não vejo assim um, mais vejo muitos meninos que amadurece muito pelo falar, sabe, tem uns que falam: "Oh senhora eu não quero mais essa vida não, chega dessa vida, tô cansado, vou cuidar da minha pequena", fala assim sabe. "Trabalhar pra comprar as coisas pra minha filha". Tem menino que tem 17 anos e tem dois filhos né. E a mãe das crianças está na casa dos pais, deixou os estudos pela metade, então assim tem uns que eu vejo uma certa maturidade na fala né. (informação verbal)⁶⁷

Quando analisamos a fala de Pedro, identificamos que a rotina da casa pode fazer com que alguns adolescentes mudem de comportamento, não exatamente por estas terem um sentido socioeducativo, mas sim pelo próprio fato da privação da liberdade que faz com que não reste alternativa que não o cumprimento das regras da instituição, e o único elemento que aparece como o dificultador da mudança de comportamento é o convívio com outros adolescentes, ou seja, não aparece em nenhum momento referência à ausência de um trabalho socioeducativo.

A fala de Joana não é muito diferente, apontando a perspectiva de mudança a partir do desejo de sair da instituição e não por uma mudança da forma de ver as situações vividas que os levaram a chegar até a internação. A entrevistada chega a chamar a instituição de "cadeia", e nos mostra o quanto estes centros de atendimentos representam de fato uma cadeia e não um estabelecimento educacional, portanto, não contribui para o desenvolvimento de um pensamento crítico do/a adolescente, ao contrário, o que existe é um cumprir de normas. Já Fabiana, traz os mesmos elementos de Joana, quando coloca a questão do cumprimento das regras e até demonstra um certo espanto com o comportamento dos/as adolescentes quando chegam de outros centros, com uma maneira de andar

⁶⁶ Informação fornecida por Marcelo em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, outubro de 2016.

⁶⁷ Informação fornecida por Jaqueline em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

e de falar que se equipara ao que ocorre com as pessoas adultas que são presas, ou seja, a um tipo de cultura prisional.

Apesar de Marcelo não atuar mais na Fundação Casa, o que percebemos é que apesar de falar mais abertamente o que pensa quando se refere à instituição como um depósito de “vagabundos”, este, em sua fala, traz o quanto vê na internação um lugar que piora a relação do/a adolescente com o mundo externo, de alguma maneira expõe uma descrença nas legislações vigente que, do seu ponto de vista, contribuem para toda esta situação de piora do/a adolescente.

A entrevistada Jaqueline traz a questão da mudança a partir da privação vivenciada pelos familiares dos/as adolescentes, quando estes têm filhos e se veem sem condições de cuidar dos mesmos devido à restrição da liberdade, mas também não aponta uma mudança ocorrida nestes a partir de algum tipo de trabalho desenvolvido pela fundação.

É importante percebermos que em todos os relatos os/as adolescentes são os únicos responsáveis pelo processo de melhora ou piora dentro das unidades, mostrando-nos a questão da crença na meritocracia como o elemento fundante desta situação. Desta maneira, aos agentes de apoio socioeducativo nos parece restar uma tarefa estritamente burocrática, desumanizante, visto que em nenhum momento apareceu uma leitura do/a adolescente como alguém que sofre e que necessita de uma intervenção especializada, ao contrário, o que eles precisam, do ponto de vista destes/as agentes, são de “atividades que ocupem o tempo”, ou que realize as “escolhas certas”, “de não se deixarem influenciar, por más companhias”. Ou seja, a internação em estabelecimento educacional é um espaço de privação de liberdade, nada mais que isso.

Quanto perguntado sobre a mudança de comportamento dos/as internos/as a partir da participação nas aulas e nas oficinas, os/as agentes seguiram pela mesma linha de reflexão. A pergunta que fizemos foi a seguinte: você identifica diferença no comportamento dos/as internos/as antes e depois das oficinas/aulas? Qual o sentido dessas atividades para os/as internos/as? Você implementaria atividades diferentes? Abaixo seguem as respostas:

Joana: É que assim, tem uma parte positiva que os meninos, ele é apresentado aos meninos, os cursos que vai ter e cada um é linkado conforme aquilo que ele optou, não é obrigado que nem antigamente: Não, você tem que fazer o curso. “Mas senhor, eu não sei cozinhar.” “Vai!” Era assim antes [refere a época da Febem], agora não mais. Mas assim, é o que eu te disse, o menino que fica 2 anos lá, esses cursos... acaba não... são cursos que acaba na primeira semana, legal, mas depois acaba caindo na mesmice. Eles fazem por quê? Porque são obrigados. Uma vez que é inscrito, eles vão ter que ir, o funcionário faz com que ele cumpra a norma, porque se não, se deixar também... Porque assim, a gente já entende que o menino já está lá dentro, que nem eu te falei, o índice de é.. Meninos que não frequentavam a sala de aula, cursos.. É grande. Por quê? Lá fora ele não tinha, não era prioridade para eles estudo. E aí são meninos que já não gostam de estudar, chega lá dentro, tem que estudar, não porque ele gosta, mas porque ele é obrigado e não é porque o funcionário simplesmente quer que ele faça um curso, porque é uma determinação judicial e vai ter que ser cumprido, e aí vai ter que fazer com que ele faça o curso, entendeu? E você fazer uma coisa que você não quer fazer somente para cumprir aquele período para você ir embora. (informação verbal)⁶⁸

Pedro: Tem diferença, tem coisas que é nossa, que são regras do centro, que eles não podem ter, mas durante as aulas ele ficam mais à vontade, porque quem coordena, quem gere é o professor. A gente não interfere, por exemplo se eles estão conversando demais, seu eu tiver ali sozinho eu vou falar: “Acabou a conversa”, mas durante a aula eu não interfiro. É a professora que põe limite. (informação verbal)⁶⁹

Jaqueline: Olha, tem atividade que é tão babaca (risos) tem umas que mexe com a curiosidade.

Deise: O que, que você proporia se você pudesse ?

Jaqueline: [pensativa] Que mais eu vejo atividades sobre estudo a constituição né, ECA, falam muito de família, cidadania, ética religião tem bastante é interessante né. O projeto delas tem tudo, tem todas essas matérias né. O que que eu vou propor? Você pode ter uma ideia assim na hora assim... poxa tem agente educacional que dá vontade de pegar aqueles copinhos e jogar na cara dela. Sabe aqueles copinhos descartável? De papelzinho picado, cortadinho aí os meninos fica colando aquilo...aí gente...aquilo pra mim, gente que banalidade é aquela? Eu pra mim assim eles enfrentam a dificuldade de leitura, de falar que eles falam tudo errado: nós oia, nós foi, fico corrigindo nós o que? (risos) mais prática de leitura, que eu acho assim super, hiper interessante, de escrita de leitura. (informação verbal)⁷⁰

O discurso da entrevistada Joana percebemos sua opinião sobre o tempo de internação extenso como algo que atrapalha o desenvolvimento do adolescente dentro do centro, visto que as atividades não variam muito e, desta maneira, não são atrativas. Ela verbaliza que os/as adolescentes não são obrigados a frequentar os cursos, que na antiga Febem isto era normal, porém ao afirmar que na Fundação Casa eles/as têm liberdade de escolha para a participação, mas se forem inscritos

68 Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

69 Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

70 Informação fornecida por Jacqueline em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

na atividade estes não podem deixar de ir. De alguma maneira percebemos que para Joana mesmo as atividades sendo repetitivas e não trazendo novidade, se projeta no/a adolescente a responsabilidade por sua não participação, alegando que estes/as já não gostavam de participar da escola e nem de cursos antes da internação, o que não muda dentro dos centros.

Já Pedro diz que percebe uma mudança no comportamento dos/as adolescentes por estes ficarem mais à vontade nas atividades por não estarem sob a responsabilidade dos/as agentes e sim de um/a oficineiro/a ou professor/a, os quais permitem que os/as adolescentes conversem durante as atividades, por exemplo.

A entrevistada Jaqueline nos traz a falta de sentido das atividades propostas, que não contribuem para um processo reflexivo e crítico, que muitas vezes se limitam a “colar papelzinhos picadinhos”, esta agente considera isto um desperdício de tempo, salientando contudo, a importância de atividades que discutam temas ligados a questão dos direitos da população, ética, religião, família, entre outros, porém afirma que apesar de existir oficinas com estas temáticas, ainda são em número reduzido diante das outras atividades “sem sentido”.

Percebemos, na maioria dos discursos, um movimento contínuo de olhar para as atividades como sendo sem sentido, permeadas por práticas que não agregam os/as adolescentes, apontando para uma representação da instituição como aquela que apesar de não ofertar atividades diversificadas e que possibilite uma participação mais ativa dos/as adolescentes, temos como pano de fundo a representação de um adolescente que não “aproveita” as oportunidades dadas, em contrapartida, a entrevistada Jaqueline aponta a necessidade de atividades que possibilitem um outro tipo de conhecimento, tais como dos direitos. Desta maneira percebe-se que os/as agentes de apoio socioeducativo não acreditam no trabalho realizado dentro da internação, mas em geral, estes não conseguem perceber que para além de atividades diversificadas seria necessário que houvesse atividades que possibilitassem a contribuição de um trabalho socioeducativo.

Estes/as trabalhadores/as não identificam melhora nos/as adolescentes durante a internação, não veem sentido nas atividades propostas, e quando veem

alguma mudança de comportamento se dá por aquilo que em geral os/as adolescentes não podem fazer: conversar durante as atividades. Sendo assim temos uma verdadeira descrença e desvalor da internação e das outras atividades, mas apesar disto defendem a ideia de que os/as adolescentes devem “cumprir”, a sua medida, mesma que esta não tenha sentido nem para os/as adolescentes e muito menos para os/as agentes de apoio socioeducativo.

5.2 Representação sobre o/a adolescentes

Os próximos trechos das entrevistas nos mostrarão como os/as agentes de apoio socioeducativo veem os/as adolescentes, a partir das experiências do dia a dia. No trecho abaixo vemos o quanto Pedro se percebe como que exercendo um papel dentro da Fundação Casa e outro fora, e este aponta quais são as características e o motivo pelo qual se comporta de um ou de outro jeito.

Deise: Então você é um personagem?

Pedro: Calado, rude na maioria das vezes...

Deise: Se os meninos tivessem que se identificar, como ele diriam?

Pedro: Aquele senhor al, aquele senhor ali fechado.

E fora de lá como você é?

Pedro: Eu adoro ficar com meus filhos, eu não consigo dar conta do João [filho do entrevistado], ele quer pular brincar, não fica parado. Eu sou um esposo atencioso e fora de lá eu tenho 15 adolescentes para cuidar da igreja.

Deise: Da igreja?

Pedro: É. Eu trabalho como conselheiro com eles.

Deise: Então qual a diferença entre os dois personagens, ou não tem diferença? [Personagem da igreja e da Fundação Casa]

Pedro: Ah, tem, eu acho que nesse tom eu enxergo que preciso fazer algo por aqueles que estão fora, porque os que estão dentro infelizmente já perdeu, dificilmente a gente vai conseguir recuperar alguém. Então eu acho que fazer ali, eu acho que eu atuo mais. Quem está fora tentar atuar mais para mostrar que um erro pode ser muito mau para eles, e lá a gente tenta fazer alguma coisa por eles na perspectiva de ir mostrando para eles, mas muitas vezes não dá. (informação verbal)⁷¹

O entrevistado começa por nos contar que fora do ambiente de trabalho se percebe como sendo uma pessoa diferente da qual atua dentro da Fundação Casa, e neste momento pedimos para que ele nos explique como ele percebe isto, e uma das primeiras coisas que ele trouxe foi o quanto ele tem uma postura rígida, séria e calada junto aos/as adolescentes dos centros de atendimento e, percebe que no ambiente religioso, do qual faz parte e é responsável por 15 adolescentes, faz todo

71 Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

um trabalho de conselheiro destes/as adolescentes na tentativa de que estes/as não venham a ter que ir para a fundação. Ao mesmo tempo que ao falar dos/as adolescentes internados/as deixa bem nítido que estes já foram “perdidos”, ou seja, não há mais nada o que fazer, não há trabalho que o/a recupere.

Este tipo de visão expressa na fala acima nos mostra a incredulidade na perspectiva de qualquer trabalho que seja realizado, sendo assim não se faz necessário nenhum tipo de investimento do seu trabalho para além do cumprimento das regras que estão postas pela instituição.

Deise: O que te assusta mais?

Jaqueline: A frieza das pessoas, mesmo olhar. Apesar de tudo, apesar das mudanças, apesar de muda isso muda aquilo as pessoas são muito frias, amiga...uma ou outra que é mais calorosa, mais humana. Mas eu ainda vejo muita frieza...parece que eles...sei lá assim como dizer, parece é entendem a coisa mais pelo lado punitivo do que pelo lado humano...não tem. “Tô aqui pra punir pronto e acabou, você é quem veio pra cá, Fundação não te chamou aqui, então você é....segura tua onda, faz a tua caminhada...” Isso eu acho que caracteriza um protagonismo isso, eu penso... “Você segura onda, você é protagonista da tua história...segura tua onda, faça sua caminhada, faça certo...não pise fora da linha” (risos), eu chamo de pedagogia da punição. Porque tem um... no piso da unidade infantil, mas tem aquelas linhas assim, oh...os meninos quando voltam pra descer no refeitório, aiii de quem pisar fora da linha, se tiver pisado fora da linha é um grito...não, “Vai pro final da fila, esta fora da linha vagabundo...lá pro final da fila...” isso é o absurdo do absurdo (risos). Eu gosto assim na linha.

Deise: Tem que andar em cima da linha?

Jaqueline: Em cima da linha. Esse regime aberto, semi aberto é muito legal é muito gostoso. De repente você dá de cara com essa ditadura...aí assustou, assusta você demora, vai demorar pra acostumar (risos) até acostumar com isso, chega o momento de ir embora sem dinheiro (risos)...não sei que vou fazer ainda, dois que saiu daqui (risos) então tem que aguentar mais um pouco...meu Deus do Céu me dá forças

Deise: Eles usam o termo protagonista pra justificar a ação?

Jaqueline: E protagonismo porque estão te responsabilizando por aquilo que você faça, você é culpado, você está aqui porque você quer, ninguém te chamou aqui. “A Fundação te chamou aqui?” É bem por aí né, eu ouço assim, “Você é um vagabundo” ...eu não gosto dessa, eu não converso com ninguém, porque quando perguntam eu falo é pra escutar sim, pelo menos respondi... se eu puder responder, respondo porque acho muito sofrimento a pessoa está ali, já apanhou da polícia, já passou pelo judiciário (risos) que não é fácil, o juiz “Cumpra -se!!” Deu a sentença, cumpra-se, é isso que você vai cumprir e ponto. Chega na instituição é mais punição é mais censura né...então é assim é, não é assim eu não sou bem vista fazendo isso, mais ou “Senhora...tal coisa assim, assim...a minha técnica veio hoje? Será que posso falar com ela ?” “Vou ver. Se ela puder te atender eu falo”, porque há...aguarda aí e pronto, sabe assim, eu acho difícil eu acho um sofrimento muito grande né tão jovem que está numa fase de desenvolvimento, periculosidade, precisa também ser ouvido né, não tudo porque tem uns que abusam, tem muito abuso...então eles generalizam. Os agentes tem essa visão. (informação verbal)⁷²

72 Informação fornecida por Jaqueline em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

Na fala de Jaqueline percebemos uma certa sensibilidade à situação posta, visto que identifica na atuação dos/as seus colegas uma visão punitiva, a Fundação Casa como um espaço de privação de liberdade, a qual não está sozinha dentro desta lógica, ela aponta a presença de outras instituições, as quais considera punitivas também, tais como a polícia, o juiz e por fim os centros de atendimento, que acabam por dar continuidade ao processo punitivo, principalmente quando distorcem o conceito do que chamamos de protagonismo, neste caso se referindo aos/as adolescentes como aqueles/as que merecem tais punições visto que de certa forma “fizeram por merecer” para estar ali. E quem tem o pensamento oposto a este sofre as represálias do restante do grupo, como é o caso de Jaqueline, que percebe a existência do sofrimento nestes/as adolescentes, que estão em fase de desenvolvimento e que necessitam de um tipo de olhar diferenciado, no sentido da acolhida e da escuta. Já para Joana esta visão é diferente:

Deise: O que você acha que seria necessário que um interno tivesse no momento da saída para não reincidir? Ou você acha que é uma questão de moral?

Joana: Ai olha, eu acho que assim, uma minoria é moral, na sua grande maioria são as condições é... Financeira, aqueles que eu te disse que chegam lá fora, eles vão se debater com isso, se deparar com isso e o dinheiro fácil, infelizmente leva a esses lugares. Por ter muitos dele que já vem de uma família do crime, então pra ele, ele já quer aquilo pra ele, entendeu? Ele já é... já está e não adianta você orientar que nem a gente ouve muito falar assim “Quando eu sair eu vou voltar, senhora, eu sou do crime, eu vou voltar pro crime”. Então não adianta todo um trabalho, é porque ele só está ali pra cumprir o período dele mas quando ele sair de lá ele vai voltar porque isso que ele quer pra ele como eu disse lá não é adolescente, não é criança, muitas vezes são homens de dezesseis a vinte e um anos que sabem o que querem. (informação verbal)⁷³

A entrevistada afirma que está diante de um/a adolescente que não o é, pois os/as considera como adultos que sabem perfeitamente o que querem para suas vidas, e que a escolha pelo mundo do crime é consciente, Seu trabalho se resume ao cumprimento das regras dos centros, sem nenhum tipo de intervenção que tenha como perspectiva uma mudança nestes/as adolescentes. E isto se evidencia ainda mais quando perguntamos diretamente “você acha que algum destes internos é recuperável? E irrecuperável? “

⁷³ Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

Pedro: Pouquíssimos, só de quem já vem de uma família já estruturada, então eu não sou adepto a fala: “Eles estão aqui porque são vítimas da sociedade”. Famílias desestruturadas, então tem sim esses casos, mas a base de uma família de um adolescente que está ali por um erro, dele mesmo, as vezes ele estava no lugar errado, na hora errada, mas são pouquíssimos.

Deise: Então você acha que tem adolescentes irrecuperáveis?

Pedro: Boa parte deles, a maioria são irrecuperáveis, hoje porque a atual situação da fundação, eles acham que é boa a fundação. Eles acham que é bom, eles comem bebem tudo e alguns vão fazer cursos, passeia, vão para Museu. Eles tem uma boa...muita mais coisas que muito adolescente aqui fora não tem, fato, todos tem, só que eles tem mais fácil. (informação verbal)⁷⁴

Joana: sim, sim. É... tipo assim independente deles serem infratores ou não, o ser humano por si só né.. ele é a gente nunca pode dizer, desacreditar totalmente de uma pessoa né? Porque a gente vive mudanças constantes né, aquelas pessoas que estão assim, tem uma vida estruturada ela pode virar a cabeça, quanto mais um adolescente que ta numa vida que onde há influência de amigos da sociedade, da mídia... né? da família, isso não quer dizer que é....amanhã ele num muda né , que nem eu falo a gente vê quantos pais de família que os pais falam assim, num acredito, não acredito, fulano ta preso? Fulano fez isso? Porque o momento, a situação às vezes leva a gente a fazer coisa que... Então eu acho que tem recuperação sim. Tem, tem a gente tira é... Eu falo que o adolescente é...uma família pode ajudar quando a mãe reconhece os erros do filho, porque quando chega uma mãe lá e ela fala ah mas foi o amigo dele, ai mas ele não era assim, foi fulano.. Então ela não está preparada pra ajudar, porque ela vai sempre estar achando que o outro é o culpado e aí ela não vai conseguir é chamar atenção do filho, pontuar a situação, porque ela vai sempre achar que é influência, que ele tá sempre influenciado ou alguém, entendeu? e ai você olha assim o adolescente que já vem de uma família que o pai tá preso, a mãe morreu, irmão tá preso, mora sozinho, é...é fato que sem estudo que é na sua grande maioria, aqui fora não vai ter muita oportunidade, pra quem já tem estudo, pra quem tem uma família estruturada é competir com quem já é difícil, porque o dinheiro que o crime fornece em uma noite ele vai ganhar trabalhando seis meses e olha lá. Não consegue por causa disso. (informação verbal)⁷⁵

Jaqueline: Sim. Uma estatística muito pequena, recuperação não é pra todo mundo, são poucos meninos que recuperam, poucos que saem, que consegui trabalhar lá fora, que esqueci aquilo e que consegui trabalhar...mas tem, tem meninos que recuperam.

Deise: Você acha que tem meninos que são irrecuperáveis?

Jaqueline: Tem, tem irrecuperáveis sim, tem meninos que usou droga muito cedo, chega lá com a saúde fragilizada, não consegue estudar, um estado de vida assim muito deplorável, família muito desestruturada também. Mesmo que seja desinternado não tem, não tem como. Porque tem menino eu já tive lá...essa é uma passagem muito emocional foi um venezuelano, nossa a mãe pediu na semi pelo amor de Deus segura...porque se ele chegar lá na comunidade ele morre, ele é procurado. Então a gente não tem o que comer em casa, além de não ter o que comer é procurado né. Mas assim nós de jeito nenhum...porque assim quem libera é o juiz, como que eu vou contra uma determinação judicial? Explicamos pra ela que não tinha como segurar o menino, que ia sobrar pra nós. A partir do

74 Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

75 Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

momento que chega o termo de liberação, imediatamente tem que sair da unidade, qualquer coisinha, senão soltar ele...sou eu que respondo. Mas tem menino que assim, não vou falar de porcentagem grande de meninos que não recupera, mas tem, tem menino que, eu ao meu ver, não tem mesmo jeito. Tem deles que fala...eu vou roubar mesmo, vou roubar até morrer, tem meninos que fala pra gente..."Olha, eu fico com dó de vocês com esse salarinho ruim aí cuidando de nós...porque na biqueira ou nas lojinhas a gente ganha isso num final de semana de sábado pro domingo".(informação verbal)⁷⁶

Deise: Você acha que algum destes internos é recuperável?

Fabiana: (Ficou pensativa) Sim, sim, mas eu digo que não é a fundação que recupera o adolescente.

Deise: E você acha que tem adolescentes que são irrecuperáveis?

Fabiana: [Ficou pensativa] Olha, quando eu converso com alguns que mostram o querer deles, eu tenho, é assim eu não posso afirmar cem por cento, mas tem uns que eu converso assim as vezes, eu falo não é o que ele quer, é o que ele , sabe o que a pessoa quer, eu sei que tem todo...ele já vem de um contexto, enfim, ele não consegue enxergar muita perspectiva e a perspectiva que ele está enxergando é continuar no mundo do crime, e tem outros que não, e ai eu vejo principalmente aqueles adolescentes que tem família, que a família tá interessada nesse adolescente, que responde a solicitações da equipe técnica, que realmente faz um esforço pra mudar alguma coisa, a gente vê que talvez vá conseguir, mas tem adolescentes que nem, tem um adolescente lá mesmo agora, o nome dele é Francisco, ele é criança em situação de rua, ele já passou por vários espaços de acolhimento, hoje ele está em uma unidade da fundação, ele já saiu, ele voltou, e assim, volta rapidinho, dá a impressão que eles querem voltar, agora ele vai fazer, já deve ter 18, já vai completar 18, ele não estudou, ele não tem, não tem estudo, não tem profissão, não tem nada. O que este adolescente vai fazer da vida? Ai você conversa, não: "-Viver ou morrer pra mim eu tô no lucro, viver ou morrer eu tô no lucro", Sem perspectiva. (informação verbal)⁷⁷

Em todas as falas vemos a presença de uma descrença nos processos de recuperação, mesmo quando Joana fala que todo ser humano tem esta chance, mas, o que podemos notar é que para Pedro há uma visão de que nos centros de atendimentos os/as adolescentes tem um certo "privilégio" por se alimentarem, fazerem cursos e até mesmo passear, considerando que o/a adolescente tem uma vida "boa" na internação, vivendo melhor do que em suas casas. Mas mesmo tendo acesso a "tudo" isso eles/as são irrecuperáveis. E o que pode fazer com que o/a adolescente se recupere é o fato de ter uma família considerada "estruturada", a qual tenha condições mínimas de cuidado. Encontramos também na fala da Joana a referência à família como parte fundamental para recuperação dos/as adolescentes, visto que, sozinhos, tem chances mínimas de se inserirem no mercado de trabalho, por falta de capacitação.

⁷⁶ Informação fornecida por Jaqueline em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

⁷⁷ Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

Na fala de Jaqueline já conseguimos encontrar como um dos limitadores da recuperação do/a adolescente as condições socioeconômicas e também questões ligadas ao uso de drogas, que nos parece aqui como algo insuperável na perspectiva da entrevistada, chegando a colocar em evidência o quanto estes/as conseguem ter, supostamente, mais dinheiro que o salário dos/as agentes. E, seguindo a mesma linha de raciocínio, Fabiana aponta que as condições sociais são determinantes para a continuidade ou não da inserção do/a adolescente no mundo do crime, não levando em consideração que existem muitas pessoas que vivem as mesmas privações socioeconômicas que estes adolescentes e que não estão imersos no crime, e que portanto é possível um trabalho que avance na perspectiva de apontar para o que eles/as tem de melhor e não ficar reforçando todas as fragilidades, seja do/a adolescentes, seja de suas famílias. E mais uma vez fica bem evidente o quanto não aparece a importância de nenhum trabalho socioeducativo para com os/as adolescentes, vistos que estes estão determinados/as a viver por sua situação socioeconômica, ou seja, não há o que fazer, estes/as adolescentes estão marcados definitivamente pelo estigma da irrecuperação.

Quando se fala em delinquência, as entrevistas também convergem para os determinismos existentes por condições que já estão dadas, e nos parece que são naturalmente aceitas.

Deise: A que você atribui a delinquência desses adolescentes?

Pedro: Mudou muito, hoje por falta de limite da sociedade, a sociedade hoje está muito permissiva, tudo é normal, tudo é nada a ver, a começar dos pais, hoje mal você vê jovens, adolescentes, 14, 13 tudo, de 12 a 15 anos num baile funk à noite, andando pela rua. É viver sozinho, é andar em risco, aí esse é um lado, os pais são submissos, acha que pode, tudo é normal, é da idade, isso não é normal. O certo é, eu vejo meninas voltando para casa, perambulando pela rua, as cinco, seis horas da manhã. Muitas vezes alcoolizadas, é o outro lado você tem um grupo, não são todos, que vive numa comunidade favela, hoje não se quer falar favela, mas comunidade, mas na favela sem total estrutura, pais com seis, sete filhos, não consegue dar nada para eles, e ele vê no tráfico uma forma fácil, é hoje nem tanto né, mas tem a geração malhação, aquela molecada que vivia assistindo a malhação e que queria ter as mesmas coisas que eles, que eles aqueles atores, aqueles personagens da novela e saíam para roubar, querendo ter por que os pais não poderiam dar isso eu vi muito durante um bom tempo na Fundação. (informação verbal)⁷⁸

⁷⁸ Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

Ao falar sobre a presença de adolescentes considerados como líderes, identificamos um trabalho que visa tirar qualquer possibilidade do/a adolescente se diferenciar dos/as outros, afinal de contas, eles/as tem que seguir a lógica do comportamento coletivo, vejamos as respostas à pergunta: você identifica líderes entre os/as internos? Há grupos definidos entre eles/as?

Pedro: Muitos, muitos, muitos.

Deise: O que vocês fazem com isso? É possível fazer alguma coisa?

Pedro: Nem sei, eu costumo fazer assim, isso é uma prática minha, mostrar que aquele adolescente vai ficar maior tempo internado, e quem for junto com ele vai junto, muitas vezes eu falo para adolescentes, “para ele estar falando demais tem alguma coisa, alguma coisa errada”, porque quer sobressair pelos outros, quem quer sobressair está escondendo alguma coisa, e esses adolescentes líderes que tem influências negativas, porque todo líder tem influências negativas, até a fundação em uns questionamentos fala “tem perfil de líder? Positivo ou negativo?”, pra mim é tudo negativo, “ah, mas e aqueles meninos? Ah, não faz isso, oh pessoal, não faz isso não, ele está sendo líder”. Ele explicita para os demais e para os funcionários que ele é um líder positivo, mas nos bastidores eles são negativos, e esse negativo Deise, infelizmente leva muitos, muitos, e não faz nada de errado, mas manda os outros. (informação verbal)⁷⁹

Joana: Sim, é os mais antigos predominam e o segundo item é.. Mas na verdade quase todos existem, mas camuflado porque como lá é uma casa que esta é a gente fala que é organizada, a gente não permite isso né, mas é primeiro lugar, o tempo atividade o segundo é aqueles que eles dizem que tem visão pro crime... Eu tento entender o que é visão pro crime né, até hoje a gente tenta entender o que é visão pro crime, porque eu entendo que uma visão do crime estaria lá fora, não estaria lá dentro pra começar a gente fala sobre isso mas assim aquele menino que tem porque, ser líder, você nasce com isso, você queira ou não, porque o líder ele, como ele se levanta pro lado bom ou pro lado ruim, simplesmente as pessoas te seguem, por simplesmente te reconhecer como líder e as vezes isso o líder é o maior babaca sabe? Mas ele tem uma liderança nata e isso faz com que os demais olhem pra ele e aceitem as orientações dele e isso a gente chama de liderança. Identifica porque aonde ele vai o grupo está em volta dele, ele fala com os olhos, com o sorriso, com a postura porque assim o adolescente a gente percebe quando ele não tem, não é o líder nato e ele quer se levantar adiante dos demais é o que mais é... numa orientação é que mais quer falar é o que ser porta-voz, advogado então opa, fulano tá querendo se destacar, corta. (informação verbal)⁸⁰

Jaqueline: A gente percebe os rosas né. Se chama rosas? É os rosas, que querem ser, mas a gente não deixa senão cresce.

Deise: Você identifica líderes entre os internos? Há grupos definidos entre eles?

Fabiana: Sempre tem, sempre tem o que assim nosso trabalho é fazer com que isso não se instale sempre, sempre adolescente vai ter a liderança, se você deixar vai ter sim, líder e a gente até percebe aquele que é o líder por que vira e mexe eles tentam jogar alguma coisa pra ver se dá certo... a gente percebe quem é liderança a gente percebe sim se vai formar um grupinho ou não a gente percebe aquele adolescente que é fácil de ser

⁷⁹ Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

⁸⁰ Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

manipulado pelo restante que é aquele se a gente não tiver um olhar mais ali ele vai ter que passar a refeição dele pro outro, café da manhã, mistura, uma sobremesa ou mesmo que ele não passe vai chegar ate ele o você não vai comer ta? e ai o menino olha pra você e olha eu não quero comer porque tô doente porque tô não sei o que, não mas aí a gente já vê, fala que você não quer tomar café da manhã um dia é uma coisa, dois já não é a mesma coisa. É a gente tenta o máximo possível impedir que forme grupos. (informação verbal)⁸¹

As lideranças não são bem vistas dentro dos centros de atendimento, pois são até chamadas de “rosas”, que não podem desabrochar, devem ser contidas antes que cresçam e tomem força, força capaz de tirar a paz destes/as trabalhadores/as, sendo assim, há um intenso movimento entre os/as agentes socioeducativos na busca da desumanização dos/as adolescentes, por trazerem um certo perigo à ordem estabelecida, assim bem nos explica Zimbardo (2015):

Nos ambientes institucionais, a expressão de emoções humanas fica contida, na medida em que representa reações individuais impulsivas e frequentemente imprevisíveis, quando a norma esperada é a uniformidade das reações em massa. Nossos prisioneiros foram desumanizados de muitas formas pelo tratamento dos guardas e pelos degradantes procedimentos institucionais. No entanto, eles logo contribuíram para a própria desumanização, ao suprimirem suas respostas emocionais, com exceção do momento que tiveram o “colapso”. Emoções são essenciais à humanidade. Mantê-las sob controle é essencial em prisões, pois são um sinal de fraqueza que revela a vulnerabilidade tanto dos guardas quanto dos presos. (...) (ZIMBARDO, 2015, p. 317)

5.3 Representação sobre as famílias

Um aspecto importante para nossa análise foi entender como os/as agentes de apoio socioeducativo veem as famílias dos/as adolescentes internados, e nos deparamos com uma situação bem comum na nossa sociedade, a família como principal responsável pelas “escolhas” realizadas pelos/as adolescentes, colocamos escolhas entre aspas com o objetivo de apontar que de fato não consideramos como escolha a entrada destes/as adolescentes no crime, pois muitas vezes o que existe é apenas esta possibilidade como forma de manutenção de suas famílias.

Deise: O que você acha dos pais/mães e responsáveis?

Pedro: Muitos pais coniventes, muitos pais dependem desses filhos para sustentar o lar, dependem do crime. Já cheguei a ver e ouvir uma mãe falando que precisa do filho sair logo porque as coisas em casa está difícil,

81 Informação fornecida por Jaqueline em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

eu creio que ele sustentava a casa, sustentava a casa com o crime, sabe. (informação verbal)⁸²

Na fala de Pedro encontramos a questão de pais, mães ou responsáveis que dependem da renda que o/a adolescente adquire através de sua ação no crime, e isto é visto como forma de conveniência, em momento algum Pedro sugere que além de conveniência possa não existir alternativa de sobrevivência que não esta. Desta maneira, a família é vista como aquela que de alguma maneira se acomodou com a vida “fácil”, e não contribui para que os/as adolescentes não infracionem, inclusive, até estimulam.

Os outros trechos que seguem vão na mesma linha de pensamento, ao colocar na família o peso da irresponsabilidade dos cuidados com os seus membros:

Deise: A que você atribui a delinquência desses adolescentes?

Jaqueline: Vixi, tanta coisa (risos) difícil responder porque são muitas coisas, muitas coisas, muitas coisas. Isso já vem da família, eu falo da família. Eu acho que é só deixar o menino na Fundação Casa e a fundação é que cuida. Tudo bem ela tem o papel dela de cuidar, o Estado enfim...mas e a família? Quem está cuidando da família? A instituição cuida da família? Não. Tem técnico, tem assistente social que ainda faz né. A mãe não tem documento porque perdeu, o barraco queimou, queimou tudo, assistente social encaminha, providencia aquilo, os documentos né. (informação verbal)⁸³

Deise: A que você atribui a delinquência desses adolescentes?

Marcelo: Falta de é... estrutura familiar gente, estrutura familiar, pais que não tem formação, mãe não tem formação, não tem um emprego digno, não tem um sabe? eu acho que é mais a não tem uma estrutura familiar, falo estrutura familiar geral. (informação verbal)⁸⁴

Deise: O que você acha dessas mães e pais que visitam os meninos internos? E você já falou que tem interno que não recebe visitas...

Jaqueline: Tem uns que não recebem porque no mínimo deixou ou por estar presos, tem muita mãe que é usuária de crack, tem pais presos e quem cuidava é aquela vó que morreu e ele ficou sabendo, já vi muito isso. Semana passada tive isso, eu tive que descer pra chorar, chorei passei batom depois subi. O menino chorava..."O que você tem criatura? Fala aí..." "Oh, senhora minha avó morreu, única pessoa que eu tinha..." É triste ver. E na internação levam, levam pra acompanhar o velório tal e na provisória não levam. Na Internação leva escoltado, vai algemado, escoltado pela polícia vai. Na provisória não leva, depende da assistente social. Assistente social tem chamar, ligar dando notícia olha eu não aguento... "Senhora meu pai está preso, minha mãe é usuária de droga de crack está presa, meu irmão está no CDP, minha vó apesar que era idosa mas cuidava de mim senhora. Quem sobrou pra mim?" Não conseguiu jantar, não conseguiu jantar (choro)

82 Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

83 Informação fornecida por Jaqueline em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

84 Informação fornecida por Marcelo em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, outubro de 2016.

a assistente social chama conversa, tal então (baixou o tom de voz)...mas enfim

Deise: E o que ele precisava ter para que ele não voltasse a infracionar novamente ?

Jaqueline: Uma família preparada pra recebê-lo, uma família preparada pra receber, isso acho que é fundamental.

Deise: Você não acha que é uma questão de moral então?

Jaqueline: Acho que não é tanto isso não sabe, isso faz parte também, mas não é tanto isso não. Acho que ele tinha que ter uma família preparada pra recebê-lo, em condições de alimentar esse menino, de estudar, dar uma continuidade nos estudos né...trabalho, trabalhar colocar, num curso profissionalizante. Mas isso acho que parte da família né. A partir do momento que ele não tem mais o que cumprir, não deve mais nada pra justiça como diz então...agora é da família, a família tem condições de receber? Está preparada pra receber esse menino? Tem estrutura? Aonde mora? Trabalha? Tem o que comer em casa? Porque a mãe as vezes pede até pelo amor de Deus, pra deixar na instituição porque não tem o que comer. Então difícil né? Difícil, nós presenciamos muito isso. (informação verbal)⁸⁵

Nos relatos acima também encontramos uma percepção das famílias como que vivendo em situação de extrema pobreza. Que acreditam que o cuidado dentro da Fundação Casa supera os cuidados que estas podem ofertar aos seus membros, lembrando que esta ideia tem sua força centrada na década de 1979 quando o Estado fazia todo um trabalho midiático, e não só, para que as famílias que viviam em situação de pobreza entregassem seus filhos para serem criados dentro das unidades da Febem.

Na fala de Marcelo encontramos como um dos fatores da “desestruturação familiar” a falta de emprego e de formação, mas apesar deste reconhecimento, não há menção à responsabilidade do Estado para com esta população. Já Jaqueline nos mostra uma outra percepção sobre estas famílias, vendo-as como aquelas que possuem mulheres usuárias de drogas, e que tem pais presos, com situações de extrema vulnerabilidade, não apontando a família como a culpada da prática de ato infracional cometido por seus membros, mas sim, como sem condições de zelar pelo cuidado destes/as, tendo a compreensão de que o território de moradia, a falta de cursos de capacitação, a falta de emprego e a fome, são questões que devem ser levadas em consideração.

Fabiana: eu falo assim, eu acho que falta muito na vida desses meninos, falta desde acho que ele são muito abandonados, eu acho que você conversando com eles, desde quando parece que nasce, nasceram e estão

85 Informação fornecida por Jaqueline em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

jogados no mundo pra crescer, é uma parcela deles, isso que eu vou te falar que eu justifico um pouco essa delinquência dentro da minha cabeça, **ai nasceram a mãe numa situação tem que trabalhar fora e aquela criança cresce sozinha, cresce sozinha que eu falo a mãe também chega cansada, não da atenção**, essa criança não tem um aparato de desenvolvimento, a maiorzinha ta cuidando da menor e vai pra uma escola que não tem um atrativo, então assim não tem profissionais, **não tem os recursos financeiros e** o que ela tem é uma TV na frente dela que mostra tanta coisa bonita, que mostra o Neymar de camaro, que sabe? Que mostra tanta coisa e esse jovem vai, cresce, faz dezesseis anos agora vou trabalhar, mesmo sem ter estudado e ai ele vai la e arruma um emprego pra ganhar setecentos reais, tem que ter muita força de vontade, muito caráter pra você ganhar setecentos reais e ganhar um par de tênis que o neymar usa... e tem muita coisa esse contexto da vida deles, a vida deles inteira eles serem humilhados dentro de casa é ter que agressão doméstica, a gente vê que, eu já perguntei pro adolescente e ai qual seu sentimento quando você pega uma pessoa e coloca a arma na cabeça? Ela vai me obedecer, ela vai me obedecer é eu que vou mandar. Eles vê as patricinhas ou mauricinhos né, a gente tem que pegar mesmo eles não tem a noção de que aquilo lá foi conquistado ou se não foi, eles acham que eles tem o mesmo direito de ter, independente de tudo. Social, questão social, é eu quando eu falo “ah, não tem mãe” mas **não é a mãe que é culpada acho que se a gente tivesse uma educação, uma educação, uma creche integral com essa criança la dentro com uma boa alimentação, boa educação que atraia a criança que faça ela se desenvolver**, eu acho que assim a maioria não teria um objetivo um sonho, projeto de vida, teria alguma coisa, esse moleques, alguns a gente vê parece que não tem nada, parece que só tem um vazio na vida. (informação verbal, grifo nosso)⁸⁶

Na fala de Fabiana vemos que faz uma defesa mais concreta da importância de investimentos públicos para proteção destas famílias, conseguindo olhar para a figura do Estado com a responsabilidade deste efetivar políticas públicas que, de fato, tirem, da linha de risco não apenas os/as adolescentes, mas em especial as suas famílias. Fabiana construiu uma narrativa em que coloca as mães como quem necessita fortemente da proteção do Estado, e não como aproveitadoras de suas próprias limitações.

5.4 Representação sobre o trabalho socioeducativo

Para que pudéssemos analisar mais de perto a questão das representações do trabalho socioeducativo, realizamos a seguinte pergunta: você já teve um dia um episódio positivo com algum interno?

Joana: [Demorou para responder] É porque assim, não que não tenha, tem sim, porque tem os funcionários que já, mas assim é...como hoje a minha função como coordenadora não é tao assim é...tá no contato no mais com

⁸⁶ Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, outubro de 2016.

os adolescentes, só no caso intervir, é...na, como gestor, não é tanto quanto o agente que fica ali direto, então o adolescente as vezes passa você nem percebe. **Tem menino que cumpre a medida socioeducativa dele, que ele entende a medida socioeducativa que ele vai embora e você nem percebe que ele passou pela unidade,** às vezes pergunta assim, a minha diretora fala assim: “Joana, aquele adolescente tal, tal, tal” eu falo, eu nem sabia que tinha esse menino lá dentro, porque ele conseguiu assimilar a medida dele e foi embora aí você não tem assim esse contato, tem funcionário que talvez tenha esse contato com o menino e tenha experiência melhor ou que lá fora encontre com o menino que está trabalhando. **Ah, aliás, tem um, eu ouvi num último plantão meu o pastor da igreja Universal dizer que um dos adolescentes que tinha passado conosco lá, se batizou lá, era...eu esqueci o nome da igreja universal, lá é...operador [obreiro], é um nome que eles dão, não é pastor...tem um outro nome e eu esqueci. Então, e ele está na Universal. Lembro até uma vez, bem no ano passado assim uns quatro anos, que ele passou por nós é..., saiu, se batizou, continuou na igreja e voltou lá para fazer o culto com os pastores lá dentro.**

Deise: Mas na época que você era agente, você lembra de algum caso, alguma situação positiva?

Joana: Quando eu era agente...(demorou para responder) olha a única coisa positiva é...foi uma única vez que encontrei um adolescente que estava trabalhando, tem muita coisa assim que eu vi, porque lá dentro, mesmo que eles queira é difícil pra eles né. E assim, a gente não tem essa, esse retorno, mesmo que o adolescente saia, esteja é... numa vida digna, a gente não tem esse retorno. (informação verbal, grifo nosso)⁸⁷

Para que Joana encontrasse na memória este episódio positivo levou um certo tempo, disse que por conta de hoje estar no cargo de coordenadora de segurança, isto dificultava um pouco a localização de um episódio positivo, chegando inclusive, a alegar que são tantas situações, principalmente nos casos em que os/as adolescentes passam despercebidos pelos centros cumprindo todas as regras. Em um momento do discurso se recordou de um episódio que considerou positivo, mas este episódio não está ligado ao trabalho realizado pela Fundação e muito menos pelos/as agentes de apoio socioeducativo, mas, sim pela intervenção religiosa de uma igreja, na qual o adolescente se batizou após a desinternação. Porém insisti com a pergunta, com a finalidade de saber da experiência dela como agente e, mais uma vez, sua resposta girou em torno de algo que o adolescente atingiu fora do centro de internação, e não no seu cotidiano de trabalho, portanto, vemos que Joana não identifica aspectos positivos em seu dia a dia de trabalho junto com os/as adolescentes.

Diferentemente de Joana, a entrevistada Jaqueline já respondeu rapidamente e, muito emocionada, logo se recordou de um episódio em que ensinou a ler e a

⁸⁷ Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, outubro de 2016.

fazer a tabuada, mas o que a mais emocionou foi narrar a situação de pobreza em que o adolescente vivia e, consequentemente suas filhas. O que a mobilizou a fazer algo que fugisse do padrão normal de tratamento para os/as adolescentes foi o fato do adolescente lhe contar que quando saia da semi liberdade para procurar emprego ou fazer um curso, o que ele fazia era tentar conseguir dinheiro para dar o que comer para sua namorada e filhas. E o outro caso que se recorda também está ligado à questão da pobreza e também se refere à semi liberdade, e não a internação em estabelecimento educacional.

Jaqueline: Há já, olha teve um fato assim, quando eu falo eu choro muito. Teve um menino que chegou na semi, tinha 16 anos, o Luiz né. É ele tinha duas filhas uma menina de uns oito anos... E aí ele teve uma namorada com menos de 18 e nasceu a segunda. E ele pedia pra sair, pedia pra sair, pedia pra sair aí procurar emprego, ia ver as filhas. Por que um dia descobrimos que ele não estava indo procurar emprego, fazer inscrição de curso nem nada, aí ele contou pra nós que ele não dormia de noite, porque ele sabia que as filhas estavam passando fome, então quando ele pediu pra sair, pra ver o curso alguma coisa assim, ele contou pra nós que ele fazia um corre pra comprar pelo menos um saquinho, um pacote de leite de caixinha. Uma caixinha de leite da mais barata que fosse né... nós começamos a ensinar ele a ler, começou alfabetizar ele. Porque tem esse grave problema também, aí disse não sabe...tem uns que são muito inteligentes, escrevem que é uma beleza. Mais tem uns meninos que não sabem, 16 anos, 17 anos e não sabem ler. O Luiz, não sabia ler, eu e a minha coordenadora nós começamos ensinar, ensinar...aí eu comprei uma tabuada e levei pra ele, e "Olha...Luiz, você sabe como eu aprendi a tabuada?", também não sou lá essas coisas na matemática, sempre gostei da área de humanas né. Eu fazia assim eu escrevia...quando eu quero fixar na mente, eu escrevo...então é escrever a tabuada você, com certeza vai aprender essa tabuada". Aí os meninos [agentes] falaram: "É paga pau de vagabundo que agora tem tabuada... não sei o que". Aí ele sumiu, ele descumpriu a medida, aí ele voltou. Aí o juiz manda buscar né. Aí trouxeram ele, e ele trouxe um caderno com essa tabuada todinha no caderno em azul e vermelho, em azul com resultado em vermelho. Quando vi aquilo eu chorei muito eu fui para o banheiro, quando eu vi comecei a tremer, "Senhora vem vê, vem vê... que eu trouxe... trouxe um caderno assim né". Toda tabuada resultado em vermelho, quando eu vi aquilo eu não aguentei. Não consegui tragar a emoção fui para o banheiro chorar.

E eu tive outras e outras que mexeu consigo. Sabe que eu lembro assim legal, uma vez fui levar uma lá no interior em Botucatu, L.A (Liberdade Assistida), isso da semi, então eu fui levar junto com o motorista e ele, eu falei pro motorista "Pára que vou tomar um café que eu sou diabética e preciso comer". E eu comi um lanche e dei pra ele, 18, 19 anos tinha esse menino dei pra ele. Chegou lá em Botucatu, uma pobreza assim...mora com avó. Não tinha nada ele falou assim: "Olha senhora não convido pra entrar porque só tem água aqui em casa". (emoção)... aquilo eu fiquei, nossa não tive o que falar...é uma coisa: "Graças a Deus, que a senhora me pagou esse lanche, aquele lanche que comi vai ser pro dia inteiro, aqui não tem nada mais...isso hum [pausa seguida de choro] tem "N" experiências. (informação verbal)⁸⁸

88 Informação fornecida por Jaqueline em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

Apesar de Jaqueline fazer referência a dois episódios positivos em seu trabalho, ela também não consegue trazer nada que faça parte do seu dia a dia, mas sim, situações extremas, chegando a considerar como um episódio positivo a doação de um lanche para um adolescente que estava em extrema situação de pobreza, sabemos que situações como esta nos sensibilizam, e que também nos marcam, porém não fazem parte do seu trabalho no centro de internação, portanto, para Jaqueline, as situações positivas se dão no limite do seu trabalho e não em seu dia a dia como forma do resultado de um trabalho que visa o atendimento de adolescentes nas suas mais variadas formas.

Pedro: Ah... já tive vários. Quando eu fui trabalhar em Ferraz Vasconcelos, a ONG [Organização Não Governamental] tinha acabado de sair de lá. A ONG fazia o trabalho educacional e psicossocial, e não havia professores de educação física, só havia dois educacionais. E o meu plantão, na casa um, só havia quatro funcionários. Então foi muito difícil. Eu tinha que tomar cuidado com os meninos. O diretor que tinha trabalhado comigo em outro lugar pediu para eu dar essa atividade pra eles, por que eu estava na época da faculdade. Pediu para eu treinar o time de futebol. Fomos campeões lá na Regional, fomos vice em São Paulo, por que, até então, eles não aceitavam que um agente educativo do pátio treinasse o time campeão do campeonato deles. Então teve de tudo naquele jogo. Expulsão do meu goleiro, expulsão do meu jogador. Teve de tudo. (informação verbal)⁸⁹

Mais uma vez temos aqui a referência a outro centro de atendimento, que não o que Pedro atua no momento. O entrevistado nos traz a importância que teve para ele realizar outra atividade que não envolvia a rotina do centro tendo a oportunidade de treinar um time de futebol composto por adolescentes de outro centro de internação. Mas percebemos o quanto isto também não faz parte da rotina geral do seu dia a dia de trabalho. Mas quando perguntado sobre se encontrava aspectos positivos em seu trabalho este respondeu:

Pedro: Eu acho que a maior de **tudo é por limites para eles, ter hora para acordar, tomar o café, hora para escola, hora para o curso, hora para a diversão, hora para valorizar a família, que o que eles fazem carta.** Hora de estar valorizando a família, além do dia de visita, então Deise eu acho que ali você por limite para eles, acho que o maior de todos.

Deise: Consegue descrever uma situação que considerou educativa no seu cotidiano?

Pedro: [Demorou para responder]. Geralmente quando a gente pára para falar com eles, quando eles fazem alguma coisa errada a gente pára todos para conversar, porque a conversa é sempre para mostrar para eles o que estão errados e o que podem melhorar, o que isto pode gerar na vida deles.

Deise: Vocês fazem isso com frequência ou não?

⁸⁹ Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

Pedro: Eu costumo fazer mais, como neste centro que eu estou eu passo o dia com esses meus adolescentes de referência, eu converso mais com eles, praticamente todo dia eu falo de alguma coisa, há momento meu que estou só com eles, ou quando eu estou com a professora. (informação verbal)⁹⁰

Para Pedro a questão central do seu trabalho é colocar limites na vida destes/as adolescentes, fazendo com que estes/as cumpram com as regras do centro. Quando foi solicitado a Pedro que ele descrevesse uma situação que considerasse educativa, além de demonstrar ter dificuldade em encontrar um exemplo disto, quando o trouxe, o fez de forma genérica, e não trazendo nenhum referencial metodológico para este trabalho. Assim entendemos que ou existem situações excepcionais ou, então, o fato de conversar com os/s adolescentes se caracteriza como parte educativa do seu trabalho, levando-se em consideração o que já foi apresentado até o momento, ou seja, de que conversar é um ato que muitas vezes pode ser considerado de indisciplina e de desordem, entendemos que quando permitido pode tornar-se um ato educativo.

Continuamos questionando o entrevistado e perguntamos: você identifica aspectos educativos no seu trabalho, Fabiana responde:

Fabiana: Na minha função? **Se eu vou fazer o que tá escrito lá na minha descrição de função... Identifico que ele tem que saber que ele tem que levantar que ele tem que arrumar a cama dele, então ele tem que cuidar do espaço dele, ele tem que escovar os dentes, tomar banho, ir por refeitório, não se alimentar em qualquer lugar.** Entendeu? Ai ele tem que passear, limpinho que tomou banho, escovou os dentes, roupa chegou limpa, ele tem que ir pra sala de aula, então ele tem estudar todos os dias, lá no mundo dele ele não vai para escola todos os dias ou porque choveu, ou porque está frio, vai sair com os colegas, vai cabular pra fazer qualquer coisa, então ele tem que ir na escola todos os dias né? Não significa que ele vai estudar todos os dias lá na sala de aula porque tem muitos que fica comendo papel né... ai ele tem que voltar pro refeitório, tem que almoçar, tem que ir pra suas atividades Lá com os profissionais a tarde, texturização, enfim e depois ele vai jantar vai pras atividades, culto e vai voltar pro quarto e vai dormir, **toda minha função é fazer com que ele cumpra tudo isso e estar observando todas essas ações pra vê se está dentro da do que a gente chamaria de normal, normal** que estou te falando seria aquelas situaçõesque já te falei de um querer estar agredindo o outro e enfim tudo aquilo. **Nessas tarefas não né, mas assim ser humano tem que ter essa noção é uma coisa de educação**, esse tipo de educação ele já deveria saber independente da situação financeira, enfim não significa que ele não saiba é que la ele tem que cumprir, não tô ensinando pra ele. **É disciplina é talvez dentro esses cem um adolescente que não escova os dentes todos os dias ele vai tomar gosto e quando sair ele vai querer escovar os dentes todos os dias então pra ele serviu de alguma coisa mas as**

90 Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

tarefas em si no dia a dia assim é mais da vigilância mesmo, é de ter que fazer acontecer as regras pra um bom andamento da casa, bom andamento. (informação verbal, grifo nosso)⁹¹

Ela já inicia afirmando que realiza aquilo que se espera dela dentro da instituição, um trabalho que tem como perspectiva o cuidado do corpo e do comportamento dos/as adolescentes, o qual não ultrapassa esta fronteira, e Fabiana considera que, apesar destas tarefas não serem educativas, no sentido do que seria um trabalho socioeducativo, a mesma aponta para o cumprimento desta função de suma importância, visto que os/as adolescentes sairão da internação com a noção destes cuidados pessoais, pressupondo que estes não teriam estes hábitos anteriores à internação.. E para garantir que de fato isto ocorra ela afirma o quanto a ação de vigilância, exercida por ela, contribui neste sentido.

Na entrevista com Manoel em dado momento o indagamos sobre o que ele considerava ser a atuação de um agente socioeducativo, e este respondeu:

Manoel: Você trabalhar, você bate o cartão e entrar pra trabalhar. Você atua, é você está lá conversando com eles exigindo que ele cumpra, ele fala que quer passar e você fala que não, você põe o braço ele vem e derruba você, ele vem bate no seu braço e bate no seu braço, isso é você atua. E o que muitos fazem, se omite você atua na omissão. Finjo que não viu ou vê e literalmente não faz nada.

Deise: Você esta em que grupo, nos que omitem ou nos que agem?

Manoel: Antes eu estava no grupo que agia, na medida em que eu agia, eu estava sendo chamado muita das vezes na corregedoria, hoje eu estou entrando literalmente, formalmente, fortemente no grupo que se omite, porque o meu salário vai vir de qualquer jeito. Eu estou menos propenso a tomar um processo administrativo dentro da Fundação. (informação verbal)⁹²

O entrevistado traz em sua fala as situações de tensão que diz vivenciar no seu dia a dia com os/as adolescentes, e aponta como agir algo que nos parece mais um confronto com os/as adolescentes, do que uma simples tentativa de fazer com que as regras sejam cumpridas, chegando a ter confronto corporal entre agente e adolescentes. Para ele, o trabalho do agente seria o de fazer com que as regras sejam cumpridas a qualquer custo, e sua mudança de postura não se deu por considerar que esta não deveria ser sua atuação, mas sim pelo tanto de vezes que foi denunciado na corregedoria, o que deve ter lhe trazido alguns prejuízos e constrangimentos. Como diz Goffman (2010):

91 Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

92 Informação fornecida por Manoel em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, dezembro de 2016.

Uma contingência no mundo de trabalho da equipe dirigente é que os internos geralmente têm status e relações no mundo externo, e isso precisa ser considerado. Evidentemente, isso está ligado ao fato, já mencionado, de que a instituição precisa respeitar alguns dos direitos dos internados, enquanto pessoas (...). A equipe dirigente é lembrada dessas obrigações, quanto a padrões e direitos, não apenas por seus superiores hierárquicos, mas também por várias agências da sociedade mais ampla e, muitas vezes pelos parentes do internado.(...) (GOFFMAN, 2010, p. 71-72)

Neste sentido, além do respeito, mesmo que forçado aos direitos dos/as adolescentes internados, Manoel ao assumir uma postura de omissão diminui as possibilidades de confronto, mas isto não quer dizer que realize um trabalho socioeducativo, ao contrário, nos parece que o que há é um abrir mão de qualquer possibilidade de intervenção.

Como podemos notar toda e qualquer tentativa de falar sobre o trabalho socioeducativo recai sobre o cumprimento das regras da instituição e o que foge disto são situações excepcionais que se distanciam do cotidiano dos/as agentes socioeducativos.

5.5 Representação sobre si mesmo/a.

Neste momento vamos analisar como os/as agentes se veem dentro do trabalho nos centros de atendimento. Pedro nos traz o quanto sente-se desvalorizado pela equipe técnica dos centros de atendimento e, para isto ele tece o seguinte comentário:

Pedro: [Referência à equipe técnica composta por assistente social e psicólogo/a] Psicossocial, é muito complicado, eles não querem uma aproximação, eles não querem, onde eu estou como que eles, vem muito mais, são bem mais adolescentes, então eles vem, as vezes o menino está dando um trabalho eu falo “conversa com esse menino aqui, ele não está entendendo a medida, fala para ele que se ele continuar atrapalhando a aula ele vai ficar mais tempo, ele está atrapalhando a medida” “Ah, então, fala aí” **Porque muitas vezes eles acham que nós somos despreparados, que não tem cultura, que somos brutos e chulos.** Eu costumo dizer que ao conversar eles vão ver que é outra coisa.

Pedro: Tinha um monte de psicólogo [Referência a uma formação que foi participar], enfermeira, todo mundo, menos nós, todo mundo olhando para trás para saber quem era. Porque aqui é para trocar informação de como é trabalhar tantas horas com os adolescentes, e as pessoas estavam falando que trabalhavam, mas não trabalham, as pessoas tem um olhar de fora que é falho. **Quem trabalha lá somos nós, nós sabemos se ele está doente,**

se está agitado, somos nós, somente nós. Ai os técnicos acham que entendem, mas não entendem. (informação verbal, grifo nosso)⁹³

Em seu discurso fica patente a discriminação que sente por ocupar o cargo de agente de apoio socioeducativo, sendo desvalorizado quanto ao conhecimento que possui. Mesmo com esta postura da equipe técnica social e psicossocial, Pedro se vê como alguém que tem competência para trabalhar com os/as adolescentes, chegando a considerar que os/as agentes de apoio socioeducativo são os únicos que o sabem, pois considera como trabalho a convivência direta com os/as adolescentes e, acaba por fazer o movimento inverso da equipe psicossocial, desqualificando o saber profissional daqueles/as trabalhadores/as. Desta maneira, se instala uma situação hostil entre equipe psicossocial e agentes de apoio socioeducativo, onde um grupo parece desconsiderar o trabalho do outro grupo mas, o que mais nos importa na leitura deste trecho da entrevista é perceber o quanto Pedro se vê como alguém que tem competência para lidar com os/as adolescentes. Lembrando que em outros momentos da entrevista este aponta o trabalho do agente ligado ao acompanhamento do/a adolescente no cumprimento das regras do centro de atendimento.

Deise: Seria uma forma de você se sentir reconhecida?

Fabiana: É porque na fundação os agentes socioeducativos...[ficou em silêncio]. É assim tem uma briga, a equipe técnica, assistente social, psicólogo, pedagogia, então assim na hora do vamo vê é os agentes socioeducativos. Muitas vezes atitudes deles não é tão compreendida e fica aquele estigma de que pátio é uma coisa.

Deise: Você acha que os agentes socioeducativos não são reconhecidos também pela equipe técnica por não entender o trabalho de vocês?

Fabiana: Talvez de não entender não, por que elas entendem, mas criam um julgamento sabe.

Deise: Não tem dialogo entre vocês e a equipe técnica?

Fabiana: Hoje está mudando muito, porque hoje tem os grupos de referência, que junta o assistente social, o psicólogo e o agente socioeducativo, para estar discutindo aquele grupo. (informação verbal)⁹⁴

No relato de Fabiana é possível perceber o quanto as situações que ocorrem de tensão dentro dos centros, em geral recaem sobre “os agentes” e nos parece que ela não se vê neste processo, visto que, enquanto mulher, como já discutido, não entra nas situações de maior tensão, já que resolver questões de conflito entre os/as adolescentes fica a cargo dos agentes do sexo masculino, mas, mesmo assim, ela

⁹³ Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

⁹⁴ Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

traz a dificuldade de um trabalho cooperado entre a equipe técnica e os/as agentes de apoio socioeducativo. Na sua visão, isto se dá por uma presença forte de julgamentos em relação aos/as agentes, o que reforça a visão de Pedro quanto à imagem de um/a agente despreparado/a para lidar com os/as adolescentes. Porém, o discurso de Fabiana aponta para uma mudança, quando da proposta de agentes socioeducativos e equipe técnica discutirem os casos. No entanto, é importante lembrar que em outro momento deste trabalho apontamos uma fala de Pedro, que disse que em geral quem participa destes momentos são as agentes mulheres, por serem consideradas mais brandas nas decisões a serem tomadas.

Já Joana nos mostra o quanto avançou em sua percepção quanto ao trabalho que desenvolve com a equipe de agentes de apoio socioeducativo que dirige. Em sua fala ela nos mostra o quanto estava misturada o olhar para o/a adolescente enquanto uma pessoa que tinha problemas e que não se diferenciava dos problemas que a equipe de agentes e até mesmo ela tinha. E esta visão só foi alterada a partir do momento que foi buscar, por conta própria, espaços de formação e, nestes espaços conseguiu compreender melhor a legislação principal que deve nortear o seu trabalho, o ECA.

Joana: (...) hoje eu vejo que quando é a gente vai falar com a assistente ou com a psicóloga sobre um adolescente “x” que ela fala “Ah mas o adolescente está passando isso e isso na família dele”. A gente não percebe essa nossa reação problema que ele tem lá todo mundo tem problema, se o meu agente ou se eu for chegar com meus problemas de casa e for jogar aqui pro adolescente vai ficar insuportável esse lugar, mas assim é.. é diferente **mas hoje eu consigo assimilar diferença que eu tenho meus problema e o adolescente tem os problema dele**, só que eu tenho uma mente e uma estrutura diferente pra lidar com isso, é diferente dele, eu estou diretamente é... resolver ou não depende as vezes somente de mim ele não, mesmo que dependa dele, ele tá impossibilitado de fazer e às vezes você olha uma situação que tá acontecendo na sua família por mais que o adolescente não tenha talvez é... esse tanto vínculo ou respeito pela família mas não deixou de ser a família dele e quando eles, ele.. cai a ficha quando está entre quatro paredes e aí sabe que ela fora a família esta precisando, a mãe esta doente ou alguma coisa ta acontecendo e ele não consegue resolver porque ele ta impossibilitado e as vezes é difícil ainda mais quando você tem que conviver com pessoas de costumes, hábitos diferentes né? Hoje eu consigo entender melhor isso mas os agentes não conseguem, não é que eles não conseguem, **talvez eles não tenha esse preparo e eu só tive esse preparo, depois que eu fui fazer um curso, eu me vi em uma situação eu precisava, por minha conta, eu fiz, eu fui estudar mais, mais perto o ECA eu fui fazer o curso na área de gerenciamento de crise, gerenciamento de conflitos, eu fui fazer cursos de planejamento estratégico, fiz cursos de LIBRAS, um monte de coisa que pudesse ajudar, contribuir com minha equipe e entender um pouquinho mais o adolescente**, porque assim quando você não

conhece o eca, você julga assim.. é... só quer saber de vagabundo, não mas o ECA, além de dar um suporte ao adolescente ele dá também pra minha, pro meu filho, que hoje não é mais adolescente mas dá pro meu filho, entendeu? E aí a falta de conhecimento, acho que a falta de conhecimento e investimento no funcionário, atrapalha muito. E porque assim né é algo que a teoria é uma coisa e a pratica é outra, quando a gente entra dá um cursinho de uma semana aí, quando você começa a conviver vão passando os anos e tem pessoas que tem trinta anos de fundação, trinta anos que passaram por várias situações e vária situação que como eu te disse, eu só tenho quinze anos, tem uma situação que ficou na minha mente até hoje e... às vezes toda vez que quando eu vejo qualquer reação do adolescente, isso te dá uma... mas aí você tem que opa, parar e pensar, eu penso agora mais por estar na frente de uma equipe, por que a minha postura vai influenciar na minha equipe, eu sei que se eu falar pra minha equipe, vai, é que nem cachorro, eles vão pra cima, entendeu? **Eu sei que uma fala mal dita na hora errada , pode criar uma situação maior, às vezes eu vejo meus funcionários, quando me olham assim, vamos Joana é só você falar, sabe e aí eu olho assim e eu tenho que pensar de que eu preciso, sete horas da manhã passar o plantão e sair e ver eles saindo sorrindo pra família deles que tão lá fora esperando, hoje eles entendem melhor isso, de que o prazer é em sair sorrindo e saber que eles vão voltar seguro pra família dele, porque o dia em que dois mil e treze, que o vi o meu colega que te disse que saiu ensanguentado, eu me senti, impotente, incapaz de ter impedindo aquela situação e ai me vi situação em que precisei fazer um curso pra conhecer um pouco mais, se eu quero continuar como coordenadora, eu preciso pensar um pouco mais aquilo que eu estou trabalhando,** aí fiz outros cursos e aí eu comecei a colocar na cabeça do funcionário a necessidade daquela porta estar fechada da necessidade deles trabalharem um olhando pro outro, falando com os olhos, a necessidade de tudo, que às vezes a necessidade de você dar um, dos passos pra trás pra depois dar um para a frente. (...) (informação verbal, grifo nosso)⁹⁵

Outro ponto que ela nos traz é a responsabilidade que tem para com a sua equipe, sendo responsável pelas ações tomadas pelos/as seus subordinados/as. A preocupação de Joana não é centrada nos adolescentes, mas sim na sua equipe, pois ela tem que garantir que estes não tomarão nenhum tipo de atitude que os leve a situações extremas de risco, afirmando que estes/as não são preparados/as o suficiente para realizar o atendimento aos/as adolescentes, e que basta que ela diga uma só palavra para que sua equipe acabe por tomar atitudes desastrosas.

Em cada um desses casos, notamos a intervenção de representações que tanto nos orientam em direção ao que é visível como aquilo a que nós temos de responder, ou que relacionam a aparência à realidade, ou de novo àquilo que define essa realidade. Eu não quero dizer que tais representações não correspondem a algo que nós chamamos o mundo externo. Eu simplesmente percebo que, no que se refere à realidade, essas representações são tudo o que nós temos, aquilo a que nossos sistemas perceptivos como cognitivos estão ajustados (...)(MOSCOVICI, 2017, p. 32)

⁹⁵Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

Como podemos notar as relações que se dão dentro dos centros de atendimento entre os/as agentes de apoio socioeducativo e os/as adolescentes são de muita tensão e são poucos momentos que encontramos relatos de situações de “harmonia” entre estes/as. Desta maneira é preciso pensar sobre que tipo de respostas um ambiente tenso, como o dos centros de internação, provocam em seus trabalhadores/as. Quando perguntamos a Pedro sobre os riscos psicológicos que ele identifica em seu trabalho, ele fala sobre o estresse e suas consequências.

Pedro: Estresses, muitas vezes a mudança de humor repentino, tem colegas que numa situação que um adolescente virou prá cá, já...sabe...vai sair do normal. As vezes a carga de pressão de estar ali é tão grande que qualquer faisquinha já explode. Tem bastante isso daí eu vejo muito ainda.
(...)

Pedro: Oh, as ameaças que eu tive, que é assim eu sou o próximo, eu vou ser o próximo [a morrer], então o que eu colocava nessa situação: antes ele do que eu. Então é uma forma de coagir eles sabem. De pressionar eles: se vocês vierem vocês vão ver e vai ser da forma que for. Só que ali, chegava algumas vezes, eu nunca cheguei a tratamento, só que aquilo ali estava me adoecendo. Sabe aquilo me deixava agitado, mas era uma forma de eu estar...como eu posso dizer? Me antecipando muito aos fatos.

Deise: O que você sentia naquele momento em que você estava agredindo os adolescentes?

Pedro: Raiva, muita raiva, depois a raiva passava, mas você via que o que você fez estava errado e via naquela situação não um sentimento de culpa, mas um sentimento que poderia ter sido resolvido de outra forma, de outra maneira.

Deise: Demorou quanto tempo para você buscar ajuda?

Pedro: Não, eu não procurei ajuda. Isso aí foi uma coisa que eu fui vendo que não dava certo.

Deise: Você vê profissionais com aquele nível de estresse que você estava?

Pedro: Ah vejo, vejo, e hoje eu tento me antecipar. Eu atravesso no meio da conversa, eu entro na frente, eu ponho a mão aqui (no ombro). Acho que muitas coisas você põe a mão e a pessoa para. Coloco a mão no colega e as vezes o colega coloca em mim.

Deise: Vocês têm essa coisa de tentar evitar?

Pedro: Tem. Tem que ter, senão o conflito é a todo instante e é perigoso. (informação verbal)⁹⁶

Podemos ver que o fato de se sentir ameaçado fez com que ele agredisse os/as adolescentes como forma de intimidar e colocar um certo respeito. É importante dizer que não estamos aqui para justificar os atos de violência que foram relatados, mas para compreendê-los a fim de pensar em formas de superá-los. Diante disto, vemos que Pedro acabou por agredir os/as adolescentes tomado de um sentimento de raiva, e isto não cessou porque houve a percepção de seus superiores quanto ao que estava ocorrendo, e nem mesmo porque Pedro tenha

⁹⁶ Informação fornecida por Pedro em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

buscado ajuda psicológica, mas este relata que seu comportamento foi mudando a partir do momento que percebeu que este tipo de atitude não resolvia o problema. O que de fato aconteceu para que este ciclo de violência fosse interrompido nós não sabemos, mas o que sabemos é que a partir do momento em que o/a trabalhador/a se vê sozinho/a em situações como a descrita por Pedro, as consequências podem ser insuperáveis na vida tanto do/a trabalhador/a quanto dos/as adolescentes que, provavelmente sofrerão violência. E a única estratégia que estes/as tem para enfrentamento de situações de conflito é confiar que um dos/as colegas de trabalho irá intervir de forma a amenizar a situação, ou então, a situação pode ficar ainda pior.

Manoel: **Eu estou me esforçando ao máximo pra conseguir, porque muitas vezes eu comprava a briga de determinados colegas**, porque, exatamente nos exemplos que já citei antes, jovem entrega caneta "vou entregar não senhor", jovem você tem que fazer a revista, "vou fazer não senhor", então eu ia e fazia a revista forçada, emprego de mão. Transferia ele pra outro local na força física, na força bruta. O jovem vai fazer um relato pra técnica dizendo o seguinte: "fui agredido, fui violentado, fui desrespeitado". A técnica, enquanto ouvinte desse relato, do ponto de vista ético, precisa relatar, ela não pode fazer juízo de valor. Existem técnicos que conseguem fazer o equilíbrio, ela confronta as informações pra extrair de fato o que é verdadeiro, e não simplesmente o que é ali uma mera ideologia do adolescente. (informação verbal)⁹⁷

Na fala de Manoel vemos que não há uma relação entre trabalhadores/as que prestam um tipo de serviço e os/as adolescentes atendidos/as, mas, sim, se parece mais com um local em que se encontram grupos rivais que disputam o comando do território o tempo todo. E nesta disputa entre agentes e adolescentes aparece a figura, novamente, da equipe técnica, a qual fica encarregada de fazer a “escolha” do que está ou não dentro do padrão de normalidade de funcionamento desta instituição. E a presença desta equipe nos parece como quem, em última instância decide, quem “ganhou” a disputa.

Encontramos na fala de Fabiana referência mais explícita a esta disputa de poder territorial dentro da instituição, a qual está sempre no limite das relações, podendo a qualquer momento se perder e, desta maneira os/as agentes acabam por usar de práticas de opressão como forma de manter o controle sobre os/as adolescentes.

97 Informação fornecida por Manoel em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, dezembro de 2016.

Fabiana: Só quando, porque assim, existe uma fala dentro da fundação que é: casa na mão de funcionário e casa na mão de adolescente, alguns anos a minha unidade tá uma casa que a gente, os funcionários trabalham como tem que trabalhar, lá também a gente já viveu momentos que os adolescentes tomaram conta do espaço deles, então quando eles tomam conta do espaço deles do jeito que eles querem, aí fica difícil pro funcionário trabalhar, aí eles tentam e conseguem de várias formas impedir que o funcionário fique presente em tal ambiente, em tal ambiente.

Deise: Então eles pressionam e você se sente refém?

Fabiana: Exatamente, teve épocas assim se volta pra mão deles, como a gente fala né, deles tomarem conta do território eles começam a ditar quem é o funcionário que pode entrar no pátio, quem é o funcionário que não entra, porque eles criam toda uma hierarquia, é só você dá um... (estalou os dedos), eles criam uma hierarquia todinha ali dentro. (informação verbal)⁹⁸

Outra forma de violência encontrada se constitui em uma prática aceita dentro dos centros, apesar de aparecer em alguns relatos que em alguns deles esta prática não existe mais, mas o fato é que Jaqueline traz as consequências de esta prática tão antiga dentro da Fundação Casa: “licença senhor, licença senhora”.

Jaqueline: (...) [Quando] nós vamos, pra enfermaria, tudo em fila mão pra trás... odeio aquilo licença senhor, licença senhora...eu chego tonta olha nos primeiros dias que eu trabalhei na provisória chegava tonta casa, acostumei...licença senhor, licença senhora, licença senhora, licença senhor o dia inteiro. Aquilo passa perto de você dez vezes, licença senhor, licença senhora...tem que falar. Porque se não falar os coordenadores faz voltar e pedir licença

Tem um coordenador aqui, se eu passar com os meninos pra lá “Oxi...onde você está pensando que está? Que, que há hein? Desaprendeu agora?” aí um vai licença senhor, licença senhora.

Tudo de novo, todo dia...ah sabe como eu chamo aquilo?...pedagogia da punição (risos) pedagogia da punição (risos) né. Então assim irrita, chega ser irritante isso, Pelo amor de Deus, tem que acabar com essa coisa...licença senhor, licença senhora, ah passa a senhora está sentada...tem uns que abusam...”liceença” senhora! (deboche seguido de risos) a gente não pode rir perto mas dá vontade de rir muito, dá vontade de rir, ”liceença senhora” (deboche seguido de risos). (...)

Deise: Você conhece muita gente que se afastou?

Jaqueline: Nossa, teve um colega , acho que dois essa semana afastado, estava assim nossa... que levar assim a ferro e a fogo...grito o cara gritava, que lá da sala dava pra ouvir. Os gritos que ele dava nos meninos...que nada...porque é assim, na sala de aula não pode cruzar as pernas é o tempo inteiro, se fizer assim...descruza a perna, se fizer assim...não levanta da carteira, se encostar na parede, desencosta da parede... isso é muito cansativo normalmente né. Tem dia que eu chego em casa assim...cansada eu procuro não dominar a mente, não envolver tanto. (Informação verbal)⁹⁹

Este tipo de procedimento adotado pelos/as agentes é apontado por Goffman (2010) como parte das instituições totais, as quais impõe este tipo de ação e caso

⁹⁸ Informação fornecida por Fabiana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

⁹⁹ Informação fornecida por Jaqueline em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, setembro de 2016.

esta seja descumprida, os castigos certamente serão aplicados, mas as consequências não chegam apenas para os/as adolescentes, como também para os agentes, que nos parecem chegar a um nível de estresse significativo.

Parece característico de todo estabelecimento, e sobretudo das instituições totais, que algumas formas de deferência sejam específicas, e que os internos devam apresentá-las, enquanto a equipe dirigente deve recebê-las. Para que isso aconteça, os que devem receber expressões espontâneas de consideração precisam ser aqueles que ensinam as formas e as impõem. Disso decorre que, nas instituições totais, um aspecto que as diferencia da vida civil é que a deferência é colocada numa base formal, com exigências específicas para as infrações; não apenas são exigidos os atos, mas também a apresentação externa de sentimentos íntimos. Algumas atitudes manifestadas – por exemplo a insolência – serão explicitamente castigadas. (GOFFMAN, 2010, p. 101)

Como podemos notar, este impacto é devastador para os/as trabalhadores, agora imaginemos na vida dos/as adolescentes que, nesta relação, são a parte que menos têm condições de reagir, que ficam internados nesta instituição por no mínimo seis meses. É uma relação tão tensa que Joana diz que o medo a faz se manter viva.

Deise: [referente aos ex internos] Você sente medo?

Joana: Dá receio, porque assim é... você, eles não tem nada a perder na vida. Porque que nem, quando alguns estavam vindo da Fundação e falavam assim pra mim: “Ah, senhora, pega nada, o máximo que vocês vão poder fazer ai, fazer um relato, posso matar a senhora e não pega nada”. É verdade, porque se ele mata um ele vai ficar no máximo três anos, se ele matar dez ele vai ficar no máximo três anos, entendeu? Então pra eles tanto faz, isso não é uma criança que está lá dentro, uma criança poderia ser é...consegue...como posso te falar? Esta com a sua formação...ainda...é...em formação, você consegue educar...eles já são homens, que já vem já sabendo o que quer, e ai se eles já estão lá dentro, e eles não ouviram os pais, não ouviram e não seguiram as regras da sociedade, ele não vai querer a ouvir a orientação e as regras do estranho, ai houve o maior confronto.

Deise: Então você tem medo às vezes?

Joana: Sim, dá medo, com certeza, com certeza. Acho que isso que nos mantém ainda vivos, o medo. (informação verbal)¹⁰⁰

100 Informação fornecida por Joana em entrevista para produção desta pesquisa, em São Paulo, novembro de 2016.

Considerações finais

Esta pesquisa possibilitou um olhar mais ampliado para os centros de internação de adolescentes da Fundação Casa, e mais especificamente, sobre o trabalho do/a agente de apoio socioeducativo, comumente retratado por pessoas que lutam pela defesa dos direitos humanos de crianças e adolescentes a partir de um único ponto de vista, normalmente aprisionados na ideia de que estes/as trabalhadores/as são pessoas más, que violam o tempo todo o direito dos/as adolescentes e que contribuem para que a Fundação Casa não cumpra o seu papel de “ressocializar” os/as adolescentes que cometem ato infracional, porém o que encontramos foi o inverso, estes/as trabalhadores/as contribuem para que a Fundação Casa cumpra com o seu papel, a grande questão é que o verdadeiro papel de instituições como esta é o de controle social da pobreza,, sendo assim não é necessário a realização de nenhum investimento socioeducativo sério, nem para os/as adolescentes e, muito menos, para os trabalhadores/as, o que de fato é necessário manter é a ordem e a disciplina para que não ocorra situações de grandes conflitos que tomem visibilidade na mídia.

Até mesmo porque esta instituição tem sua história marcada pelo militarismo, quando da sua criação na década de 1970, e por um modelo de internação similar as prisões de adultos, as quais não necessitavam de nenhum tipo de trabalho pedagógico a não ser o de manter a disciplina.

Como vimos neste trabalho todo este sistema iniciado em 1970 entrou em colapso em 2005 quando o então Secretário da Segurança Pública fez um movimento de tentar garantir que quem ocupasse um cargo socioeducativo não tivesse a função de segurança, lembrando que naquele momento houve várias rebeliões, morte de adolescentes e até mesmo de agentes/monitores.

Esta tentativa falhou, na nossa avaliação, primeiro que após exonerar mais de 1500 trabalhadores/as, sem um processo legal legítimo, que garantisse ampla defesa para que pudesse responsabilizar os/as responsáveis pelas torturas, mas o que houve foi abrir um precedente que culpados e inocentes voltassem a ocupar seus cargos, denotando o quão sem controle foi esta ação, os cargos foram restituídos, e mesmo antes da restituição dos cargos, tivemos o exemplo de uma das

agentes que, mesmo exonerada foi convidada para assumir um cargo de chefe de segurança. Fica evidente que este processo de exoneração foi a tentativa de mostrar para a sociedade que o problema não era a instituição, mas sim como disse um dos entrevistados: “eliminar as maçãs podres”, alocando toda a responsabilidade da falência do modelo Febem nos/as agentes de apoio socioeducativo.

Com a mudança de nome e todo o processo de municipalização de 2006, esperava-se que as situações de violência seriam extintas com o passar dos anos, e que esta instituição não fosse a continuidade do que era a Febem, mas como produzir tamanha mudança investindo apenas em aspectos ligados na aparência, como o modelo arquitetônico dos centros, sem existir um investimento mais direcionado de formação continuada para os/as trabalhadores/as que lidam diretamente com os/as adolescentes durante todo tempo do seu dia de trabalho? Durante esta pesquisa encontramos referência a uma formação online que estava acontecendo naquele ano de 2016, mas que os/as agentes identificaram como uma de suas primeiras formações após mais de 10 anos de trabalho, além de apontar a fragilidade das formações, visto que qualquer pessoa poderia responder na plataforma online.

A base de seleção para novos/as contratados apenas reforça a ideia de que para atuar como agente de apoio socioeducativo é necessário ter um perfil de segurança, lidar com situações de controle e de manutenção da ordem, não permitindo que situações de rebeliões ocorram, enfim, não há menção a ações socioeducativas, nem como exigência do trabalho. A contradição existente se dá pelo fato de que um/a profissional que tem que garantir a segurança de todos/as dentro de um centro de internação, também tem que conduzir adolescentes as aulas, acompanhar as refeições, acompanhar o banho, acompanhar as saídas, acompanhar as visitas aos familiares, ser referência para “ajudar” o/a adolescente a cumprir a sua medida. Como foi apontado por Pedro em dado momento de sua entrevista, que o mesmo que em dado momento acolhe como um ato socioeducativo e o mesmo que se vê diante de situações de grande tensão e que terá que ser o “segurança” responsável pela manutenção da vida de todos/as ali existentes. Ou seja, lhes pedem uma segurança na educação: como promover isto? Esta não era uma questão que já deveria estar superada, desde quando se iniciou o processo de

municipalização das medidas socioeducativas, quando o então presidente da Febem, Alexandre de Moraes, tentou romper com esta dupla função?

E mesmo que estes fossem cumprir apenas uma função voltada para a segurança esta não seria possível, pois nem mesmo treinamento voltado para segurança estes/as trabalhadores/as tem.

Desta maneira, temos um cenário bem complexo: trabalhadores/as que devem exercer as funções de uma educação na segurança, sem o preparo adequado para educação e, muito menos, para segurança. Isto foi se evidenciando ao longo do trabalho, quando os relatos que foram surgindo das entrevistas trouxeram o quanto os/as agentes socioeducativos se sentem desvalorizados em seu trabalho, o quanto o distanciamento das equipes técnicas ocorrem pois sabem que muitas de suas ações com os/as adolescentes são desaprovadas por estes/as profissionais, ao mesmo tempo que também desqualificam o trabalho da equipe técnica quando não compreendem que trabalhar com adolescentes internados não consiste apenas no trabalho realizado pelos/as agentes que ficam com eles praticamente o tempo todo.

Esta visão dificulta qualquer tipo de aproximação que busque a superação da violência existente na instituição, não estamos tratando aqui apenas de violência física, mas da própria violência estrutural e institucional da qual todos/as estão expostos/as, e que com certeza vai recair com maior brutalidade na parte mais fraca desta relação: os/as adolescentes.

Na atuação profissional dos/as agentes, estes/as demonstram o quanto não acreditam no trabalho realizado dentro dos centros, culpabilizam as famílias pelas condições socioeconômicas que os/as adolescentes vivenciam, apenas uma entrevistada conseguiu apontar a falta de políticas públicas como um dos fatores para que os/as adolescentes continuassem infracionando, mas, em geral, os/as agentes trouxeram relação estreita com a meritocracia como fator preponderante para a entrada ou saída do mundo do crime, e os centros de internação como um lugar para se “guardar” o/a adolescentes, ou seja, um lugar em que ele/a tem que ficar para “pagar” pelos seus erros, e não um lugar que pudesse contribuir para a ressignificação do ato infracional cometido com vistas à não reincidência.

A descrença na recuperação dos/as adolescentes e, conseqüentemente, em seu trabalho foi algo muito presente ao longo da pesquisa e, se não há nenhum tipo de crença na possibilidade de que um/a adolescente possa mudar sua história de vida, então não é necessário nenhum tipo de investimento maior nisso, ou seja, o trabalho deve se resumir ao cumprimento das normas internas da instituição, e o/a adolescente só estará apto a sair se minimamente conseguir acordar cedo, escovar os dentes, tomar banho, arrumar a cama, ir a escola, fazer os cursos, mesmo que estes não façam sentido algum, ser obediente indistintamente e não questionar.

Todo o trabalho se resume ao cumprimento de regras, e qualquer possibilidade de existir um/a ou mais adolescentes que tenham algum perfil de liderança, deve ser combatida, pois lideranças não são bem vistas dentro da instituição. Como disse Jaqueline: “não podemos deixar os rosas crescerem”. Tudo isso contraria qualquer perspectiva de trabalho socioeducativo, onde os/as trabalhadores fortaleceria as lideranças para que consigam dar outro sentido para suas vidas, mas diante de profissionais que estão despreparados é exigir demais que consigam lidar com a possibilidade de outro tipo de trabalho, com adolescentes que necessitam de uma intervenção muito mais pedagógica que policalesca, se de fato quiséssemos contribuir com a saída destes do mundo do crime, mas o que se evidencia é a tentativa apenas de manter a ordem. E esta ideia de manutenção da ordem não é algo pura e simplesmente de responsabilidade destes/as profissionais, é algo que esta nas estruturas da instituição e que só se comprova cada vez mais diante da falta de condições de trabalho.

A relação com os/as adolescentes não perpassa pela lógica do cuidado, mas sim do medo. Os/as adolescentes são vistos como inimigos que precisam ficar sob controle e qualquer deslize pode colocar toda a ordem a perder. Portanto, tudo é válido para garantir a ordem e o controle, inclusive atacar para se defender.

Este tipo de relação traz conseqüências brutais que causam prejuízos para os/as adolescentes e para os/as trabalhadores que, por mais que queiram, não conseguem transpor este limite, até mesmo porque a instituição em si não contribui para que haja uma mudança, de alguma forma o que temos são trabalhadores/as que contribuem para que a Fundação Casa cumpra o seu papel: invisibilidade dos seus/as internos. Se, de fato, a instituição quiser enfrentar esta questão, não será

pelo caminho mais fácil: exonerar trabalhadores/as, mas sim investir em formação permanente, contratar profissionais distintos para que de fato exerçam funções distintas: segurança e educação. Para além disto, temos que defender um novo jeito de tratar a questão do cometimento de atos infracionais no Brasil, para além da medida de internação em estabelecimento educacional, pois esta traz muito mais elementos de “cadeia” do que de “escola”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Natália Kelle Dias e COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas, **A violência estrutural**, Salvador, 2008. Disponível em: www.revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/viewFile/323/270. Acesso em 10/08/2017)

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. São Paulo: CMDCA, 2017.

BRASIL, Ministério dos Direitos Humanos (MDH), **Levantamento Anual Sinase 2016**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

BRASIL. SINASE. **Lei nº 12.594**, de 18 de janeiro de 2012.

DEL PRIORE, Mary. **História das Crianças no Brasil**. – 6ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

FERREIRA, Luiz Antonio Miguel. **O Estatuto da Criança e do Adolescente e o Professor – Reflexos na sua formação e atuação**, São Paulo: Cortez Editora, 2008.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Cronologia da crise**, 1999. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2812199908.htm>> Acesso em 10/08/2017

FUNDAÇÃO CASA – **Conceitos, diretrizes e procedimentos** – Superintendência de Segurança e Disciplina, São Paulo – SP, 2014.

_____, **Editais nº 01/2014 de abertura de inscrições, 2014**. Disponível em: <file:///C:/Users/circu/Downloads/drh_concurso_publico_cp_2014_EDITAL_01-2014_ABERTURA_INSCRICOES%20(1).pdf>. Acesso em 25/04/2016.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

_____, **Estigma – Notas sobre a Manipulação da identidade deteriorada**, Rio de Janeiro: LTC, 2012.

_____, **Manicômios, prisões e conventos**, São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____, **Os quadros da experiência social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

_____, **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, **Secretaria de Segurança Pública, Institucional/Carreira Policial**, 1997. Disponível em: <<http://www.ssp.sp.gov.br/fale/institucional/answers.aspx?t=5>>. Acesso em: 30/06/2018).

HELLER, Agnes – **O Quotidiano e a História** - Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1972.

MILGRAN, Stanley – **Os perigos da obediência/ Behavioral Study of Obedience**, Journal of Abnormal and Social Psychology, 67, 371, 378. Tradução do Consulado dos Estados Unidos – Rio de Janeiro: Revista Diálogo.

MOSCOVICI, S. – **Representações Sociais: investigações em psicologia social** – 11 ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

MNPCT. **Relatório de visita Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente Paulista** – Brasília, 2015

MNPCT. **Relatório de visita Centro de Atendimento Socioeducativo Casa de Taipas Estado de São Paulo** – Brasília, 2015

NASCIMENTO, DEISE F, **Opiniões sobre os direitos da criança e do adolescente no distrito de Lajeado/São Paulo** - São Paulo - 2011

PAULA, Paulo Afonso Garrido. **Ato Infracional e Natureza do Sistema de Responsabilização**. in ILANUD, ABMP, SEDH, UNFPA (orgs). **Justiça, Adolescente e Ato Infracional: socioeducação e responsabilização** – São Paulo: ILANUD, 2006.

PREFEITURA DE SÃO PAULO, **Pré requisito para ingressar na GCM**, 2009. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/seguranca_urbana/guarda_civil/concurso/prerequisito/index.php?p=10917>. Acesso em: 30/06/2018)

RIZZINI, Irene, PINOTTI, Francisco (Orgs). **A arte de governar crianças** – A história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil – 2ª Ed. São Paulo, Cortez Editora, 2009

RODA VIVA, **Um projeto de educação, profissionalização e inserção na sociedade é a estratégia, relatada pelo então presidente da Febem, para a recuperação de menores infratores**, 2005. Disponível em: <<http://www.rodaviva.fapesp.br>> Acesso em 05/07/2018.

SILVA, José F S, **Violência, Serviço Social e formação profissional** - in: Serviço Social e Sociedade – Ano XXV – nº 79 - São Paulo: Editora Cortez, 2004.

SEDH, UNFPA (orgs). **Justiça, Adolescente e Ato Infracional: socioeducação e responsabilização** – São Paulo: ILANUD, 2006

TAVARES, Elizabeth P. N., **O trabalho dos monitores na Febem**. São Paulo: FUNDACENTRO, 2008.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Evitar o desperdício de vidas.** in ILANUD, ABMP, SEDH, UNFPA (orgs). **Justiça, Adolescente e Ato Infracional: socioeducação e responsabilização** – São Paulo: ILANUD, 2006.

_____. **Violentamente pacíficos – desconstruindo a associação juventude e violência** – Editora Cortez, 2010

TRASSI, Maria de Lourdes. **Adolescência Violência: desperdício de vidas** – São Paulo: Cortez, 2006.

UNIFESP. **Manual de normalização de trabalhos acadêmicos Universidade Federal de São Paulo**, Biblioteca da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2012

VINUTO, Juliana. **Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa** – Campinas: Temáticas, 2014

ZIMBARDO, Philip. **O efeito Lúcifer: como pessoas boas se tornam más** – Rio de Janeiro, Editora Record, 2015.

APÊNDICE 1 – Roteiro de Entrevista

Roteiro de entrevista – Agente Sócioeducativo

Dados básicos

1. Sexo: _____ Idade: _____ Raça/Etnia: _____
2. Você tem formação para além do ensino médio? Há quanto tempo você atua na função de agente de apoio socioeducativo?
3. Esta é a sua primeira unidade de atuação ou já esteve em outras?
4. Qual seu estado civil? Tem filhos (de que idade)?
5. Aprontou muito quando era criança? Que tipo de adolescente foi? O que lembra da sua própria adolescência?

Eixo biográfico

6. Antes de trabalhar na Fundação CASA você atuava em qual área?
7. Como ocorreu o processo de escolha deste trabalho?
8. Você pretende permanecer neste trabalho? Tem planos diferentes para o futuro?
9. Tem alguma rotina de preparação para entrar no trabalho? Tem alguma rotina ao final do dia de trabalho, para relaxar?

Eixo cotidiano

10. Como é um dia típico de trabalho?
11. Quais os riscos que você identifica no seu trabalho?
12. Sua família conhece esses riscos?
13. Já teve um dia / episódio positivo com algum interno?
14. Qual a pior situação que já viveu no interior da unidade?
15. Recupere a sensação de quando entrou pela primeira vez na Unidade da Fundação.
16. Teve algum colega que te ajudou no começo, a entender como funciona este lugar?
17. Qual o apoio que tem (emocional, de trabalho) no cotidiano da unidade?

18. Você sente que seu trabalho é reconhecido?
19. Se não houvesse limitação de recursos (tempo, dinheiro, legislação), o que você mudaria nesta unidade?
20. Que riscos físicos e/ou psicológicos você consegue identificar no seu trabalho?

Eixo: população atendida

21. Você acha que algum destes internos é recuperável? E irrecuperável?
22. Você acha que tem algum interno que não precisava estar aqui?
23. A que você atribui a delinquência desses adolescentes?
24. Você já esteve de plantão nos finais de semana? O que você acha das mães/ pais/responsáveis que vem visitar os internos? Tem algum interno que não recebe visita? Por que?
25. O que você acha que seria necessário que um interno tivesse no momento da saída para não reincidir? Ou você acha que é uma questão de moral?
26. Você vê diferença na atitude dos adolescentes quando eles entram e quando já tem mais tempo de internação?
27. Você identifica líderes entre os internos? Há grupos definidos entre eles?
28. Em situação de rebelião, o que você sente? Qual a sua referência para ação nesses momentos?
29. Você é a favor da redução da maioridade penal? E da ampliação do tempo de internação?

Eixo educacional

30. Você identifica aspectos educativos no seu trabalho? Para a vida, para a sociedade?
31. Consegue descrever uma situação que considerou educativa no seu cotidiano?
32. Como é sua relação com o pessoal que vem fazer as oficinas com os internos? E com as/os professoras/es da escola? (tem momentos de socialização comuns? Café, por ex)

33. Você identifica diferença no comportamento dos internos antes e depois das oficinas/aulas? Qual o sentido dessas atividades para os internos? Você implementaria atividades diferentes?
34. O dispositivo de ASE de referência funciona na prática? Que efeitos você percebe? Você tem adolescentes/jovens para quem você é referência? Como isso funciona? Tem vantagens? Tem desvantagens?

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **A representação do Agente de Apoio Socioeducativo dos Estabelecimentos Educacionais de Internação sobre o trabalho socioeducativo**. Este estudo tem o objetivo de mapear e compreender as representações sobre o trabalho socioeducativo realizado pelos Agentes de Apoio Socioeducativo, levando em consideração o contexto vivido dentro dos estabelecimentos educacionais de internação, e assim buscar compreender se a situação em que estão inseridos exerce influência na sua maneira de agir.

Todos os procedimentos levarão em conta a confidencialidade e o anonimato dos participantes, a fim de que não haja estigmatização e nem o uso de suas imagens e informações de forma que os prejudique ou a sua comunidade. Sua participação envolverá, a resposta a entrevistas semiestruturadas, que serão gravadas e realizadas em local fora da instituição de trabalho, sendo que as despesas com locomoção serão custeadas pela entrevistadora. O tempo de duração da entrevista será em torno de 02h (duas horas). Os dados obtidos são confidenciais e serão utilizados única e exclusivamente para este estudo.

Esta pesquisa tem o risco de causar desconforto psicológico e dificuldades no lugar de trabalho, que serão minimizados pelo anonimato total dos entrevistados e da instituição.

Você terá garantido o acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas, sendo a principal investigadora Deise Fernandes do Nascimento, que pode ser localizada pelo email: dfernandesn@yahoo.com.br ou pelo telefone: (11) 9 6166 2707. Sabendo que se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), situado à Rua Botucatu, 572 – 1º. Andar – cj 14, fone: 5571 1062, fax 5539 7162, e-mail: cepunifesp@unifesp.br

Você tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, ou dos resultados que sejam do conhecimento dos pesquisadores.

Você não terá custos extras e tem plena liberdade para recusar a participação na referida pesquisa a qualquer momento, sem penalização alguma.

Acredito ter sido suficiente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim descrevendo o estudo **A representação do Agente de Apoio**

Socioeducativo dos Estabelecimentos Educacionais de Internação sobre o trabalho socioeducativo.

Eu discuti com a Sra. Deise Fernandes do Nascimento sobre a minha decisão em participar nesse estudo e ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

E ainda tenho ciência de que terei posse de uma via deste termo assinada.

Por estar de pleno acordo com o presente termo, assino abaixo o mesmo.

São Paulo, ____ de ____ de 20__.

Nome do participante da pesquisa
pesquisa

Assinatura do participante da

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo. Declaro ainda que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

São Paulo, ____ de ____ de 20__.

Deise Fernandes do Nascimento
Pesquisadora principal

APÊNDICE 3 – CATEGORIAS DE ANÁLISE

Categorias	Texto da anotação
1999	Rebeliões de 1999
2005	Crise de 2005, toda referência a demissão em massa dos agentes de apoio socioeducativo e também as rebeliões ocorridas neste período
2013	Crise 2013
Adolescência	Quando fala da sua própria adolescência
Adolsecntes	Quando se apresenta a representação que o/a agente tem sobre o adolescente internado
Ambiguidade de função	Quando o agente percebe-se como segurança e educador
Barganha	Quando se barganha com o adolescente para conseguir controlar a situação
Condição de trabalho	Materiais utilizados, uniformes, horários de trabalho, falta de recursos materiais e de recursos humanos.
Coping	Estratégia para superar e conviver com o stress
Crise	Se refere a todas as crises da Instiuição FEBEM ou Fundação CASA
Denuncia	Situações que os adolescentes denunciam os maus tratos, sem rebelião, fora das crises. Situação que o agente tem vontade de denunciar Quando a situação de maus tratos deixa de ser natural
Estratégia de controle	Ações utilizadas para manter o controle dos adolescentes e também para manter o mínimo de controle do trabalho desenvolvido
Ex internos	Quando se referir a adolescentes que já saíram da F CASA
Família	Quando se referir a família dos adolescentes internados
História de vida	Quando conta de si próprio
Início no trabalho	Como chegou a ser agente de apoio socioeducativo
Internos	Quando se referir a adolescentes internados
Medicalização	Quando o adolescente é medicado com o objetivo de controle do comportamento
Medo	Vinculados a situação de trabalho
Medo	Quando o agente utiliza de alguma forma de ameaça para que o adolescente permaneça dentro do comportamento desejado pela instituição
Mentira	Quando o agente mente para manter o controle do adolescente
Mérito	Quando se refere a conquistas diante do seu próprio esforço
Morte	Quando o entrevistado apontar a morte de adolescentes internados e de trabalhadores/as
Psicológica	Se refere a quando o adolescente for ameaçado, rejeitado, humilhado e discriminado.
Regulamentação	Forma jurídica
Relações de gênero	Quando se refere a mulheres que executam a função de maneira distinta dos homens no que se refere a atuação profissional
Representação sobre a internação	A representação que o agente tem sobre a internação: adolescentes e si mesmo
Tortura	Quando o interno está subjugado
Trabalho	Quando se referir ao trabalho que considera socioeducativo

socioeducativo

Valorização	Quando a pessoa sugere melhorias nas condições de trabalho
Violência física	Quando estamos falando de embate: todos se batendo
Violência Sexual	Cometida contra os adolescentes e cometida contra profissionais da fundação